

*Dicionário Terminológico*  
*da*  
*Língua portuguesa*



**Outubro /2009**

# Hierarquização dos conteúdos

## A. Língua, comunidade linguística, variação e mudança

### A.1. Língua e comunidade linguística

#### A.1.1. Comunidade e falante

- Comunidade linguística
- Falante
- Competência linguística
- Competência metalinguística

#### A.1.2. Estatuto das línguas

- Língua oficial
- Língua materna
- Língua segunda, L2
- Língua estrangeira

### A.2. Variação e normalização linguística

#### A.2.1. Variação

- Variedades geográficas
  - Variedades do português
    - Variedade europeia / Variedade brasileira / Variedades africanas
- Variedades sociais
- Variedades situacionais
- Variação histórica

#### A.2.2. Normalização linguística

- Língua padrão

### A.3. Contacto de línguas

- Substrato
- Superstrato
- Adstrato
- Bilinguismo
- Multilinguismo
  - Crioulo
    - Crioulos de base lexical portuguesa

### A.4. Mudança linguística

#### A.4.1. Factores e tipos de mudança

- Factores internos / Factores externos
- Tipos de mudança
  - Mudança regular
  - Mudança irregular
  - Gramaticalização

#### A.4.2. História do português

- Português antigo
- Português clássico
- Português contemporâneo

#### A.4.3. Etimologia e genealogia linguística

- Famílias de línguas
- Etimologia

Étimo  
Palavras divergentes  
Palavras convergentes

## **B. Linguística Descritiva**

### **B.1. Fonética e Fonologia**

#### **B.1.1. Sons e fonemas**

Fonema

Vogal

Semivogal

Consoante

##### **B.1.1.1. Caracterização dos sons**

Modo de articulação

Ponto de articulação

Vozeamento

##### **B.1.1.2. Sequências de sons**

Ditongo

Grupo consonântico

Hiato

#### **B.1.2. Prosódia/Nível prosódico**

##### **B.1.2.1. Características acústicas**

Tom

Duração

Intensidade

##### **B.1.2.2. Sílabas**

Formatos de sílaba

Sílaba aberta

Sílaba fechada

Propriedades acentuais das sílabas:

Sílaba tónica

Sílaba átona

Classificação das palavras quanto ao número de sílabas:

Monossílabo

Dissílabo

Trissílabo

Polissílabo

##### **B.1.2.3. Acento**

Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica:

Palavra aguda

Palavra grave

Palavra esdrúxula

Propriedades acentuais das sílabas:

Sílaba tónica

Sílaba átona

##### **B.1.2.4. Entoação**

Pausa

Pausa preenchida

Pausa silenciosa

### **B.1.3. Processos fonológicos**

- Inserção de segmentos
- Supressão de segmentos
- Alteração de segmentos
  - Assimilação
  - Dissimilação
  - Nasalização
  - Ditongação
  - Redução vocálica
  - Crase
- Metátese

## **B.2. Morfologia**

### **B.2.1. Palavra e constituintes da palavra**

- Palavra
  - Palavra simples
  - Palavra complexa
- Constituinte morfológico
  - Radical
  - Afixo
  - Interfixo
  - Prefixo
  - Sufixo

### **B.2.2. Morfologia flexional**

- Flexão
  - Palavra variável
  - Palavra invariável

#### **B.2.2.1. Flexão nominal e adjectival**

Categorias relevantes para a flexão de nomes, determinantes, pronomes e adjectivos:

- Constituinte temático
  - Índice temático
- Género
  - Masculino / Feminino
- Número
  - Singular / Plural
- Caso
  - Nominativo
  - Acusativo
  - Dativo
  - Oblíquo
- Grau
  - dos nomes
    - Aumentativo / Diminutivo
  - dos adjectivos (e advérbios)
    - Normal / Comparativo / Superlativo
- Pessoa
  - Primeira / Segunda / Terceira

### **B.2.2.2. Flexão verbal**

#### Conjugação

Constituinte temático

Vogal temática

Primeira conjugação

Segunda conjugação

Terceira conjugação

Categorias relevantes para a flexão de verbos:

Pessoa

Primeira / Segunda / Terceira

Número

Singular / Plural

Tempo verbal

Presente

Pretérito

Perfeito / Imperfeito / Mais-que-perfeito

Futuro

Modo

Formas verbais finitas

Indicativo

Conjuntivo

Condicional

Imperativo

Formas verbais não finitas

Infinitivo

Pessoal / Impessoal

Gerúndio

Particípio

Especificidades da flexão verbal:

Amálgama

Tipologia verbal

Verbal regular

Verbo irregular

Forma forte

Forma fraca

Verbo defectivo

Verbo impessoal

Verbo unipessoal

Forma supletiva

### **B.2.3. Processos morfológicos de formação de palavras**

Palavra simples

Palavra complexa

Base

#### **B.2.3.1. Derivação**

Processos que envolvem adição de constituintes morfológicos:

Afixação

Prefixação

Sufixação

Parassíntese

Processos que não envolvem adição de constituintes morfológicos

Conversão

Derivação não-afixal

### **B.2.3.2. Composição**

Composição morfológica

Composição morfossintáctica

## **B.3. Classes de palavras**

Itens lexicais

Palavra

Locução

### **B.3.1. Classe aberta de palavras**

Nome

Classes de nomes:

Nome próprio

Nome comum

Nome contável

Nome colectivo

Nome não contável

Nome colectivo

Verbo

Verbo principal

Classes de verbos estabelecidas em função da presença e tipo de complementos:

Verbo intransitivo

Verbo transitivo directo

Verbo transitivo indirecto

Verbo transitivo directo e indirecto

Verbo transitivo-predicativo

Verbo auxiliar

Verbo copulativo

Adjectivo

Classes de adjectivos:

Adjectivo relacional

Adjectivo qualificativo

Adjectivo numeral

Advérbio

Classes de advérbios

Advérbio de predicado

Advérbio de frase

Advérbio conectivo

Advérbio de negação

Advérbio de afirmação

Advérbio de quantidade e grau

Advérbio de inclusão e exclusão

Advérbio interrogativo

Advérbio relativo

Interjeição

### **B.3.2. Classe fechada de palavras**

Pronome

Classes de pronomes

Pronome pessoal

Pronome demonstrativo

Pronome possessivo

Pronome indefinido

Pronome relativo

Pronome interrogativo

Determinante

Artigo

definido

indefinido

Determinante demonstrativo

Determinante possessivo

Determinante indefinido

Determinante relativo

Determinante interrogativo

Quantificador

Quantificador universal

Quantificador existencial

Quantificador numeral

Quantificador interrogativo

Quantificador relativo

Preposição

Conjunção

Conjunção coordenativa

Conjunção subordinativa

## **B.4 Sintaxe**

### **B.4.1. Frase e constituintes da frase**

Frase

Constituintes da frase

Grupo nominal

Grupo adjectival

Grupo verbal

Complexo verbal

Grupo preposicional

Grupo adverbial

### **B.4.2. Funções sintácticas**

Funções sintácticas ao nível da frase:

Sujeito

Sujeito simples

Sujeito composto

Sujeito nulo

Predicado

Modificador

Vocativo

Funções sintácticas internas ao grupo verbal:

Complemento

- Complemento directo
- Complemento indirecto
- Complemento oblíquo
- Complemento agente da passiva
- Predicativo
  - Predicativo do complemento directo
  - Predicativo do sujeito
- Modificador
- Funções sintácticas internas ao grupo nominal:
  - Complemento do nome
  - Modificador
    - Modificador restritivo
    - Modificador apositivo
- Funções sintácticas internas ao grupo adjectival:
  - Complemento do adjectivo

#### **B.4.3. Tipos de frase**

- (Tipo de) frase declarativa
- (Tipo de) frase interrogativa
- (Tipo de) frase exclamativa
- (Tipo de) frase imperativa
- Frase activa
- Frase passiva

#### **B.4.4. Articulação entre constituintes e entre frases**

- Frase simples
- Frase complexa
  - Oração
    - Coordenação
      - Sindética
      - Assindética
    - Coordenação entre frases
      - Oração coordenada
        - Oração coordenada copulativa
        - Oração coordenada disjuntiva
        - Oração coordenada adversativa
        - Oração coordenada conclusiva
        - Oração coordenada explicativa
  - Subordinação
    - Subordinante
    - Oração subordinada
      - Oração subordinada substantiva
        - Oração subordinada substantiva completiva
        - Oração subordinada substantiva relativa
      - Oração subordinada adjectiva
        - Oração subordinada adjectiva relativa
          - Oração subordinada adjectiva relativa restritiva
          - Oração subordinada adjectiva relativa explicativa
      - Oração subordinada adverbial
        - Oração subordinada adverbial causal
        - Oração subordinada adverbial final

Oração subordinada adverbial temporal  
Oração subordinada adverbial concessiva  
Oração subordinada adverbial condicional  
Oração subordinada adverbial comparativa  
Oração subordinada adverbial consecutiva

#### **B.4.5. Processos sintáticos**

Concordância  
Elipse

### **B.5 Lexicologia**

#### **B.5.1. Léxico e vocabulário**

Léxico  
Vocabulário  
Expressão idiomática  
Neologismo  
Arcaísmo  
Família de palavras

#### **B.5.2. Semântica lexical: significação e relações semânticas entre palavras**

Significação lexical  
Significante  
Denotação  
Conotação  
Monossemia  
Polissemia

Relações semânticas entre palavras:

Relações de hierarquia

Hiperonímia

Hoponímia

Relações de parte-todo:

Holonímia

Meronímia

Relações de semelhança/oposição:

Sinonímia

Antonímia

Estrutura lexical

Campo lexical

Campo semântico

#### **B.5.3. Processos irregulares de formação de palavras**

Extensão semântica  
Empréstimo  
Amálgama  
Sigla  
Acrónimo  
Onomatopeia  
Truncação

### **B.6 Semântica**

Significado

#### **B.6.1. Conteúdo proposicional**

Referência

- Predicação
- Polaridade
- Outros valores semânticos que contribuem para o conteúdo proposicional:
  - Especificidade
  - Genericidade
- B.6.2. Valor temporal**
  - Tempo
- B.6.3. Valor aspectual**
  - Aspecto
    - Aspecto lexical
    - Aspecto gramatical
  - Classes aspectuais:
    - Evento
    - Situação estativa
- B.6.4. Valor modal**
  - Modalidade

## **C. Análise do discurso, Retórica, Pragmática e Linguística textual**

### **C.1. Análise do discurso e áreas disciplinares correlatas**

- Análise do discurso
- Retórica
- Pragmática
- Linguística textual

#### **C.1.1. Comunicação e interacção discursivas**

- Emissor
- Locutor
- Interlocutor
- Destinatário
- Ouvinte
- Receptor
- Contexto
- Enunciação
- Enunciado
- Enunciador
- Deixis
- Discurso
- Universo de discurso
- Interdiscurso / Interdiscursividade
- Diálogo
- Monólogo
- Dialogismo
- Polifonia
- Informação
- Enciclopédia
- Acto de fala
  - Acto de fala directo
  - Acto de fala indirecto
- Acto locutório
- Acto ilocutório

Acto perlocutório  
Competência discursiva  
Estratégia discursiva  
Oralidade  
Escrita  
Registo formal / informal  
Marcadores discursivos  
Conectores discursivos

**C.1.1.1. Princípios reguladores da interacção discursiva**

Cooperação (princípio de)  
Pertinência (princípio de)  
Cortesia (princípio de)  
Máximas conversacionais  
Formas de tratamento

**C.1.1.2. Reprodução do discurso no discurso**

Citação  
Discurso directo  
Discurso directo livre  
Discurso indirecto  
Discurso indirecto livre

**C.1.1.3. Processos interpretativos inferenciais**

Pressuposição  
Implicação  
Implicaturas conversacionais

**C.1.2. Texto**

Texto / textualidade  
Co-texto  
Macroestruturas textuais  
Microestruturas textuais  
Coesão textual  
Anáfora  
Catáfora  
Co-referência não anafórica  
Coerência textual  
Isotopia  
Tema / rema  
Progressão temática  
Configuração  
Paráfrase  
Sentido  
Digressão  
Plurissignificação  
Intertexto / Intertextualidade  
Hipertexto  
Metatexto  
Tipologia textual  
Sequência textual  
Autor  
Leitor  
Plano do texto

Pacto de leitura  
Fragmento  
Estilo  
Ritmo  
Exórdio  
Epílogo  
Paratexto  
Título  
Prefácio  
Posfácio  
Epígrafe

### **C.1.3. Instrumentos e operações da retórica**

#### **C.1.3.1. Figuras de retórica e tropos**

Figura  
Tropo  
Alegoria  
Aliteração  
Alusão  
Anacoluto  
Anáfora  
Antítese  
Antonómasia  
Apóstrofe  
Comparação  
Enumeração  
Eufemismo  
Gradação  
Hipálage  
Hipérbato  
Hipérbole  
Imagem  
Ironia  
Lítotes  
Metáfora  
Metonímia  
Oxímoro  
Paradoxo  
Perífrase  
Personificação  
Pleonasmo  
Preterição  
Prosopopeia  
Quiasmo  
Sarcasmo  
Símbolo  
Sinestesia  
Sinédoque

#### **C.1.3.2 Operações retóricas**

Invenção  
Disposição

Elocução  
Memorização  
Acção

### **C.1.3.3 Retórica argumentativa**

Argumentação

## **D. Lexicografia**

### **D.1. Obras lexicográficas**

Dicionário

Dicionário monolíngue  
Dicionário de aprendizagem  
Dicionário de sinónimos  
Dicionário etimológico  
Dicionário bilingue

Glossário

Enciclopédia

Terminologia

Thesaurus

### **D.2 Informação lexicográfica**

Entrada

Artigo

Acepção  
Definição  
Remissão  
Abonação

Termo

## **E. Representação gráfica**

### **E.1. Grafia**

Letras, acentos e diacríticos

Letra

Alfabeto

Dígrafo

Diacríticos: Acento gráfico  
Acento agudo  
Acento grave  
Circunflexo

Til

Trema

Cedilha

Sinais gráficos:  
Hífen  
Apóstrofo

## **E.2 Pontuação e sinais auxiliares da escrita**

Sinais de pontuação

- Ponto (final)
- Ponto de interrogação
- Ponto de exclamação
- Dois pontos
- Ponto e vírgula
- Vírgula
- Reticências
- Travessão

Sinais auxiliares da escrita

## **E.3 Configuração gráfica**

Tipos de letra

- Letra de imprensa
- Letra manuscrita
- Letra maiúscula
- Letra minúscula

Abreviatura

Alínea

Parágrafo

Período

Espaço

Margem

Formas de destaque

## **E.4. Convenções e regras para a representação gráfica**

Ortografia

Regras ortográficas

Regras de acentuação gráfica

Regras de translineação

## **E.5. Relações entre palavras escritas e entre grafia e fonia**

Homonímia

Homofonia

Homografia

Paronímia

## **A. Língua, comunidade linguística, variação e mudança**

Conhecimento da língua e do seu uso pelos falantes, variação (geográfica, social...), normalização.

### **A.1. Língua e comunidade linguística**

#### **A.1.1. Comunidade e falante**

##### **Comunidade linguística**

Conjunto de **falantes** que utilizam uma mesma língua (que não é obrigatoriamente a **língua materna** de todos) ou um mesmo dialecto para comunicarem entre si.

##### **Falante**

Sujeito considerado enquanto utilizador de uma língua, possuidor de um conhecimento linguístico ou elemento de uma **comunidade linguística**. O termo é sinónimo de falante-ouvinte.

##### **Competência linguística**

Capacidade intuitiva que o **falante** tem de usar a sua **língua materna**, decorrente do processo natural de aquisição da linguagem.

##### **Competência metalinguística**

Capacidade que um **falante** tem de manipular e reflectir sobre unidades, processos e regras da gramática da sua língua. O desenvolvimento pleno da competência metalinguística depende, em grande parte, de instrução explícita e formal.

#### **A.1.2. Estatuto das línguas**

##### **Língua oficial**

Língua usada no contacto de um cidadão com a administração do seu país. Em países com uma situação próxima do monolingüismo, a língua oficial coincide com a língua nacional.

##### **Língua materna**

Língua com a qual um **falante** entra em contacto na infância, e que adquire em ambiente natural.

##### **Língua segunda, L2**

**Língua materna** de uma comunidade que, sobretudo por razões de imigração ou de **multilingüismo**, é aprendida por outros **falantes** da mesma comunidade a um nível secundário em relação à sua primeira língua.

*É frequente o uso do termo “língua não materna” como equivalente de língua segunda, sobretudo quando refere uma língua que é aprendida em contexto escolar por falantes que não a têm como língua materna.*

##### **Língua estrangeira**

Língua que, tomado determinado país, não é **língua materna** de nenhuma comunidade antiga, nem tem, nesse país, um reconhecimento oficial. Por vezes, este termo é usado como sinónimo de **língua segunda** ou **L2**.

### **A.2. Variação e normalização linguística**

#### **A.2.1. Variação**

Propriedade que as línguas têm de se diferenciarem em função da **geografia**, da **sociedade** e do **tempo**, dando origem a variantes e a variedades linguísticas.

## Variedades geográficas

Diferentes formas que uma mesma língua assume ao longo da sua extensão territorial. A estas variedades chama-se também "dialectos regionais" ou, simplesmente, "dialectos".

## Variedades do português

Resultado linguístico da história de Portugal: da independência no século XII, da Reconquista terminada no século XIII, da expansão extra-europeia a partir do século XV e do esforço colonizador em África, na América e na Ásia durante toda a Idade Moderna. Ao longo desta história, a população de **língua materna** portuguesa entrou em contacto com **falantes** de outras línguas e daí resultaram diferentes variedades do português: **variedade europeia**, **variedades africanas** e **variedade brasileira**.

### Variedade europeia

Português falado em Portugal continental e nos arquipélagos da Madeira e dos Açores, dividido dialectalmente em dois grandes grupos (setentrional e centro-meridional) e aceitando a variedade de Lisboa como **língua padrão**.

### Variedade brasileira

Português falado no Brasil, sujeito a uma **variação geográfica** que separa, sobretudo, os estados do litoral acima do estado da Bahia (inclusive) dos que estão abaixo.

## Exemplos

Exemplos da sintaxe e da semântica da variedade brasileira do português:

Um nome singular pode ter um valor genérico:

“Criança gosta de suco”.

Os pronomes pessoais átonos ocorrem à esquerda dos verbos principais:

“Eu tinha já lhe dado uma flor.”

## Variedades africanas

Português falado em África. O português de Angola (só o de Luanda) e o de Moçambique são as duas variedades africanas de língua portuguesa que têm sido alvo de descrição e, portanto, as únicas sobre as quais se podem fazer afirmações.

**Exemplos:** Exemplos da morfologia e da sintaxe do português de Luanda:

- **Morfema** de **plural** junto do **nome**, mas em posição pré-nominal: «os pé», ou melhor, «o s-pé» é plural de «o pé».

- **Pronomes dativo** e **acusativo** com a mesma forma: «-Você pensa que não lhe conheço».

## Variedades sociais

Também chamadas "sociolectos" ou "dialectos sociais", são variedades de uma língua usadas por **falantes** que pertencem à mesma classe social. Entre estes falantes há uma partilha de ambiente socioeconómico ou educacional. A disciplina que estuda as variedades sociais da língua ("sociolinguística") considera uma série de factores sociais de **variação** (chamados "variáveis extralinguísticas"): classe social, nível de instrução, tipo de educação, idade, sexo, origem étnica, etc.

## Variedades situacionais

Resultado da capacidade dos **falantes** para adaptarem o estilo de linguagem à situação de comunicação que enfrentam. Essa capacidade chama-se "competência comunicativa". A existência de variedades situacionais conduz quase sempre a comentários prescritivos, ou de autoridade, sobre o que, na língua, é "correcto" ou "incorrecto".

## Variação histórica

Resultado da **mudança linguística**. Consiste no contraste entre a gramática antiga de uma língua e uma gramática posterior dessa mesma língua.

Não é necessário esperar séculos para que se possa observar uma variação histórica ou diacrónica. Numa mesma língua e numa mesma época, podem coexistir duas gramáticas com regras diferentes, sendo que uma delas é **arcaizante** e a outra já apresenta o resultado de uma mudança linguística. Neste caso, as diferenças observadas na língua dos **falantes** das duas gramáticas chamam-se mudanças em curso.

### A.2.2. Normalização linguística

Resultado do processo segundo o qual uma **variedade social** e/ou **geográfica**, convertida em **língua padrão**, se torna num meio público de comunicação: a escola e os meios de comunicação passam a controlar a observância da sua gramática, da sua pronúncia e da sua **ortografia**.

## Notas

A língua padrão em Portugal, aquela que a escola, a televisão, a rádio e os jornais difundem, é a variedade de Lisboa. Há algumas décadas, conservado ainda o prestígio ancestral da Universidade de Coimbra, considerava-se que a língua padrão era a variedade de um eixo imaginário Lisboa-Coimbra.

## Língua padrão

Variedade social de uma língua (**falada** e **escrita**) que foi legitimada historicamente enquanto meio de comunicação entre os **falantes** da classe média e da classe alta de uma **comunidade linguística**. É sinónimo de norma padrão.

### A.3. Contacto de línguas

Situação de coexistência de duas ou mais línguas numa mesma região ou numa mesma **comunidade linguística**.

Por contacto, os **falantes** podem introduzir na língua que falam, de forma consciente ou inconsciente, traços de uma língua diferente da sua.

Os efeitos do contacto, se forem extremos, levam ora ao nascimento de novas línguas, como acontece com os **crioulos**, ora à imposição total de uma língua a falantes, normalmente habitantes de territórios invadidos, que abandonam a sua **língua materna**, a qual, em último caso, se pode converter numa língua morta.

## Substrato

Língua indígena desaparecida como resultado do **contacto** com uma língua invasora. Conjunto de vestígios linguísticos deixados por essa língua naquela que se lhe sobrepôs. No processo de formação de um **crioulo**, é a designação dada às línguas maternas dos falantes que criam o pidgin que o precede.

**Exemplos** substrato pré-romano na Península Ibérica

## Superstrato

Língua de invasores que desaparece no **contacto** com uma língua indígena. Conjunto de vestígios linguísticos deixados por essa língua na do território dominado.

No processo de formação de um **crioulo**, é a designação dada à língua que fornece a respectiva base lexical.

**Exemplos** línguas germânicas, de suevos e visigodos, na Península Ibérica

## Adstrato

Língua que sobrevive ao lado daquela ou daquelas com as quais estabelece um **contacto** linguístico motivado por uma invasão territorial. Nome do tipo de relação, superficial, que entre as duas línguas se estabelece.

## Bilinguismo

Capacidade do **falante** que tem **competência linguística** em duas línguas diferentes. Pode ser propriedade de um indivíduo, mas também de uma **comunidade linguística** inteira. Calcula-se que cerca de 70% da população mundial é bilingue ou **multilingue**.

## Multilinguismo

À escala do indivíduo, capacidade do **falante** para se exprimir em várias línguas com um desempenho semelhante. À escala comunitária, refere-se à situação em que, num território politicamente definido, coexistem várias línguas.

## Crioulo

Língua natural de formação rápida, que nasce de uma situação de **contacto** linguístico e se forma pela adopção de um pidgin como **língua materna**, processo necessariamente acompanhado da expansão e complexificação do pidgin. Os crioulos nascem da necessidade de expressão e comunicação plena entre sujeitos **falantes** inseridos em comunidades **multilingues** relativamente estáveis.

## Crioulos de base lexical portuguesa

**Crioulos** originados pelo contacto entre **falantes** portugueses e falantes de línguas não-europeias e formados ao longo dos primeiros séculos da expansão portuguesa para fora da Europa. Classificam-se segundo critérios político-geográficos: **Crioulos** Africanos da Alta Guiné (de Cabo Verde, da Guiné-Bissau e de Casamansa), Crioulos Africanos do Golfo da Guiné (de S. Tomé, Príncipe e Ano Bom), Crioulos Indo-Portugueses da Índia e Indo-Portugueses do Sri-Lanka, Crioulos Malaio-Portugueses, Crioulos Sino-Portugueses. Na América, o Papiamento de Curaçau, Aruba e Bonaire tem base portuguesa e castelhana e o Saramacano do Suriname, de base inglesa, tem também influência do **léxico** português.

## A.4. Mudança linguística

Fenómeno que resulta da projecção da língua de uma comunidade na história dessa comunidade e das suas comunidades descendentes. Fruto da mudança linguística, a língua do passado é diferente da língua do presente. A disciplina que estuda essa diferença é a linguística histórica. A mudança linguística observa-se a todos os níveis gramaticais e resulta da combinação de diferentes factores de mudança: os **factores internos**, que são constituídos pela própria estrutura da língua, e os **factores externos**, de natureza sobretudo **geográfica** e **social**. É através da variação social que a mudança linguística se propaga numa comunidade.

**Exemplos** As **frases** medievais em português podiam apresentar um tipo de negação (negação expletiva) que entretanto quase desapareceu, fruto da mudança sintáctica. Ex: «E assi escapou o comde Joham Fernandez de nom seer morto» (Ali 1964).

Vários **nomes** medievais portugueses sofreram uma mudança morfológica passando a receber novos **morfemas** de **género**. Ex: "a senhor">"a senhora".

Em virtude de mudanças fonológicas - **crase**, **epêntese**, **ditongação** e semivocalização - as sequências de duas **vogais** nas palavras do português antigo desapareceram em grande número. Ex: pee>pé, ãa>uma, cadêa>cadeia.

## A.4.1. Factores e tipos de mudança

### Factores internos

Condições de **mudança linguística** que se encontram dentro da própria estrutura de uma língua.

### Factores externos

Causas da **mudança linguística** que coincidem com as condições exteriores à estrutura de uma língua. Os factores externos de mudança incluem, sobretudo, a interferência de línguas ou de dialectos vizinhos, ou seja, uma influência de **contacto** e condições históricas como a emergência de diferentes formas de comunicação ou, em geral, a alteração de condições políticas, culturais, sociais ou psicolinguísticas.

### Tipos de mudança

Resultado da interpretação teórica dos fenómenos de **mudança linguística**, tomando em atenção o processo (regular ou irregular) segundo o qual ela actua e as áreas da gramática que afecta

### Mudança regular

**Mudança** que atinge os sons de uma língua, i.e., mudança **fonética** ou **fonológica**, e que parece obedecer a um princípio de regularidade: o mesmo som, numa dada língua, por vezes em contexto fonético determinado, evolui no mesmo sentido em todas as **palavras** dessa língua durante um certo período de tempo.

**Notas** Por mudança fonológica regular, as vogais breves tónicas latinas /e/ e /o/ resultaram em português em vogais /e/ e /o/ abertas, desde que o contexto fonético fosse propício. Ex: FERRU>ferro, PORTA>porta, mas PORTU>porto, com /o/ não aberto, porque numa sílaba vizinha estava a vogal /u/, que interferiu na mudança.

### Mudança irregular

**Mudança** que não obedece a um princípio de regularidade. Verifica-se ao nível fonético, sobretudo com **dissimilações** e **metáteses**, e ao nível **lexical**, com as **etimologias** populares. A etimologia popular é uma forma de mudança analógica.

**Notas** Exemplos de dissimilação: ROTUNDA (lat.)>rodonda>redonda (por.); em **português contemporâneo**, as expressões "Madre de Deus" e "Conde de Redondo" pronunciam-se, no discurso **informal**, com a supressão de um "de", "Madre Deus" e "Conde Redondo", para evitar a sequência de+de.

### Gramaticalização

Processo de **mudança linguística** pelo qual uma **palavra** muda de estatuto morfológico: deixa de ser uma palavra lexical e torna-se uma palavra ou **morfema** funcional ou gramatical.

**Notas** As formas verbais "devido" e "visto" sofreram um processo de gramaticalização, integrando as locuções conjuncionais "devido a" e "visto que".

## A.4.2. História do português

### Português antigo

Nome convencional para designar a fase da língua portuguesa falada durante a Idade Média entre o século XII (época em que se começaram a redigir textos em português) e o século XV. É sinónimo de português arcaico e de galaico-português. A fase anterior da língua portuguesa, possivelmente falada logo desde os séculos VI e VII no Noroeste da Península Ibérica, chama-se "romance galego português".

**Notas** Trecho do texto original mais antigo que se conhece, datado, escrito em português, a "Notícia de fiadores de Paio Soares Romeu", de 1175: "Istos fiadores atan .v. annos que se partia de isto male q(ue) li avem".

### **Português clássico**

Nome convencional para designar a fase do português europeu falada durante a Idade Moderna, ou seja, entre os séculos XVI e XVIII.

### **Português contemporâneo**

Nome convencional para designar a fase do português europeu falada a partir do século XIX.

## **A.4.3. Etimologia e genealogia linguística**

### **Famílias de línguas**

Grupos de línguas cuja coesão resulta de todas partilharem um antepassado comum, unindo-se, desta forma, numa relação de parentesco. Dentro da família, considera-se que as línguas mais próximas pertencem ao mesmo ramo.

### **Etimologia**

1. Estudo da origem e evolução das [palavras](#).
2. Origem e evolução de uma palavra.

### **Étimo**

[Palavra](#) da qual deriva, diacronicamente, outra palavra.

### **Palavras divergentes**

[Palavras](#) que apresentam forma diferente, apesar de terem o mesmo [étimo](#).

### **Exemplos**

"mancha" e "mácula" são palavras divergentes, porque ambas derivam do étimo latino "macula".

### **Palavras convergentes**

[Palavras](#) que apresentam a mesma forma, apesar de terem [étimos](#) diferentes.

**Exemplos** A forma verbal "são" e "são" - sinónimo de "santo" - são palavras convergentes, porque, embora tenham a mesma forma, derivam de étimos diferentes.

## B. Linguística Descritiva

### B.1. Fonética e Fonologia

**Fonética:** é a ciência que estuda as características físicas, articulatórias, acústicas e perceptivas da produção, propagação e percepção dos sons da fala, fornecendo métodos para a sua descrição e classificação. A fonética divide-se em três grandes ramos: fonética articulatória, fonética acústica e fonética perceptiva.

**Fonologia:** é a disciplina da linguística que estuda os sistemas sonoros das línguas. Da variedade de sons que o aparelho vocal humano pode produzir só um número relativamente pequeno é usado distintivamente em cada língua. Os sons estão organizados num sistema de contrastes, analisados em função de diferentes constituintes fonológicos, como, por exemplo, o **fonema** ou a **sílaba**.

#### B.1.1. Sons e fonemas

##### Fonema

Unidade mínima do sistema fonológico, que pode também designar-se como segmento. Dois sons que, substituídos um pelo outro no mesmo contexto, permitem distinguir **significados**, são fonemas de uma língua.

**Exemplos** O /p/ de "pata" e o /b/ de "bata" são fonemas do português.

##### Vogal

Som produzido sem uma obstrução do tracto vocal. Em português, foneticamente, é possível identificar catorze vogais, que se distinguem em função do seu **ponto de articulação** (estabelecendo-se distinções através dos movimentos da língua e dos lábios), bem como da passagem ou não de ar pela cavidade nasal.

##### Exemplos

As vogais de "pó", "dor" e "no" são arredondadas ( projecção dos lábios).

As vogais de "pá", "da" e "de" são recuadas (reco da língua).

As vogais de "lí", "do" e "de" são altas (elevação da língua).

As vogais de "lê", "da" e "dor" são médias (língua em repouso).

As vogais de "pá", "pó" e "pé" são baixas (descida da língua).

As vogais correspondentes aos sublinhados em "sã", "dente", "fim", "som" e "um" são nasais; as restantes vogais do Português são orais.

##### Semivogal

Som produzido com características articulatórias e acústicas semelhantes às das **vogais** e que ocorre junto de uma vogal formando com ela um **ditongo**. Uma semivogal nunca pode receber **acento**. A semivogal também pode designar-se glide.

**Exemplos** Semivogais: som final [j] da palavra "pai"; som final [w] da palavra "mau".

##### Consoante

Som produzido com uma obstrução ou estreitamento do tracto vocal em que a passagem do ar é total ou parcialmente bloqueada.

**Exemplos** As consoantes podem distinguir-se pelo seu ponto de articulação. Podem ser bilabiais (como em “pá”, “bê” e “ mau”), labiodentais (como em “fé” e “vão”), dentais (como em “tu”, “dou”, “sé” e “ zê”), alveolares (como em “no”, “ lá” e “aro”), palatais (como em “chá”, “já”, “lhe” e “ unha”), velares (como em “cá” e “água”) ou uvulares (como em “rei”).

As consoantes podem distinguir-se ainda pelo seu modo de articulação, podendo ser oclusivas orais (como em “pá”, “bê”, “tu”, “dou”, “cá” e “água”), fricativas (como em “fé”, “vão”, “sé”, “zê”, “chá” e “já”), laterais (como em “lhe” e “unha”), vibrantes (como em “aro” e “rei”) e oclusivas nasais (como em “mau”, “no” e “unha”).

Finalmente, as consoantes podem distinguir-se quanto ao vozeamento, podendo ser surdas (como em “pá”, “tu”, “cá”, “fé”, “sé” e “chá”) ou sonoras (como nos restantes casos).

### B.1.1.1. Caracterização dos sons

#### Modo de articulação

Um dos principais parâmetros de classificação dos sons da fala. Refere-se à forma como o ar atravessa as cavidades supraglóticas, na produção dos sons, nomeadamente à presença ou ausência de constricção no tracto vocal e ao grau de constricção. O modo de articulação permite distinguir, por exemplo, **consoantes** oclusivas, fricativas, laterais ou vibrantes.

#### Exemplos

Modo de articulação oclusivo: /p/, /t/, /k/, /b/, /d/, /g/. /Z/, /Σ/ Modo de articulação fricativo: /f/, /v/, /s/, /z/, /

#### Ponto de articulação

Um dos parâmetros de classificação dos sons da fala. Refere-se ao local, no tracto vocal, onde ocorre a articulação dos sons. O ponto de articulação permite distinguir, por exemplo, **consoantes** bilabiais, dentais, palatais ou velares.

**Exemplos** Ponto de articulação labial (/p/, /b/, /m/) ou dental (/t/, /d/).

#### Vozeamento

Um dos parâmetros de classificação dos sons da fala. Refere-se à existência ou não de vibração das cordas vocais. O vozeamento permite distinguir, por exemplo, **consoantes** sonoras (produzidas com vibração das cordas vocais) de surdas (produzidas sem vibração das cordas vocais).

**Notas** As consoantes oclusivas podem ser sonoras (/b/, /d/, /g/) ou surdas (/p/, /t/, /k/), segundo são produzidas com ou sem vibração das cordas vocais.

### B.1.1.2. Sequências de sons

#### Ditongo

Sequência no interior de uma **sílaba**, formada por uma **vogal** e uma **semivogal** (ditongo decrescente), ou por uma semivogal e uma vogal (ditongo crescente).

**Notas** A sequência final da palavra "pai" corresponde à produção [aj] e constitui um ditongo decrescente. A sequência inicial da palavra "quatro", produzida como [wa], constitui um ditongo crescente.

#### Grupo consonântico

Duas **consoantes** sucessivas que pertencem à mesma **sílaba**.

**Notas** A sequência [pr] da sílaba inicial da palavra "pra.to".

## Hiato

Sequência de duas **vogais** que pertencem a **sílabas** diferentes.

**Notas** A sequência [a.u] na palavra "ba.ú".

### B.1.2. Prosódia/Nível prosódico

Um dos dois níveis de **análise fonológica** das línguas. No nível prosódico, analisam-se os fenómenos fonéticos e fonológicos que envolvem unidades mais vastas do que os fonemas, como a sílaba, a palavra ou a frase. É no nível prosódico que se estudam os processos entoacionais, rítmicos ou o acento, que muitas vezes se manifestam através de variações de **tom**, **duração** e **intensidade**.

**Notas** No âmbito da prosódia, estudam-se, por exemplo, fenómenos como a co-articulação de sons em fronteiras de palavras (como na queda da vogal final de "belo" na sequência "belo artista") ou o comportamento de palavras sem acento próprio como os pronomes átonos.

#### B.1.2.1. Características acústicas

##### Tom

Atributo da sensação auditiva de acordo com o qual um som pode ser ordenado numa escala de grave a agudo. Acusticamente, corresponde à frequência dos sons.

**Notas** A voz infantil é considerada aguda; a voz dos adultos é mais grave do que a das crianças.

##### Duração

Quantidade de tempo durante o qual uma unidade linguística é produzida. Fonologicamente, determina a quantidade dos sons.

**Notas** Em línguas com **vogais** breves e vogais longas, como o latim, as primeiras têm uma duração menor e as segundas, uma duração maior. Em português, a duração deixou de ter uma função distintiva.

##### Intensidade

Quantidade de energia acústica de um som. A intensidade depende das variações na pressão do ar. A sua unidade de medida é o decibel (db). Fonologicamente, a intensidade, em conjunto com outras propriedades fonéticas, pode concorrer para a identificação do **acento** em línguas como o português.

#### B.1.2.2. Sílaba

Unidade estruturada e organizada que agrupa os sons dentro da palavra. Pode incluir um ou mais sons, como nas sílabas da palavra a-pro-vei-tar. Dentro da sílaba, os sons podem ocorrer no ataque da sílaba (consoante(s) à esquerda da vogal), no núcleo da sílaba (vogal ou ditongo) ou na coda da sílaba (consoante à direita da vogal). O núcleo e a coda constituem a rima da sílaba

**Notas** Na palavra "casa", as sílabas são "ca" e "sa".

##### Formatos de sílaba:

###### Sílaba aberta

**Sílaba** que não termina em **consoante**. **Notas** As sílabas das palavras "casa" e "boi".

###### Sílaba fechada

**Sílaba** que termina em **consoante**. **Exemplos** A sílaba "sar" da palavra "casar".

## Propriedades acentuais das sílabas:

### Sílaba tónica

**Sílaba** que apresenta proeminência relativa no **nível prosódico** da **palavra** ou da **frase**.

**Exemplos** A sílaba "ca" da palavra "casa".

### Sílaba átona

Qualquer **sílaba** que não apresenta proeminência relativa no **nível prosódico** da **palavra** ou da **frase**, ou seja, que não possui **acento**.

**Exemplos** A sílaba "sa" da palavra "casa".

## Classificação das palavras quanto ao número de sílabas:

### Monossílabo

**Palavra** constituída por uma única **sílaba**.

### Dissílabo

**Palavra** constituída por duas **sílabas**.

### Trissílabo

**Palavra** constituída por três **sílabas**. **Exemplos** A palavra "cavalo"

### Polissílabo

**Palavra** constituída por mais de três **sílabas**. **Exemplos** A palavra "linguística".

### B.1.2.3. Acento

Grau de proeminência de uma **sílaba** numa determinada sequência fonética.

**Exemplos** A sílaba "ne" da palavra "panela" possui acento.

## Classificação das palavras quanto à posição da sílaba tónica:

### Palavra aguda

**Palavra** cujo acento recai na última **sílaba**. **Exemplos** A palavra "peru".

**Notas** O mesmo que “palavra oxítona”.

### Palavra grave

**Palavra** cujo **acento** recai na penúltima **sílaba**. **Exemplos** A palavra "panela".

**Notas** O mesmo que palavra “paroxítona”.

### Palavra esdrúxula

**Palavra** cujo **acento** recai na antepenúltima **sílaba**. **Exemplos** A palavra "linguística".

**Notas** O mesmo que palavra “proparoxítona”.

## Propriedades acentuais das sílabas:

### Sílaba tónica

**Sílaba** que apresenta proeminência relativa no **nível prosódico** da **palavra** ou da **frase**.

**Exemplos** A sílaba "ca" da palavra "casa".

### Sílaba átona

Qualquer **sílaba** que não apresenta proeminência relativa no **nível prosódico** da **palavra** ou da **frase**, ou seja, que não possui **acento**.

**Exemplos** A sílaba "sa" da palavra "casa".

### B.1.2.4. Entoação

Utilização de diferentes tons em sequência, em interação com os diferentes sons e a sua organização **acentual**. A entoação de uma **palavra**, grupo de palavras ou **frase** tem funções sintáticas, semânticas, pragmáticas e de comunicação de atitudes pessoais (por exemplo: alegria, raiva, surpresa). A variação dos tons em sequência forma uma curva entoacional.

A **frase** "Vamos embora" pode ser produzida com uma entoação declarativa, uma entoação interrogativa, uma entoação exclamativa ou uma entoação persuasiva.

### Pausa

Intercepção na produção do discurso, que pode corresponder a uma suspensão de voz (**pausa silenciosa**) ou a uma articulação não linguística por hesitação (**pausa preenchida**).

**Exemplos** Interrupção da produção no final da sequência "Não vou trabalhar".

### Pausa preenchida

Pausa entre constituintes sintáticos e/ou **entoacionais** que envolve tipicamente o uso da **vogal** central [ɐ] e da **consoante** bilabial nasal [m], quer autonomamente, quer em combinação e com durações variadas.

**Exemplos** Interrupção na produção da sequência "Hoje [m:] não vou trabalhar".

### Pausa silenciosa

Pausa não preenchida com suspensão de emissão de voz, mas funcional do ponto de vista da organização **Entoação** entoacional de um **enunciado**. Permite, muitas vezes, distinguir constituintes sintáticos e/ou entoacionais.

**Exemplos** Interrupção da produção sem produção de qualquer som, assinalada graficamente com reticências, na sequência "Hoje... não vou trabalhar".

### B.1.3. Processos fonológicos

Termo usado para referir as modificações sofridas pelos **segmentos** em diversas circunstâncias contextuais (no início e no final das **palavras**, junto de **vogal** acentuada, etc.).

**Exemplos** Assimilação e dissimilação.

## **Inserção de segmentos**

**Processo fonológico** em que um novo som ou **segmento** passa a ser articulado, em posição inicial (prótese), medial (epêntese) ou final (paragoge) de **palavra**.

**Exemplos** Inserção da semivogal [j] entre o artigo e o nome da sequência "a[j]água", em algumas zonas do país.

## **Supressão de segmentos**

**Processo fonológico** em que um **segmento** deixa de ser articulado, em posição inicial (aférese), medial (síncope) ou final (apócope) de **palavra**.

**Exemplos** Na produção da vogal final da palavra "lume" em [lúm].

## **Alteração de segmentos**

Mudança na qualidade dos **segmentos**.

**Notas** A **assimilação** e a **dissimilação** são exemplos de processos que envolvem a alteração de segmentos.

## **Assimilação**

**Processo fonológico** em que um segmento fonético se identifica com um segmento vizinho ou dele se aproxima, ao adquirir um traço ou traços fonéticos desse segmento vizinho.

**Exemplos:** Na pronúncia da palavra "muito", o ditongo é pronunciado como nasal [mũjtu], porque assimila a nasalidade da consoante inicial.

## **Dissimilação**

**Processo fonológico** em que um segmento fonético perde um ou mais traços fonéticos que tinha em comum com um segmento vizinho, diferenciando-se dele.

**Exemplo:** A produção da primeira vogal de "telha" no dialecto de Lisboa.

## **Nasalização**

**Processo fonológico** em que uma **vogal** oral adquire nasalidade, por influência de outro som nasal. É um caso particular de **assimilação**.

**Exemplo:** manum>mãnu>mão.

## **Ditongação**

**Processo fonológico** em que uma **vogal** se desdobra em dois segmentos, i.e., produz-se uma diferenciação tímbrica no interior do segmento vocálico, dando origem ao aparecimento de uma **semivogal** em posição pré ou pós vocálica.

**Exemplo:** Na derivação das **terceiras pessoas do plural** dos **verbos** em português deu-se uma ditongação da vogal nasal final da **palavra**. Há casos especiais de dupla ditongação no presente do indicativo, como acontece com os verbos "ter" e "ver".

## **Redução vocálica**

**Processo fonológico** que consiste no enfraquecimento de uma **vogal** em posição **átona**.

**Exemplo:** A primeira vogal de "bolo" sofre uma redução em "bolinho". O mesmo sucede nos pares "medo"/"medroso" e "mata"/"matagal".

### **Crase**

Contração ou fusão de duas vogais em uma só.

**Exemplo:** Fusão da preposição "a" e do artigo "a" em "à".

### **Metátese**

Transposição de segmentos ou sílabas no interior de uma palavra.

**Exemplo:** A troca de sílabas em "estômago" > "estôgamo", ou a troca de segmentos em "prateleira" > "parteleira" em algumas variedades sociais.

## **B.2. Morfologia**

Disciplina da linguística que descreve e analisa a estrutura interna das palavras e os processos morfológicos de variação e de formação de palavras.

### **B.2.1. Palavra e constituintes da palavra**

#### **Palavra**

Item lexical pertencente a uma determinada classe, com um significado identificável ou com uma função gramatical e com forma fonológica consistente, podendo admitir variação flexional.

#### **Palavra simples**

Palavra formada por um único radical, sem afixos derivacionais, mas podendo exibir afixos flexionais.

**Exemplos** "casas" é uma palavra simples.

#### **Palavra complexa**

Palavra formada por derivação ou por composição.

**Exemplos:** "caseiro" e "casa de banho" são palavras complexas.

#### **Constituinte morfológico**

Unidade constituinte das palavras, como, por exemplo, os radicais e os afixos. A um constituinte morfológico mínimo chama-se morfema.

**Exemplos** Os constituintes morfológicos da palavra casas são: [cas], [a] e [s].

Os constituintes morfológicos da palavra caseiro são: [cas], [eir] e [o].

#### **Radical**

Constituinte morfológico que contém o significado lexical e exclui os afixos flexionais. O radical pode conter afixos derivacionais. Os radicais pertencem a categorias sintáticas, sendo identificados por etiquetas como: radical adjectival, radical adverbial, radical nominal, radical verbal.

**Notas** O radical da palavra [casa] é o constituinte [cas].

## Afixo

Constituinte que ocorre obrigatoriamente associado a uma forma de **base**. Em português, os afixos subdividem-se em **prefixos**, **sufixos** e **interfixos**, consoante a posição que ocupam na estrutura da **palavra**. Os afixos podem participar em processos de **flexão** ou **derivação**.

## Interfixo

**Afixo** que ocorre entre duas formas de base ou entre uma **base** e um afixo.

**Exemplos** A vogal de ligação "o" em "psicopata" e a consoante "t" em "cafeteira" são interfixos.

## Prefixo

**Afixo** que se associa à esquerda de uma forma de **base**.

**Exemplos** O constituinte "des" em "desinteresse" é um prefixo.

## Sufixo

**Afixo** que se associa à direita de uma forma de **base**.

**Exemplos** O afixo de flexão "mos" em "cantamos" e o afixo derivacional "or" em "cantor" são sufixos.

## B.2.2. Morfologia flexional

### Flexão

Especificação das propriedades morfossintáticas das **palavras variáveis** sensível à sua categoria. Geralmente, a flexão manifesta-se através de processos morfológicos como a **afixação**, embora haja instâncias de flexão que não envolvem afixação, como, por exemplo, a formação dos **tempos compostos dos verbos**.

### Palavra variável

São variáveis as **palavras** que admitem diversas especificações **flexionais**, como, por exemplo, diversos valores de **género** e **número**.

**Exemplos** O **radical** nominal [alun] é variável em género e número, pelo que permite gerar quatro formas: um **nome masculino singular** (i.e. aluno); um nome masculino plural (i.e. alunos); um nome feminino singular (i.e. aluna); e um **nome feminino plural** (i.e. alunas).

### Palavra invariável

São invariáveis as **palavras** que não são **flexionáveis**.

**Exemplos** As **preposições** e as **conjunções** são palavras invariáveis.

#### B.2.2.1. Flexão nominal e adjectival

**Flexão** dos **adjectivos** e dos **nomes** variáveis. Em português, os adjectivos e os nomes podem flexionar em **número**, em **género** e em **grau**.

**Exemplos** claro-claros, casa-casas, gato-gata-gatinha

## Categorias relevantes para a flexão de nomes, determinantes, pronomes e adjectivos:

### Constituinte temático

**Sufixo** que especifica a classe morfológica a que um dado **radical** pertence. O constituinte temático dos **adjectivos** e dos **nomes** chama-se **índice temático**; o **constituinte temático** dos **verbos** chama-se **vogal temática**.

### Índice temático

**Constituinte temático** dos **adjectivos** e dos **nomes**. Em português, os índices temáticos são -a, -o, -e, que podem acumular a função de marcadores do **género** nominal. Há **palavras** que não têm índice temático.

<b>Exemplos</b>	clar[a] mês[]	clar[o] pé[]	lev[e] feliz[]	ruim[] dent[e]	gat[a]	poç[o]
-----------------	------------------	-----------------	-------------------	-------------------	--------	--------

### Género

Categoria morfossintáctica que está presente em todos os **nomes**, em alguns **adjectivos** (os adjectivos bifformes) e em alguns **pronomes**. Em português, há dois valores de género: masculino e feminino. Nos nomes que **referem** uma entidade animada (uma pessoa ou um animal), o valor de género corresponde, tipicamente, a uma distinção de sexo (i), excepto no caso dos nomes epicenos (como "sapo" ou "corvo"), sobrecomuns (como "vítima" ou "cônjuge") e comuns de dois (como "estudante" ou "jornalista") e ainda em casos irregulares (como no par "cavalo"/"égua"). Nos restantes nomes, esta correspondência não se verifica (ii).

### Exemplos

- (i) gato-gata
- (ii) caso-casa

### Masculino / Feminino

### Número

Categoria morfossintáctica dos **verbos**, dos **adjectivos**, dos **nomes** e de alguns **pronomes**, que pode ter dois valores: singular e plural. A variação em número pode corresponder a uma distinção na quantidade das entidades denotadas (por exemplo: um copo, dois copos), na sua qualidade (por exemplo: água, águas). Algumas palavras são inerentemente plurais, não correspondendo o singular a uma variação em quantidade (por exemplo: óculo, óculos).

**Exemplos** (uma) cadeira / (quarenta) cadeiras (uma) água / (três) águas (prato) limpo / (pratos) limpos

### Singular / Plural

### Caso

Variação morfológica que uma **expressão nominal** ou **pronominal** assume de acordo com a sua função sintáctica. Em português, apenas os **pronomes pessoais** variam em caso.

**Exemplos** eu" é a forma nominativa do pronome pessoal, na 1ª **pessoa** do singular, alternando com as formas acusativa "-me", dativa "-me" e oblíqua "mim".

"ele" é a forma nominativa do pronome pessoal **masculino**, na 3ª **pessoa** do **singular**, alternando com as formas acusativa "-o" e dativa "-lhe".

### Nominativo / Acusativo / Dativo / Oblíquo

## **Grau**

Variação apresentada por alguns **nomes**, **adjectivos** e **advérbios**, que permite estabelecer uma gradação no **significado** de uma **palavra** ou a comparação entre termos. Os nomes apresentam variação nos graus: normal, aumentativo e diminutivo. Os adjectivos e os advérbios apresentam variação nos graus: normal, comparativo (de igualdade, inferioridade e superioridade) e superlativo (relativo, absoluto sintético e absoluto analítico). Ocasionalmente, alguns adjectivos e advérbios admitem formas aumentativas e diminutivas (como em “cansidão” ou “cedinho” e “depressinha”, embora esta variação não seja muito produtiva nestas classes de palavras. A variação em grau pode ser expressa morfológica ou sintacticamente. São expressos morfológicamente os graus superlativo absoluto sintético dos advérbios e dos adjectivos e os graus aumentativo e diminutivo dos nomes.

**Exemplos** As palavras "calorão" e "calorzinho" correspondem aos graus aumentativo e diminutivo do nome "calor", respectivamente. As formas "altíssimo" e "muito alto" correspondem ambas a expressões do grau superlativo do adjectivo "alto".

**dos nomes: aumentativo / diminutivo**

**dos adjectivos (e advérbios) - normal / comparativo / superlativo**

## **Pessoa**

Categoria morfossintáctica dos **verbos** e de alguns **pronomes**, realizada por **afixação** na **flexão verbal**. Em português, distinguem-se três formas: primeira, segunda e terceira pessoa, variando cada uma em **número**. Na flexão verbal, esta categoria está relacionada com a representação morfológica do **sujeito** nas **formas finitas** do **verbo**. O imperativo é defectivo na primeira e na terceira pessoas. Em alguns dialectos do **português contemporâneo**, a segunda pessoa do plural está em desuso (cf. vós cantais), o que ilustra que, em vários casos, não há correspondência entre as categorias pessoa e **número** e a sua **referência**.

**Exemplos** [mos] é o sufixo de primeira pessoa do plural; a forma “se” em “diz-se” é um pronome pessoal de terceira pessoa.

**Primeira / Segunda / Terceira**

### **B.2.2.2. Flexão verbal**

**Flexão** dos **verbos**. Em português, os verbos flexionam em **tempo**, **modo**, **pessoa** e **número**. Os paradigmas de flexão verbal incluem, tradicionalmente, os tempos compostos, embora estes não sejam realizados através de processos flexionais de **afixação**.

**Exemplos** A forma verbal “cantávamos” encontra-se flexionada em tempo (pretérito imperfeito), modo (indicativo), pessoa (primeira) e número (plural).

## **Conjugação**

Paradigma de **flexão verbal** definido em função da **vogal temática**. Em português, há três conjugações.

## **Constituinte temático**

**Sufixo** que especifica a classe morfológica a que um dado **radical** pertence. O constituinte temático dos **adjectivos** e dos **nomes** chama-se **índice temático**; o constituinte temático dos **verbos** chama-se **vogal temática**.

## Vogal temática

**Constituinte temático** dos **verbos**, que identifica o paradigma de **flexão verbal** a que pertencem. Em português, há três vogais temáticas nas formas do infinitivo: -a, -e, -i, correspondentes às três **conjugações**.

**Exemplos** cant[a]r beb[e]r fug[i]r

### Primeira conjugação

Paradigma de **flexão verbal** definido pela **vogal temática** [a], no infinitivo.

**Exemplos** cant[a]r

### Segunda conjugação

Paradigma de **flexão verbal** definido pela **vogal temática** [e], no infinitivo.

**Exemplos** beb[e]r

### Terceira conjugação

Paradigma de **flexão verbal** definido pela **vogal temática** [i], no infinitivo.

**Exemplos** fug[i]r

## Categorias relevantes para a flexão de verbos:

### Pessoa

Categoria morfossintáctica dos **verbos** e de alguns **pronomes**, realizada por **afixação** na **flexão verbal**. Em português, distinguem-se três formas: primeira, segunda e terceira pessoa, variando cada uma em **número**. Na flexão verbal, esta categoria está relacionada com a representação morfológica do **sujeito** nas **formas finitas** do **verbo**. O imperativo é defectivo na primeira e na terceira pessoas. Em alguns dialectos do **português contemporâneo**, a segunda pessoa do plural está em desuso (cf. vós cantais), o que ilustra que, em vários casos, não há correspondência entre as categorias pessoa e **número** e a sua **referência**.

**Exemplos** [mos] é o **sufixo** de primeira pessoa do plural; a forma “se” em “diz-se” é um **pronome pessoal** de terceira pessoa.

### Primeira / Segunda / Terceira

### Número

Categoria morfossintáctica dos **verbos**, dos **adjectivos**, dos **nomes** e de alguns **pronomes**, que pode ter dois valores: singular e plural. A variação em número pode corresponder a uma distinção na quantidade das entidades denotadas (por exemplo: um copo, dois copos), na sua qualidade (por exemplo: água, águas). Algumas palavras são inerentemente plurais, não correspondendo o singular a uma variação em quantidade (por exemplo: óculo, óculos).

**Exemplos** (uma) cadeira / (quarenta) cadeiras (uma) água / (três) águas (prato) limpo / (pratos) limpos

### Singular / Plural

### Tempo verbal

Categoria morfossintáctica dos **verbos**, realizada por **flexão**. Em português, o tempo verbal permite distinguir os seguintes paradigmas: pretérito mais-que-perfeito, pretérito perfeito, pretérito imperfeito,

presente e futuro. Esta categoria permite identificar paradigmas de **flexão verbal** nas formas verbais, não havendo, todavia, uma correspondência perfeita com os valores semânticos associados a cada paradigma (por exemplo: na **frase** "eu amanhã faço anos", o **verbo** encontra-se no presente (do indicativo), embora denote uma situação futura).

**Exemplos** -sse é o **sufixo** de pretérito imperfeito do conjuntivo.

**Notas** Quando um tempo verbal é formado com recurso ao **verbo auxiliar** "ter", é designado de tempo composto, incluindo-se, tradicionalmente, nos tempos compostos o pretérito perfeito composto (p.ex: tu tens tossido), o pretérito mais-que-perfeito composto (p.ex.: tu tinhas tossido), o futuro composto (ex: tu terás tossido) e o condicional composto (ex: tu terias tossido).

## **Presente**

**Pretérito - Perfeito / Imperfeito / Mais-que-perfeito**

**Futuro**

## **Modo**

Categoria morfológica que permite distinguir a **flexão verbal** nas formas do indicativo, conjuntivo, imperativo e condicional. Não existe uma correlação perfeita entre o modo, enquanto etiqueta morfológica, e os valores de **modalidade** de um **enunciado**.

**Exemplos** Na frase "a construção da casa foi iniciada em 1978, mas só seria concluída em 2003", o uso do condicional não corresponde a um valor modal, mas a uma localização futura num tempo passado.

## **Formas verbais finitas**

Todas as formas verbais à excepção das do infinitivo, gerúndio e participípio. As formas verbais finitas, tipicamente, podem ocorrer como forma verbal única numa **frase simples** e admitem variação máxima nas categorias **tempo**, **pessoa** e **número**.

**Indicativo / conjuntivo / condicional / imperativo**

## **Formas verbais não finitas**

Formas verbais do infinitivo, gerúndio e participípio. As formas verbais não finitas, tipicamente, não ocorrem como forma verbal única numa **frase simples** e não variam em **tempo**.

**Infinitivo – pessoal / impessoal**

**Gerúndio**

**Participípio**

## **Especificidades da flexão verbal:**

### **Amálgama**

**Sufixo** de **flexão verbal** que acumula valores de **tempo**, **modo**, **pessoa** e **número** ou uma combinação destas categorias.

## **Notas**

O **sufixo** -ste em "cantaste" é, simultaneamente, marcador de pretérito perfeito do indicativo e de segunda **pessoa** do singular.

## Tipologia verbal

### Verbo regular

Verbo que respeita a flexão do paradigma a que pertence. Quase todos os verbos da primeira conjugação são verbos de flexão regular.

### Verbo irregular

Verbo cuja flexão se afasta da flexão do paradigma a que pertence. As irregularidades podem afectar o radical ou os sufixos de flexão. Algumas irregularidades são meramente gráficas. Nos verbos irregulares há formas regulares.

### Exemplos

posso / podes / podemos - medir / meço / medisse - ficar / fiquei - caçar / cacei - chegar / cheguei

### Forma forte

Forma verbal flexionada sem associação do sufixo de flexão próprio do seu paradigma. A distinção entre forma forte e fraca é utilizada, principalmente, na classificação de formas do participio passado.

Exemplos morto preso

### Forma fraca

Forma verbal flexionada de modo canónico, que se opõe a forma forte. A distinção entre forma forte e fraca é utilizada, principalmente, na classificação de formas do participio passado.

Exemplos matado prendido

### Verbo defectivo

Verbo cuja conjugação é incompleta, uma vez que não flexiona em todas as formas possíveis num paradigma flexional regular.

Exemplos florescer banir demolir falir

### Verbo impessoal

Verbo que flexiona exclusivamente no infinitivo e na 3.ª pessoa do singular.

Exemplos chover trovejar

### Verbo unipessoal

Verbo que flexiona apenas no infinitivo e na 3ª pessoa do singular e do plural.

Exemplos miar ganiu ladraram

### Forma supletiva

Forma flexionada a partir de outros radicais. Alguns verbos defectivos recorrem a estas formas para preencher as lacunas existentes no seu paradigma.

Exemplos O verbo “ser” recorre a diferentes radicais para a sua flexão, como nas formas “sou”, “és” ou “fui”.

### B.2.3. Processos morfológicos de formação de palavras

#### Palavra simples

Palavra formada por um único radical, sem afixos derivacionais mas podendo exibir afixos flexionais.

**Exemplos** “casas” é uma palavra simples.

#### Palavra complexa

Palavra formada por derivação ou por composição.

**Exemplos** “caseiro” e “casa de banho” são palavras complexas.

#### Base

Constituinte morfológico, que inclui obrigatoriamente um radical, a partir do qual se formam novas palavras.

**Exemplos** "doc-" é a base para "adoçar"; "adoça-" é a base para "adoçante".

### B.2.3.1. Derivação

#### Processos que envolvem adição de constituintes morfológicos:

##### Afixação

Processo morfológico que consiste na associação de um afixo a uma forma de base. Como existem vários tipos de afixos, também existem vários tipos de afixação, destacando-se a prefixação e a sufixação. A flexão e a derivação são processos morfológicos realizados por afixação.

##### Prefixação

Processo morfológico que consiste na associação de um prefixo a uma forma de base.

##### Sufixação

Processo morfológico que consiste na associação de um sufixo a uma forma de base.

##### Parassíntese

Processo morfológico de formação de palavras que consiste na associação simultânea de um prefixo e um sufixo a uma forma de base.

**Exemplos** a[padrinh]ar a[podr]ecer a[joelh]ar en[gord]ar

#### Processos que não envolvem adição de constituintes morfológicos

##### Conversão

Processo de formação de palavras, também chamado derivação imprópria, que procede à integração de uma dada unidade lexical numa nova classe de palavras, sem que se verifique qualquer alteração formal.

**Exemplos** olharV -> olharN

##### Derivação não-afixal

Processo de formação de palavras que gera nomes deverbiais, acrescentando marcas de flexão nominal a um radical verbal.

**Exemplos** troc- ->troca; troco abraç- -> abraço

### B.2.3.2. Composição

Processo morfológico de formação de **palavras** que recorre à associação de duas ou mais formas de **base**. Em português, há dois tipos frequentes de composição: a **composição morfológica** e a **composição morfossintáctica**.

#### Composição morfológica

Processo de **composição** que associa um **radical** a outro(s) radical(is) ou a uma ou mais **palavras**. De um modo geral, entre os radicais ou o radical e a palavra associada ocorre uma **vogal** de ligação.

**Exemplos** [agr]+i+[cultura] = [agricultura], [luso]+[descendente]= [luso-descendente], [psic]+o+[pata]

#### Composição morfossintáctica

Processo de **composição** que associa duas ou mais **palavras**. A estrutura destes compostos depende da relação sintáctica e semântica entre os seus membros, o que tem consequências para a forma como são **flexionados** em **número**.

**Exemplos** As palavras [surdo-mudo], [guarda-chuva] ou [via láctea] são compostos morfossintácticos.

### B.3. Classes de palavras

Conjunto das palavras que, por partilharem características morfológicas, sintácticas e/ou semânticas, podem ser agrupadas numa mesma categoria.

As classes de palavras não podem ser estabelecidas apenas com base em critérios morfológicos, uma vez que há classes que não se distinguem morfológicamente, como por exemplo as preposições e as conjunções.

#### Itens lexicais:

##### Palavra

Item **lexical** pertencente a uma determinada classe, com um **significado** identificável ou com uma função gramatical e com forma fonológica consistente, podendo admitir **variação flexional**.

##### Locução

Sequência de **palavras** que funciona, sintáctica e semanticamente, como uma só.

**Exemplos** Locuções adverbiais: "em breve", "com certeza";  
Locuções prepositivas: "em cima de", "debaixo de";  
Locuções conjuncionais: "assim que", "logo que", "ainda que".

#### B.3.1. Classe aberta de palavras

Classe de palavras que é constituída por um número potencialmente ilimitado de **palavras** e à qual a evolução da língua acrescenta constantemente novos membros. É praticamente impossível enumerar todos os membros de uma classe aberta de palavras num dado momento da evolução da língua.

**Exemplos** São classes abertas de palavras a classe dos **nomes** e a classe dos **verbos**. Como palavras recentemente acrescentadas à classe dos nomes, veja-se "telemóvel", "cromo". Como palavras recentemente acrescentadas à classe dos verbos, veja-se "clicar", "surfar".

## Nome

**Palavra** pertencente a uma **classe aberta de palavras**, que permite variação em **género** (i), em **número** (ii) e, em alguns casos, em **grau** aumentativo e diminutivo (iii). O nome é o núcleo do grupo nominal, podendo co-ocorrer com **determinantes** ou **quantificadores**, que o antecedem. À semelhança do que acontece com os verbos, alguns nomes podem seleccionar **complementos** (iv).

## Exemplos

- (i) menino / menina
- (ii) menino / meninos
- (iii) cão / cãozinho / cãozarrão
- (iv) a invasão da Gália

**Notas** O termo "substantivo" é sinónimo de "nome".

## Classes de nomes:

### Nome próprio

**Nome** que designa um referente fixo e único num dado **contexto** discursivo, pelo que é completamente determinado (i-ii), não admitindo **complementos** ou **modificadores restritivos** (iii-iv) ou variação em **número** (v-vi).

## Exemplos

- (i) Portugal é bonito.
- (ii) O João ganhou um prémio.
- (iii) \*Portugal que visitámos é bonito.
- (iv) \*O João inteligente ganhou um prémio.
- (v) \*Portugais são bonitos.
- (vi) \*Os Joões ganharam um prémio.

**Notas** Em contextos discursivos específicos, os nomes próprios podem entrar em construções típicas dos nomes comuns: (i) O Porto que eu conheci já não existe.

### Nome comum

**Nome** que não designa necessariamente um referente único, pelo que não é completamente determinado (i-ii), admitindo **complementos** ou **modificadores restritivos** (iii-iv) e **pluralização** (v-vi).

## Exemplos

- (i) Aquela região é bonita.
- (ii) O rapaz ganhou um prémio.
- (iii) A região que visitámos é bonita.
- (iv) O rapaz inteligente ganhou um prémio.
- (v) Aquelas regiões são bonitas.
- (vi) Os rapazes ganharam o prémio.

### Nome contável

**Nomes comuns** que se aplicam a objectos ou referentes que podem ser diferenciados como partes singulares ou partes plurais de um conjunto (i). Assim, podem ocorrer em construções de enumeração (ii) e a forma de **plural** marca uma oposição quantitativa (iii).

**Exemplos** (i) De entre os alunos da turma, o aluno nº 3 teve a melhor nota.

(ii) Um [aluno] estudou muito, dois [alunos] faltaram e muitos quiseram mudar a data do teste.

(iii) Um aluno / dois alunos / muitos alunos.

### Nome colectivo

**Nome** que se aplica a um conjunto de objectos ou entidades do mesmo tipo (i). Há nomes colectivos **contáveis**, como os exemplificados em (i), e nomes colectivos **não contáveis**, que não aceitam **plural**, como os exemplificados em (ii). Os nomes colectivos têm, em alguns contextos, um comportamento semelhante a plurais, como na combinação com predicados colectivos (iii), mas distinguem-se de plurais, não podendo, por exemplo, ser antecedente de alguns pronomes recíprocos.

### Exemplos

- (i) rebanho, alcateia, multidão
- (ii) fauna, flora
- (iii) A alcateia reuniu-se.
- (iv) \*O par é parecido um com o outro.

### Nome não-contável

**Nomes comuns** que se aplicam a conjuntos de objectos ou entidades em que não é possível distinguir partes singulares de partes plurais, conforme exemplos (i) a (iii). Por esta razão, estes nomes não ocorrem, tipicamente, em construções de **enumeração** (iv) nem co-ocorrem com alguns **quantificadores** e **determinantes** (v). As construções de **plural** dos nomes não-contáveis não designam uma oposição quantitativa, mas sim qualitativa (vi), excepto quando se faz uma contagem relativa a contadores não explícitos (vii).

### Exemplos

- (i) A [farinha] é um ingrediente essencial dos bolos.
- (ii) Essa peça de [bronze] devia estar no museu.
- (iii) A [educação] é essencial para a democracia.
- (iv) \*Uma educação, duas educações,
- (v) \*Certas / várias educações, ...
- (vi) Há várias farinhas no mercado. (= existem várias qualidades de farinha no mercado).
- (vii) Comprei dois sumos. (= comprei dois (pacotes de) sumo).

### Notas

Os nomes não contáveis que denotam entidades que podem ser medidas também são designados como "nomes massivos".

### Nome colectivo

**Nome** que se aplica a um conjunto de objectos ou entidades do mesmo tipo (i). Há nomes colectivos **contáveis**, como os exemplificados em (i), e nomes colectivos **não contáveis**, que não aceitam **plural**, como os exemplificados em (ii). Os nomes colectivos têm, em alguns contextos, um comportamento semelhante a plurais, como na combinação com predicados colectivos (iii), mas distinguem-se de plurais, não podendo, por exemplo, ser antecedente de alguns pronomes recíprocos.

### Exemplos

- (i) rebanho, alcateia, multidão
- (ii) fauna, flora
- (iii) A alcateia reuniu-se.
- (iv) \*O par é parecido um com o outro.

## Verbo

Palavra pertencente a uma classe aberta de palavras que flexiona em tempo, modo, pessoa e número, e que constitui o elemento principal do grupo verbal.

**Exemplos** comer, brincar, passear, viajar

## Verbo principal

Verbo que, numa frase ou oração, determina:

- a ocorrência de um sujeito e de um ou vários complementos;
- a categoria e interpretação do sujeito, dos complementos. Os verbos principais dividem-se em várias subclasses organizadas de acordo com a possibilidade de seleccionarem sujeito ou predicativos e com a natureza categorial dos seus complementos. Um mesmo verbo pode pertencer a diferentes subclasses em função do contexto de ocorrência.

**Exemplos** A natureza nominal ou preposicional do complemento, nas frases "o Pedro gosta de bolos" ou "o Pedro adora bolos", depende da presença dos verbos principais "gostar" e "adorar". Pelo contrário, a presença de um verbo auxiliar, como nas frases "o Pedro tinha gostado do bolo" ou "o Pedro tinha adorado o bolo", não altera a natureza dos complementos. O facto de o sujeito das frases "o João adoeceu" e "o João cantou" ser interpretado de forma diferente depende, também, do verbo principal, na medida em que apenas na segunda frase o sujeito é um agente.

## Classes de verbos estabelecidas em função da presença e tipo de complementos:

### Verbo intransitivo

Verbo principal que não selecciona complementos.

#### Exemplos

- (i) O Miguel desmaiou.
- (ii) \*O Miguel desmaiou a mãe.
- (iii) A Zé tossiu.
- (iv) \*A Zé tossiu o hospital.

### Verbo transitivo directo

Verbo principal que selecciona um sujeito e um complemento com a função sintáctica de complemento directo (i)-(iv).

#### Exemplos

- (i) A Ana fechou a porta.
- (ii) A Ana fechou-a.
- (iii) \*A Ana fechou. (agramatical como frase isolada)
- (iv) A Ana afirmou [que tinham fechado a porta].
- (v) A Ana afirmou-o.
- (vi) \*A Ana pediu. (agramatical como frase isolada)

### Verbo transitivo indirecto

Verbo principal que selecciona um sujeito e um complemento indirecto (i)-(ii) ou oblíquo (iv)-(v).

#### Exemplos

- (i) A prenda agradou à Ana.
- (ii) A prenda agradou-lhe.

- (iii) \*A prenda agradou.
- (iv) A Margarida vai a Paris.
- (v) A Margarida vai lá.
- (vi) \*A Margarida vai.

### Verbo transitivo directo e indirecto

Verbo principal que selecciona um **sujeito** e dois **complementos**: um com a função sintáctica de **complemento directo** e outro com a de **complemento indirecto** (i)-(iv) ou de **complemento oblíquo** (v) (viii).

#### Exemplos

- (i) A Teresa deu o livro à professora.
- (ii) A Teresa deu-o à professora.
- (iii) A Teresa deu-lhe o livro.
- (iv) A Teresa deu-lho. (v) O Pedro pôs os livros na estante.
- (vi) O Pedro pô-los na estante.
- (vii) O Pedro pôs os livros aí.
- (viii) O Pedro pô-los aí.

### Verbo transitivo-predicativo

Verbo principal **Verbo principal** que selecciona um **sujeito**, um **complemento directo** e um **predicativo do complemento directo**.

#### Exemplos

- (i) A Teresa acha o Pedro feio.
- (ii) A Teresa acha-o feio.

#### Notas

Os verbos transitivos-predicativos conseguem distinguir-se dos **verbos transitivos directos** através da substituição do **complemento directo** por um **pronome**. Assim, observa-se que, em **frases** como "o Pedro leu um livro horrível"/"o Pedro leu-o"/"\*o Pedro leu-o horrível", não há predicativo do complemento directo (não havendo, conseqüentemente, verbo transitivo-predicativo), enquanto em frases como "o Pedro considera o livro horrível"/"o Pedro considera-o horrível" a expressão "horrível" não faz parte do complemento directo, funcionando como **predicativo do complemento directo**.

### Verbo auxiliar

Verbo que co-ocorre, precedendo-o, com um **verbo principal** ou um **verbo copulativo** e que não determina quais os **complementos** ou o **sujeito** que ocorrem na **frase**. Os verbos auxiliares são usados para a formação de **tempos compostos** (i), para a formação de **frases passivas** (ii), ou para veicular informação **temporal** (iii), **aspectual** (iv) e **modal** (v). Numa mesma frase, pode haver mais do que um verbo auxiliar (vi)-(vii).

#### Exemplos

- (i) A Eva tem brincado bastante.
- (ii) O bolo de aniversário foi encomendado.
- (iii) A Eva vai brincar no jardim.
- (iv) A Eva está a brincar no jardim.
- (v) A Joana devia ir ao médico.
- (vi) A Joana deve ir brincar no jardim.
- (vii) O problema podia ter sido explicado de outra forma.

## Verbo copulativo

**Verbo** que ocorre numa frase em que existe um constituinte com a função sintáctica de **sujeito** e outro com a função sintáctica de **predicativo do sujeito**.

**Exemplos** Costumam listar-se como verbos copulativos os seguintes: ser, estar, ficar, parecer (como em "parecer doente"), permanecer, continuar (como em "continuar calado"), tornar-se e revelar-se.

- (i) A Teresa está doente.
- (ii) A Ana é veterinária.
- (iii) A Margarida ficou calada.
- (iv) A Margarida continua em Lisboa.

## Adjectivo

**Palavra** pertencente a uma **classe aberta** de palavras que, tipicamente, permite variação em **género** (i), em **número** (ii) e em **grau** (iii).

O adjectivo é o núcleo do **grupo adjectival** e pode ser precedido por **advérbios de quantidade e grau** (iv) e seleccionar **grupos preposicionais** (v) e **orações** como seus **complementos** (vi).

## Exemplos

- (i) Belo / bela
- (ii) Belo / belos / bela / belas
- (iii) muito bela / belíssima
- (iv) Isso é demasiado caro.
- (v) Ele está contente com o seu trabalho.
- (vi) Ele está cansado de trabalhar.

## Classes de adjectivos:

### Adjectivo relacional

**Adjectivo** que **deriva** de uma **base** nominal e que, tipicamente, instancia uma relação de agente ou posse relativamente ao **nome**. Estes adjectivos não ocorrem em posição pré nominal nem variam em **grau**.

**Exemplos** Em "a invasão americana" ou "amor maternal", os adjectivos "americana" e "maternal" são relacionais.

### Adjectivo qualificativo

**Adjectivo** que exprime tipicamente a qualidade, i.e., um atributo do **nome**. Tipicamente, a posição dos adjectivos qualificativos é pós-nominal. Uma subclasse de adjectivos qualificativos ocorre à direita e à esquerda do nome, correspondendo esta ordem a interpretações diferentes, conforme (i) e (ii). Alguns adjectivos qualificativos têm uma posição pós-nominal obrigatória, como (iii).

## Exemplos

- (i) Um falso presidente fez o discurso de inauguração (=uma pessoa que não era presidente fez o discurso de inauguração).
- (ii) Um presidente falso fez o discurso de inauguração (=um presidente que não é honesto fez o discurso de inauguração).
- (iii) Os olhos azuis são bonitos. / \*Os azuis olhos são bonitos.

### Adjectivo numeral

**Adjectivo** que pertence à classe tradicional dos numerais ordinais, como (i), expressando ordem ou sucessão.

Os adjectivos numerais ocorrem geralmente em posição pré-nominal, antecidos por **artigos** ou **demonstrativos** (ii) e, eventualmente, por **possessivos** (iii).

### Exemplos

- (i) Primeiro, segundo, terceiro, ...
- (ii) (a) O [segundo] filho é sempre mais calmo.
- (iii) (b) \*O filho [segundo] é sempre mais calmo.
- (iv) (a) O meu [segundo] filho é mais calmo.
- (v) (b) Esse teu [segundo] filho é parecido com o avô.

### Advérbio

**Palavra invariável** em **género** e **número**. A classe dos advérbios inclui elementos com características bastante heterogéneas do ponto de vista morfológico (i), sintáctico (ii) e semântico (iii). Não obstante, qualquer advérbio (à excepção do **advérbio de negação** "não") pode, geralmente, ser substituído por um outro advérbio formado com o **sufixo** "-mente".

Na maior parte dos casos, os advérbios desempenham a função sintáctica de **modificadores de frase** (iv), **modificadores do grupo verbal** (v) ou a função sintáctica de **complemento oblíquo** (vi) ou **predicativo do sujeito** (vii). Alguns advérbios podem, ainda, modificar **grupos preposicionais** (viii), **grupos adjectivos** (ix) ou **grupos nominais** (x).

### Exemplos

- (i) (a) A Joana faz anos [hoje].  
(b) A Joana faz [facilmente] essa prova.  
(b') A Joana faz [facilmente] essa prova.  
(Em (i) (a), o advérbio é invariável, enquanto em (b) o advérbio pode ser sujeito a variação em **grau**, conforme (b')).
- (ii) (a) A Joana canta pessimamente.  
(a') \*A Joana pessimamente canta.  
(b) A Joana hoje canta.  
(b') A Joana canta hoje.  
(Em (ii), observa-se que um advérbio como "hoje" tem uma posição menos fixa do que um advérbio como "pessimamente").
- (iii) (a) A Joana canta mal.  
(b) A Joana, felizmente, cantou.  
(c) A Joana antigamente cantava.  
(Os advérbios presentes nas frases listadas em (iii) têm **significados** bastante distintos).
- (iv) Provavelmente, vai chover.
- (v) Choveu ontem.
- (vi) A Joana portou-se mal.
- (vii) A Ana está aqui.
- (viii) A Joana deu presentes exclusivamente aos seus amigos.
- (viii) A Joana é demasiado rápida.
- (ix) Somente a Joana teria paciência para aquilo.

### Classes de advérbios:

#### Advérbio de predicado

**Advérbio** com diferentes valores semânticos (i), que ocorre internamente ao **grupo verbal**, quer com função de **complemento oblíquo**, quer como **modificador** do grupo verbal (e, mais raramente, como **predicativo do sujeito**), podendo ser afectado pela **negação** (ii) ou por estruturas **interrogativas** como as ilustradas em (iii).

## Exemplos

Advérbios de predicado:

- (i) a. Os rapazes dormem ali. - Valor locativo  
b. Os rapazes chegaram recentemente. - Valor temporal  
c. Os rapazes cantam agradavelmente. - Valor de modo
- (ii) a. A escola dos teus filhos não fica [ali], fica na outra rua.  
b. Os rapazes não dormem [ali], mas no outro quarto.
- (iii) a. É [ali] que fica a escola dos teus filhos?  
b. É [ali] que dormem os rapazes?

## Advérbio de frase

Advérbio com diferentes valores semânticos (i), que modifica a frase, não sendo afectado pela negação frásica (ii) ou por estruturas interrogativas como as ilustradas em (iii).

## Exemplos

Advérbios de frase:

- (i) a. Os rapazes dormem, provavelmente. - Valor modal  
b. Os rapazes dormem, felizmente - Valor de orientação para o falante  
c. Matematicamente, esse facto é impossível. - Valor de orientação para o domínio.
- (ii) a. A escola dos teus filhos não está fechada, provavelmente. (não se está a negar a probabilidade de a escola estar fechada)  
b. Honestamente, tu às vezes não raciocinas. (não se está a negar "honestamente")
- (iii) a. \*Foi [provavelmente] que a escola dos teus filhos fechou?  
b. \*Foi [infelizmente] que tu adoceceste?

1. O mesmo item adverbial pode pertencer a duas subclasses diferentes. Em (i), "naturalmente" é um advérbio de predicado, de acordo com (ii) e (iii), com uma interpretação de modo (iv), enquanto em (v) pertence à subclasse dos advérbios de frase, conforme (vi) e (vii), com valor afirmativo (viii).

- (i) Ele começou a falar naturalmente.
- (ii) Foi naturalmente que ele começou a falar?
- (iii) Ele começou a falar não naturalmente, mas pouco à vontade.
- (iv) Ele começou a falar de modo natural.
- (v) Naturalmente, ele começou a falar.
- (vi) \*Foi naturalmente ou possivelmente que ele começou a falar?
- (vii) \*Não naturalmente, mas possivelmente, ele começou a falar.
- (viii) Obviamente, ele começou a falar.

## Advérbio conectivo

Advérbio cuja função é o estabelecimento de nexos entre frases (i) ou constituintes da frase (ii), como por exemplo relações de consequência (iii), de contraste (iv) ou ordenação (v). Tal como os advérbios de frase, os advérbios conectivos não são afectados pela negação frásica (vi) ou por estruturas interrogativas como as ilustradas em (vii). Os advérbios conectivos distinguem-se de conjunções com valor idêntico por poderem, por exemplo, ocorrer entre o sujeito e o predicado (viii).

## Exemplos

- (i) O Pedro falou com a Maria. [Seguidamente], foi para casa.
- (ii) Alguns alunos desta turma, [designadamente] o Pedro e o João, estão de parabéns.
- (iii) O professor caiu. [Consequentemente], partiu uma perna.
- (iv) Está frio. O João, [contudo], vestiu uns calções.

- (v) [Primeiro] batem-se os ovos com o açúcar, [seguidamente] deita-se o leite e a farinha, [finalmente] leva-se tudo ao forno.
- (vi) Hoje há greve de funcionários. A escola dos teus filhos não está fechada, contudo. (a negação frásica não está a negar o advérbio "contudo")
- (vii) \*Foi [consequentemente] que a escola dos teus filhos fechou?
- (viii) a. Está frio, mas o João fica na praia. /\*Está frio. O João, mas, fica na praia. ("mas" é uma **conjunção**)
- b. Está frio. Porém, o João fica na praia. /Está frio. O João, porém, fica na praia. ("porém" é um advérbio conectivo)

### Advérbio de negação

**Advérbio** cujo **significado** contribui para reverter o valor de verdade de uma **frase** afirmativa ou para negar um constituinte. Este advérbio pode ser um **modificador** do **grupo verbal** ou de um constituinte do grupo verbal. A tradição gramatical considera "não" o único advérbio de negação.

Em construções de negação frásica (i), a distribuição do advérbio é bastante restrita (ii). Neste caso, "não" ocorre sempre em posição de adjacência à esquerda do **verbo**). Quando o advérbio nega um constituinte da frase, modifica apenas esse constituinte e ocorre à sua esquerda (iii)-(v).

### Exemplos

Negação frásica:

- (i) O João [não] comprou flores à Ana.
- (ii) (a) \*Não o João comprou flores à Ana.  
(b) \*O João comprou não flores à Ana.  
(c) \*O João comprou flores não à Ana.  
(d) \*O João comprou flores à Ana não.

Negação de constituinte:

- (iii) O João [comprou à Ana ontem [não flores]], mas livros. (modifica o grupo nominal **complemento directo**)
- (iv) O João [comprou flores ontem [não à Ana]], mas à Raquel. (modifica o grupo preposicional **complemento indirecto**)
- (v) O João [comprou flores à Ana [não ontem]], mas hoje. (modifica o grupo adverbial **modificador**)

### Notas

Os advérbios "nunca" e "jamais", apesar de serem palavras negativas, não são advérbios de negação, uma vez que, em frases como "Eu não estive lá nunca", "nunca" não é a palavra responsável pelo valor afirmativo ou negativo da frase. Comportam-se, assim, como palavras que, excepto em posição pré-verbal, precisam de co-ocorrer com um advérbio de negação.

### Advérbio de afirmação

**Advérbio** utilizado em respostas a **interrogativas** totais (i) ou como **modificador** de um constituinte (ii) cujo **significado** contribui para asserir ou reforçar o valor afirmativo de um **enunciado**.

### Exemplos

- (i) Vais à praia?  
Sim.
- (ii) A Ana não comprou livros, mas sim flores.

### Advérbio de quantidade e grau

**Advérbio** que contribui com informação sobre **grau** ou quantidade, que pode ocorrer internamente ao **predicado** (i) ou como **modificador** de **grupos adjetivais** (ii) ou **adverbiais** (iii). Alguns destes advérbios são utilizados para a formação do grau dos **adjetivos** e **advérbios** (iv).

#### Exemplos

- (i) Os rapazes comeram muito.
- (ii) Tu estás [demasiado cansada].
- (iii) Tu corres [excessivamente depressa].
- (iv) Ele é mais alto do que tu.

### Advérbio de inclusão e exclusão

**Advérbio** que permite realçar o constituinte que modifica, contribuindo com informação sobre, por exemplo, o seu carácter exaustivo (i) ou a sua participação ou não num determinado conjunto (ii). Estes advérbios podem ocorrer internamente ao **predicado** (iii) ou como **modificadores** de **grupos adjetivais** (iv), **adverbiais** (v), **nominais** (vi) ou **preposicionais** (vii).

#### Exemplos

- (i) a. [Só a Maria] faltou à aula.  
b. Ele fala [apenas de assuntos estranhos].
- (ii) a. [Até a Maria] faltou à aula.  
b. Como tudo, [excepto endívias].
- (iii) O João [riu mesmo].
- (iv) Ele é [apenas aborrecido].
- (v) [Só ontem] é que saí do hospital.
- (vi) Vi [até aqueles filmes].
- (vii) Gosto [até de bolachas].

### Advérbio interrogativo

**Advérbio** que identifica o constituinte interrogado numa construção **interrogativa** e que é substituível por um **grupo adverbial** ou **preposicional**.

#### Exemplos

Em (i), as palavras “onde”, “quando” e “porquê” são advérbios interrogativos:

- (i) Onde moras?
- Quando chegaste?
- Fizeste isso porquê?

### Advérbio relativo

**Advérbio** que identifica o constituinte relativizado numa **oração relativa** e que é substituível por um **grupo adverbial** ou **preposicional**.

#### Exemplos

- Em (i), a palavra “onde” é um advérbio relativo:
- (i) A rua onde moro é bonita.

### Interjeição

**Palavra invariável** que pertence a uma **classe aberta**. Uma interjeição não estabelece relações sintácticas com outras **palavras** e tem uma função exclusivamente emotiva. O valor de cada interjeição depende do **contexto** de **enunciação** e corresponde a uma atitude do falante ou **enunciador**.

A tradição gramatical luso-brasileira classifica semanticamente as interjeições, conforme os exemplos (i) a (xi).

### Exemplos

- (i) De alegria: ah!, oh!, ...
- (ii) De animação: eia!, vamos!, ...
- (iii) De aplauso: bravo!, viva!, ...
- (iv) De desejo: oh!, oxalá!, ...
- (v) De dor: ai!, ui!, ...
- (vi) De espanto ou surpresa: ah!, hi!, ...
- (vii) De impaciência: irra!, hem!, ...
- (viii) De invocação: ó!, pst!, ...
- (ix) De silêncio: psiu!, silêncio!, ...
- (x) De suspensão: alto!, basta!, ...
- (xi) De terror: ui!, uh!, ...

### B.3.2. Classe fechada de palavras

Classe de palavras que é constituída por um número limitado (normalmente pequeno) de **palavras** e à qual a evolução da língua só muito raramente acrescenta novos membros. É normalmente fácil enumerar todos os membros de uma classe fechada de palavras.

**Exemplos** São classes fechadas de palavras, por exemplo, a classe das **conjunções** e a classe das **preposições**.

### Pronome

**Palavra** pertencente a uma **classe fechada** de palavras que, em alguns casos, permite variação em **género** e **número**, noutros em pessoa, género e número e noutros permite variação em **caso**. Ao contrário do que acontece com o **determinante**, o **pronome** não pode preceder um **nome** (a menos que sejam separados por uma **pausa**).

### Exemplos

- (i) ele - Ele vai a casa.
- (ii) este - Este é o melhor.
- (iii) meu - O meu é o melhor.

Impossibilidade de co-ocorrência de nomes e pronomes:

- (iv) \*Ele Miguel é bonito.
- (v) O meu carro é o melhor. (neste caso, a co-ocorrência só é possível porque "meu" é um determinante e não um pronome)

### Classes de pronomes:

#### Pronome pessoal

**Pronome** que admite variação em **caso**, **pessoa**, **género** e **número** e que se refere, geralmente, aos participantes do discurso.

O pronome pessoal tem formas tónicas e formas átonas. São formas átonas as formas do pronome pessoal que ocorrem sistematicamente adjacentes ao verbo (à esquerda do verbo - em próclise - ou à direita - em ênclise -, ou ainda no interior das formas de futuro e condicional - em mesóclise); são formas tónicas as restantes formas. As formas da variante átona do pronome pessoal cuja terceira pessoa é "se" podem assumir diferentes valores, funcionando como marcadores de reflexividade (i) e reciprocidade (ii). Podem ainda ocorrer como marcadores de indefinição do **sujeito** (valor impessoal – ocorrendo

exclusivamente na terceira pessoa) (iii), de uma estratégia de passivização (valor passivo – ocorrendo exclusivamente na terceira pessoa) (iv) ou como parte integrante do verbo com que se combinam (valor inerente) (v).

**Exemplos** Pronomes pessoais tónicos: eu, tu, você, ele / ela, nós, vós, vocês, eles / elas; mim, ti, si.  
Pronomes pessoais átonos: me, te, o, a, lhe, nos, vos, os, as, lhes, se.

- (i) O João viu-se no espelho.
- (ii) O João e a Maria encontraram-se na rua.
- (iii) Dorme-se bem neste colchão.
- (iv) Dizem-se coisas estranhas neste país.
- (v) A Maria porta-se mal.

**Notas:** 1. São formas de contracção do pronome pessoal tónico com a **preposição** "com" as seguintes formas: comigo, contigo, connosco, convosco, consigo.  
2. São formas de contracção de dois pronomes pessoais as formas "mo(s)"/"ma(s)" (contracção de "me" e "o(s)"/"a(s)"), "to(s)"/"ta(s)" (contracção de "te" e "o(s)"/"a(s)"), "lho(s)"/"lha(s)" (contracção de "lhe" e "o(s)"/"a(s)").

### **Pronome demonstrativo**

**Pronome** que admite variação em **género** e **número** e que tem um valor **deíctico** ou **anafórico**, estabelecendo a sua **referência** tendo em conta a sua relação de proximidade ou distância com, por exemplo, um participante do discurso ou um antecedente textual.

**Exemplos** Pronomes demonstrativos:

- a) Formas tónicas
- este(s), esta(s), isto
  - esse(s), essa(s), isso
  - aquele(s), aquela(s), aquilo

- b) Forma átona
- o
  - (i) [Isto] incomoda-me.
  - (ii) Ele disse-[o] (= ele disse isso / ele disse que ...)
  - (iii) Este rapaz é um palerma e [aquele] também...

### **Pronome possessivo**

**Pronome** que admite variação em **pessoa**, **género** e **número** e que tem um valor **deíctico** ou **anafórico**, referindo-se, tipicamente, a um participante do discurso ou a um antecedente tomado como possuidor. Os pronomes possessivos são geralmente precedidos de **artigo definido**.

**Exemplos** Pronomes possessivos:

- Um possuidor:
- meu, minha, meus, minhas
  - teu, tua, teus, tuas
  - seu, sua, seus, suas

Vários possuidores:

- nosso, nossa, nossos, nossas
- vosso, vossa, vossos, vossas
- seu, sua, seus, suas

Na frase seguinte, "teus" é um pronome possessivo: (i) Os filhos da Maria estão óptimos! E os teus?

**Notas** Nem sempre os pronomes possessivos expressam uma relação de posse. Por exemplo, num contexto como "Esta é a minha fotografia, aquela é a tua", há três interpretações possíveis para o pronome "tua": a) a fotografia que tu possuis (posse); b) a fotografia que tu tiraste (agente); c) a fotografia que te tiraram (objecto).

### Pronome indefinido

**Pronome** que admite variação em **género** e **número**, correspondente ao uso pronominal de um **quantificador** ou de um **determinante indefinido**.

### Exemplos

- (i) [Alguém] bateu à porta.
- (ii) Ele comeu [tudo].
- (iii) Ninguém] lhe telefonou.
- (iv) [Todos] vieram à festa.
- (v) Tu compraste muitos livros, mas eu só comprei [alguns].

### Pronome relativo

**Pronome** que ocorre no início das **orações relativas**.

**Exemplo:** São pronomes relativos:

Variáveis: - o qual, os quais, a qual, as quais

Invariáveis: - que - quem

- (i) Encontrei o livro [de que me falaste].
- (ii) Conheço [quem te pode ajudar].

### Notas

1. Note-se que o pronome relativo tem uma função dupla na **oração adjectiva** ou **substantiva** em que ocorre, na medida em que:
  - (i) sendo um pronome, desempenha uma função sintáctica;
  - (ii) serve de conector ou elemento de ligação entre a **oração subordinada** e o **nome** ou **grupo nominal** que modifica.
2. Como o exemplo (i) mostra, quando o pronome relativo faz parte de um **grupo preposicional**, todo o grupo preposicional ocorre em posição inicial da oração relativa.
3. Nem todas as palavras que introduzem orações relativas pertencem à classe dos pronomes, como é o caso dos **advérbios** relativos "onde", "como", dos **quantificadores** relativos "quanto(s)/quanta(s)" e do **determinante** relativo "cujo(s)/cuja(s)".

### Pronome interrogativo

**Pronome** que identifica o constituinte interrogado em **frases interrogativas** parciais (i)-(iii).

**Exemplos** São pronomes interrogativos:

- o que, o quê – quem - que

(i) Quem encontraste? (ii) Fizeste o quê? (iii) Quantas encontraste?

## Notas

Nem todas as palavras que identificam o constituinte interrogado em frases interrogativas parciais são pronomes. Assim, quando uma palavra interrogativa precede um nome, trata-se de um **determinante** interrogativo, como "que" em "que livro leste?"; se precede um nome e tem valor quantificacional, trata-se de um **quantificador** interrogativo, como "quanto(s)/quanta(s)" em "quantos livros leste?"; se não é de natureza nominal, trata-se de um **advérbio** interrogativo, como "onde", "como" e "porque/porquê".

## Determinante

**Palavra** pertencente a uma **classe fechada** que geralmente precede o **nome**, contribuindo para a construção do seu **valor referencial**. Os determinantes incluem as seguintes subclasses: **artigos** (i), **determinantes demonstrativos** (ii), **determinantes possessivos** (iii), **determinantes indefinidos** (iv), **determinantes interrogativos** (v) e **determinantes relativos** (vi).

## Exemplos

(i) (a) São artigos definidos: o / os / a / as

(b) São artigos indefinidos: um / uns / uma / umas

(ii) São determinantes demonstrativos:

este / estes / esta / estas

esse / esses / essa / essas / aquele / aqueles / aquela / aquelas

(iii) São determinantes possessivos:

Um possuidor:

- meu, minha, meus, minhas

- teu, tua, teus, tuas

- seu, sua, seus, suas

Vários possuidores:

- nosso, nossa, nossos, nossas

- vosso, vossa, vossos, vossas

- seu, sua, seus, suas

(iv) São determinantes indefinidos:

- certo(s) / certa(s)

(v) São determinantes interrogativos:

- que, qual, quais

(vi) São determinantes relativos:

- cujo, cuja, cujos, cujas

## Artigo

**Determinante** que é utilizado para indicar o grau de definitude ou **especificidade** do **nome** que precede.

## Exemplos

(a) São **artigos definidos**:

o / os

a / as

(b) São **artigos indefinidos**:

um / uns

uma / umas

### **Artigo definido**

**Artigo** utilizado, tipicamente, em contextos em que se assume que o referente do **nome** que precede corresponde a informação partilhada pelos participantes do **discurso**.

**Exemplos** (i) [O] rapaz comeu [o] bolo.

### **Artigo indefinido**

**Artigo** utilizado, tipicamente, em contextos em que se assume que o referente do **nome** que precede não corresponde a informação dada ou previamente identificada.

**Exemplos** (i) Ando à procura de [um] carro novo, mas ainda não decidi qual vou comprar.

### **Determinante demonstrativo**

**Determinante** variável em **género** e **número** que tem um valor **deíctico** ou **anafórico**, contribuindo para a construção da **referência** do **nome** que precede tendo em conta a sua relação de proximidade ou distância com, por exemplo, um participante do discurso ou um antecedente textual. O determinante demonstrativo não pode co-ocorrer com o **artigo**, conforme (ii), e, em caso de co-ocorrência com o **determinante possessivo**, precede-o obrigatoriamente (iii). Os determinantes demonstrativos podem ser precedidos de certos **quantificadores** (iv).

### **Exemplos**

(i) São determinantes demonstrativos:

este(s), estas(s)

esse(s), essa(s)

aquele(s), aquela(s)

(ii) (a) Este carro é azul.

(b) \*O este carro é azul.

(iii) (a) Este meu aluno chega sempre atrasado.

(b) \*Meu este aluno chega sempre atrasado.

(iv) Todos estes alunos chegaram atrasados.

### **Determinante possessivo**

**Determinante** variável em **pessoa**, **género** e **número** e que tem um valor **deíctico** ou **anafórico**, contribuindo para a construção da **referência** do **nome** que precede através do estabelecimento de uma relação de posse entre o nome e, por exemplo, um participante do discurso (ii) ou um antecedente textual (iii). Em contextos definidos, o determinante possessivo é obrigatoriamente precedido pelo **artigo definido** ou pelo **demonstrativo** (iv), excepto em contextos em que o **grupo nominal** em que se encontra tem a função de **vocativo** (v) ou de **modificador apositivo** (vi). Os determinantes possessivos podem ser precedidos de certos **quantificadores** (vii). Em contextos indefinidos, o determinante possessivo ocorre em posição pós-nominal (viii)-(ix).

### **Exemplos**

(i) São determinantes possessivos:

Um possuidor:

- meu, minha, meus, minhas

- teu, tua, teus, tuas

- seu, sua, seus, suas
- Vários possuidores:
- nosso, nossa, nossos, nossas
- vosso, vossa, vossos, vossas
- seu, sua, seus, suas

- (ii) O [meu] carro é o melhor.
- (iv) Todos os pais pegaram nos [seus] filhos e saíram.
- (v) (a) {Este / O} [meu] aluno chega sempre atrasado.
- (b) \*[Meu] {este / O} aluno chega sempre atrasado.
- (v) [Meu] filho, vem comer a sopa
- (vi) ...a D. Afonso Henriques, D. Sancho I, [seu] filho primogénito, sucedeu-lhe.
- (vii) Todos {estes / os } [meus] alunos chegaram atrasados.
- (viii) Um amigo meu mora ali.
- (ix) Alunos meus não fariam isso.

### Notas

Nem sempre os determinantes possessivos expressam uma relação de posse. Por exemplo, num contexto como "a minha fotografia", há três interpretações possíveis: a) a fotografia que eu possuo (posse); b) a fotografia que eu tirei (agente); c) a fotografia que me tiraram (objecto).

### Determinante indefinido

**Determinante** variável em **género** e **número** tipicamente utilizado em contextos em que se assume que o referente do **nome** que precede não corresponde a informação **específica** ou identificada. Distingue-se do **artigo indefinido** por poder co-ocorrer com este (ii).

### Exemplos

- (i) São determinantes indefinidos:
  - certo(s), certa(s) outro(s), outra(s)
- (ii) (a) Certos professores andam contentes.
- (b) Uns certos professores andam contentes.

### Notas

Quando o determinante indefinido co-ocorre com artigos definidos ou indefinidos ou com determinantes demonstrativos, o valor definido ou indefinido da expressão nominal é o veiculado pelo artigo ou pelo determinante demonstrativo.

### Determinante relativo

**Determinante** que ocorre com um **nome** no início das **orações relativas**.

### Exemplos

- Em (i), a palavra "cujos" é um determinante relativo:
- (i) Os alunos cujos textos foram premiados ganharam uma viagem.

### Determinante interrogativo

**Determinante** que ocorre com um **nome** em construções **interrogativas**, permitindo a identificação do constituinte interrogado.

### Exemplos

- Em (i), a palavra "que" é um determinante interrogativo:
- (i) Que livros compraste?

## Quantificador

Palavra ou locução que contribui para a construção do valor referencial de um nome com que se combina e cujo significado expressa informação relacionada com número, quantidade ou parte do seu referente, independentemente da sua definitude (i). Os quantificadores podem ser ainda usados para expressar informação de natureza quantitativa sobre expressões que não denotam entidades, mas sim situações (ii)

### Exemplos

- (i) a. Todos os livros foram vendidos. (o quantificador “todos” indica que, tomando como referente um conjunto de livros, a totalidade desse conjunto foi vendida)  
b. A maioria dos livros foi vendida.  
c. Comprei um litro de leite. (a expressão “um litro de” quantifica sobre o nome “leite”, fazendo uma medição)
- (ii) Fumo poucas vezes.

## Quantificador universal

Quantificador que induz uma leitura do grupo nominal relativa a todos os elementos de um conjunto.

**Exemplos** São quantificadores universais:

todo(s), toda(s), ambos, cada, qualquer e nenhum(a)/ nenhuns(mas).

(1) Todo o homem é mortal. (= Para todo o homem, verifica-se que ele é mortal.)

(2) Qualquer animal selvagem sabe procurar comida. (= Para todo o animal selvagem, verifica-se que ele sabe procurar comida.)

## Quantificador existencial

Quantificador utilizado para asserir a existência da entidade designada pelo nome com que se combina sem remeter para a totalidade dos elementos de um conjunto (i) ou para expressar uma quantidade não precisa (ii) ou relativa a um valor considerado como ponto de referência (iii).

### Exemplos

São quantificadores existenciais:

algum / alguns bastante(s) pouco(s) tanto(s) vários / várias

(i) Alguns alunos faltaram ao teste. (do conjunto de alunos considerados só uma parte faltou ao teste)

(ii) Vários alunos faltaram ao teste. (uma quantidade não precisa de alunos faltou ao teste)

(iii) Muitos alunos faltaram ao teste. (o número de alunos que faltou ao teste é superior à quantidade média).

## Quantificador numeral

Quantificador que expressa uma quantidade numérica inteira precisa (numeral cardinal) (i), um múltiplo de uma quantidade (numeral multiplicativo) (ii), ou uma fracção precisa de uma quantidade (numeral fraccionário). Os quantificadores numerais fraccionários e multiplicativos são, muitas vezes, locuções (metade de, dobro de, etc).

### Exemplos

(i) Comprei três livros.

(ii) Comprei o triplo dos livros.

(iii) Comprei metade dos livros.

**Notas** Muitas outras expressões de quantidade e medida, como “uma porção de”, “um litro de”, etc. funcionam sintática e semanticamente de forma semelhante aos quantificadores numerais fraccionários, podendo ser designados de expressões partitivas.

### Quantificador interrogativo

**Quantificador** que, numa construção **interrogativa**, identifica o constituinte interrogado, sendo substituído na resposta por um quantificador.

**Exemplos** Em (i), a palavra “quantos” é um quantificador interrogativo:

(i) Quantos livros leste?

R: Muitos./ Três. / Alguns.

### Quantificador relativo

**Quantificador** que, numa **oração relativa**, identifica o constituinte relativizado e tem como antecedente um **grupo nominal** introduzido por quantificador.

**Exemplos** Em (i), as palavras “quanto” e “quantas” são quantificadores relativos:

(i) a. Comi tudo quanto havia na festa.

b. Fiz tantas mudanças quantas pude fazer.

### Preposição

**Palavra invariável**, pertencente a uma **classe fechada** de palavras, que pode ter como **complemento** quer **orações**, quer **grupos nominais**, quer **advérbios**, obrigando qualquer **pronome** contido num grupo nominal que ocorra como seu **complemento** a apresentar **caso oblíquo** ((i), (ii)).

### Exemplos

(i) Ele quer jogar [contra mim].

(ii) \*Ele quer jogar [contra eu].

O seguinte conjunto de palavras é normalmente listado como constituindo o conjunto das preposições em Português:

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, segundo, sem, sob, sobre, trás.

### Conjunção

**Palavra invariável**, pertencente a uma **classe fechada** de palavras, que introduz **orações** (i) e constituintes **coordenados** (ii) e **orações subordinadas completivas** e **adverbiais** (iii-iv).

### Exemplos

(i) Tu foste para casa [e] eu fiquei na escola.

(ii) O João [e] a Maria foram para casa.

(iii) O Pedro disse [que] foi para casa.

(iv) [Quando] chegaste, fui-me embora.

### Conjunção coordenativa

**Conjunção** que introduz um constituinte **coordenado** ou uma **oração coordenada**. As subclasses de conjunção coordenativa estabelecem-se em função do tipo de **estrutura coordenada** ou oração coordenada que introduzem, sendo tradicionalmente listadas as conjunções coordenativas copulativas (i), disjuntivas (ii), conclusivas (iii), adversativas (iv) e explicativas (v).

### Exemplos

(i) O João saiu [e] eu fiquei em casa.

(ii) Vais sair [ou] vais ficar em casa?

- (iii) Penso, [logo] existo.
- (iv) É Natal, [mas] estou triste.
- (v) O Zé tem febre, [pois] constipou-se.

**Nota:** Algumas conjunções coordenativas são correlativas, podendo ocorrer precedendo cada um dos elementos coordenados. São exemplo de conjunções correlativas: "ou...ou", "nem...nem", "quer...quer".

### Conjunção subordinativa

**Conjunção** que introduz uma **oração subordinada completiva** ou **adverbial**. As subclasses de conjunção subordinativa estabelecem-se em função do tipo de **oração** que introduzem, sendo tradicionalmente listadas as conjunções subordinativas completivas (i), causais (ii), finais (iii), temporais (iv), concessivas (v), condicionais (vi), comparativas (vii) e consecutivas (viii). Muitas conjunções subordinativas que introduzem **orações subordinadas adverbiais** são **locuções** (ix).

### Exemplos

- (i) a. Diz-se [que] vai chover.  
b. Perguntei [se] estás contente.  
c. Pedi [para] te calares.
- (ii) O Zé tem febre, [porque] se constipou.
- (iii) O Zé ficou em casa, [para] ver o jogo.
- (iv) O Zé constipou-se, [quando] apanhou chuva.
- (v) [Embora] esteja doente, vou trabalhar.
- (vi) [Se] chover, fico em casa.
- (vii) Falo mais [do que] trabalho.
- (viii) Ele é tão alto [que] bate com a cabeça na ombreira da porta.
- (ix) a. [Ainda que] não te cales, não desisto.  
b. [Sempre que] chove, fico contente.

## B.4. Sintaxe

Disciplina da linguística que estuda a forma como as **palavras** se combinam para formar unidades maiores. A unidade máxima de análise sintáctica é a **frase**.

### B.4.1. Frase e constituintes da frase

#### Frase

**Enunciado** em que se estabelece uma relação de **predicação**, que contém, no mínimo, um **verbo principal**, podendo ainda incluir elementos como o **sujeito**, **complementos** seleccionados, predicativos e eventuais **modificadores**.

**Nota:** Há frases que aparentam não ter verbo principal, como a resposta no exemplo (i):

(i) A: Vais ver esse filme?

B: Vou.

Na verdade, em contextos deste tipo, considera-se que o verbo principal foi apagado ou pode ser subentendido através de um processo de **elipse**.

#### Constituintes da frase:

##### Grupo nominal

Grupo de **palavras** cujo constituinte principal é um **nome** ou um **pronome** e que funciona como uma unidade sintáctica.

Um grupo nominal pode ser constituído exclusivamente por um nome ou por um pronome (i) ou por um nome que co-ocorre com **complemento(s)** (ii), **modificadores** (iii) e **determinantes** e/ou **quantificadores** (iv).

### Exemplos

- (i) [Lisboa] é a capital de Portugal.  
[Ela] chegou.
- (ii) [ A [construção] da ponte] demorou vários anos.
- (iii) [A [rapariga] que conheceste] vive nessa casa.
- (iv) [Todos os meus [irmãos]] vivem em Lisboa.

### Grupo adjectival

Grupo de **palavras** cujo constituinte principal é um **adjectivo** e que funciona como uma unidade sintáctica. O grupo adjectival pode ser constituído exclusivamente por um adjectivo (i), ou por um adjectivo que co-ocorre com **complemento** (ii) e/ou **advérbios de quantidade e grau** (iii).

### Exemplos

- (i) Uma mulher [misteriosa] pediu a palavra.
- (ii) a. Os alunos estão [felizes [com a escola]].  
b. Esta crise é [impossível [de aguentar]].
- (iii) a. A Rita é uma rapariga [muito [inteligente]].  
b [O mais [inteligente]] dos meus alunos vive em Lisboa.

### Grupo verbal

Grupo de **palavras** cujo constituinte principal é um **verbo** e que funciona como uma unidade sintáctica. O grupo verbal pode ser constituído exclusivamente pelo verbo ou **complexo verbal** (i), ou por um verbo e pelos seus **complementos** (ii) e/ou **modificadores** (iii).

### Exemplos

- (i) a. [Chove].  
b. A Teresa [caiu].  
c. A Teresa [tinha espirrado].
- (ii) A Eva [encontrou o João].
- (iii) O Rui [telefonou ao Miguel ontem].

### Complexo verbal

Sequência de um ou mais **verbos** em que apenas um deles é um **verbo principal** e os restantes verbos são **verbos auxiliares**.

### Exemplos

- (i) O João tem trabalhado muito. (complexo verbal: "tem trabalhado")
- (ii) O João tem de começar a trabalhar muito. (complexo verbal: "tem de começar a trabalhar")
- (iii) O João vai começar a poder trabalhar muito. (complexo verbal: "vai começar a poder trabalhar")

### Grupo preposicional

Grupo de **palavras** cujo constituinte principal é uma **preposição** e que funciona como uma unidade sintáctica.

Todos os grupos preposicionais são formados pelo núcleo preposicional e pelo seu **complemento**. O complemento exigido por uma preposição pode ser um **grupo nominal**, um **advérbio** ou uma **oração**, pelo que um grupo preposicional pode ser constituído por: uma preposição e um grupo nominal (i); uma preposição e um advérbio (ii); uma preposição e uma oração (iii).

## Exemplos

- (i) uma preposição e um grupo nominal: Duvido [de pessoas demasiado simpáticas].
- (ii) uma preposição e um advérbio: Quero falar-te [desde ontem].
- (iii) uma preposição e uma oração: [Em [acabando o trabalho]], vou ao café.

## Grupo adverbial

Grupo de **palavras** cujo constituinte principal é um **advérbio** e que funciona como uma unidade sintáctica. Um grupo adverbial pode ser constituído exclusivamente por um advérbio (i), por um advérbio e pelo seu **complemento** (ii) e/ou por um advérbio e outro(s) advérbio(s) que o preceda(m) (iii).

## Exemplos

- (i) O João viu a Maria [ontem].
- (ii) [Independentemente da tua opinião], isto funciona.
- (iii) O João é o rapaz que corre [mais rapidamente].

## B.4.2. Funções sintácticas

### Funções sintácticas ao nível da frase:

#### Sujeito

Função sintáctica desempenhada pelo constituinte da **frase** que controla a **concordância** verbal. **Grupos nominais** (i) e **orações subordinadas substantivas** (ii) podem desempenhar a função sintáctica de sujeito. Quando o sujeito é um grupo nominal ou uma **oração substantiva relativa**, pode ser substituído pela forma **nominativa** do **pronome pessoal** (iii); quando o sujeito é uma **oração completiva**, pode ser substituído pelo **pronome demonstrativo** "isso" em posição pré-verbal (iv) e não pode ser substituído pelo pronome demonstrativo átono "o" (v).

## Exemplos

- (i) [Os meus primos] vivem em Santarém.  
[Esse rapaz alto que tu conheces] estudou no Porto.  
[O João] disse à Maria que viajou pelo Egipto.  
[Lisboa] é uma cidade europeia.  
Chegaram [os soldados do exército do rei].
- (ii) [Quem vai ao mar] perde o lugar.  
É verdade [que ele me mentiu].  
É certo [que ele foi despedido].  
Espanta-me [que ele tenha ganho o prémio].  
[Ele ter ganho o prémio] espanta-me.
- (iii) (a) [Os meus primos] vivem em Santarém.  
[Eles] vivem em Santarém.  
(b) [Quem vai ao mar] perde o lugar.  
[Ele] perde o lugar.
- (iv) É verdade [que ele me mentiu].  
[Isso] é verdade.
- (v) É verdade [que ele me mentiu].  
\*É-o verdade.

**Nota:** Apesar de o português ser uma língua SVO, é comum o sujeito encontrar-se em posição pós verbal, como nas frases "Vendem-se casas", "Chegaram os meninos", "Espanta-me [que faças isso]".

## Sujeito simples

**Sujeito** constituído exclusivamente por um **grupo nominal** (i) ou por uma **oração** (ii). A este contrapõe-se o **sujeito composto**.

### Exemplos

- (i) [O Manuel] telefonou pelas nove horas.
- (ii) [Quem não arrisca] não petisca.

## Sujeito composto

**Sujeito** constituído por uma **coordenação** de **grupos nominais** (i), de **orações** (ii), de **pronomes** (iii) ou de combinações destas categorias (iv). A este contrapõe-se o **sujeito simples**.

### Exemplos

- (i) [O Manuel e a Maria] telefonaram pelas nove horas.
- (ii) [Quem arrisca e quem sabe o que quer] é bem sucedido.
- (iii) [Eu e tu] telefonámos pelas nove horas.
- (iv) [Ela e o Manuel] telefonaram pelas nove horas.  
[O Pedro e quem tu sabes] acabam de entrar na sala.

## Sujeito nulo

**Sujeito** sem realização lexical.

Em contextos **não finitos**, o sujeito nulo é uma propriedade universal das línguas (i) e, em contextos **finitos**, é uma característica de línguas como o português (ii) ou o espanhol, por oposição ao francês ou ao inglês. O sujeito nulo pode não ter qualquer interpretação, como em (iii), sendo neste caso designado de expletivo; pode ser interpretado como tendo um referente **específico** que é recuperado através da **flexão verbal**, através de um processo **anafórico** ou contextualmente (iv), sendo neste caso designado de subentendido; pode ainda ter como referente uma entidade **não específica**, parafraseável por "alguém" (v), sendo neste caso designado de indeterminado.

### Exemplos

- (i) Eu quero [-] fumar.  
Yo quiero [-] fumar.  
Je veux [-] fumer.  
I want [-] to smoke.
  
- (ii) [-] Chove muito hoje.  
\* [Ele] chove muito hoje.  
[-] Diz-se que ela perdeu todo o seu dinheiro.  
\*[Ele] diz-se que ela perdeu todo o seu dinheiro.  
[-] Quero dormir.  
[Eu] quero dormir.
- (iii) [-] Choveu muito.  
[-] Há neve naquela montanha.
- (iv) [-] Vamos embora.  
O Pedro disse que [-] está cansado.  
[-] Chegou. (apontando-se para alguém que entra numa sala)
- (v) [-] Dizem que vai chover.

## Predicado

Função sintáctica desempenhada pelo **grupo verbal**.

## Exemplos

- (i) O João [pôs os livros na estante ontem].
- (ii) [Surpreende-me] que a Teresa tenha mentido.
- (iii) O João [está doente], infelizmente.
- (iv) [É óptimo] que possas vir à festa.

## Modificador

Função sintáctica desempenhada por constituintes não seleccionados por nenhum elemento do grupo sintáctico de que fazem parte. Por não serem seleccionados, a sua omissão geralmente não afecta a gramaticalidade de uma **frase** (i). Os modificadores podem relacionar-se com frases ou **orações** (ii), constituintes verbais (iii) ou nominais (iv).

Os modificadores podem ter diferentes formas (v) e diferentes valores semânticos (vi).

## Exemplos

- (i) (a) O camião explodiu [aqui].  
(b) O camião explodiu.
- (ii) [Felizmente], vou ficar em casa.  
[Matematicamente], isso está errado.
- (iii) A Ana cantou [ontem].  
A Ana cantou [mal].
- (iv) O rapaz [gordo] chegou.  
O rapaz [que tu conheces] chegou.
- (vi) Modificadores com diferentes formas (**grupo adverbial**, **grupo preposicional** e oração) e com valor semântico idêntico (temporal):  
A Ana cantou [ontem].  
A Ana cantou [naquele dia].  
A Ana cantou [quando tu chegaste de França].
- (vii) Modificadores com forma idêntica e diferentes valores semânticos (locativo, temporal e de modo):  
A Ana cantou [naquela sala].  
A Ana cantou [naquele dia].  
A Ana cantou [daquela maneira].

## Vocativo

Função sintáctica desempenhada por um constituinte que não controla a **concordância** verbal e que é utilizada em **contextos** de chamamento ou interpelação do **interlocutor**. O vocativo ocorre muito frequentemente em frases **imperativas**, **interrogativas** e **exclamativas**.

## Exemplos

- (i) [Miguel], dás-me a bola?
- (ii) [Ó Miguel], não me digas que te enganaste outra vez!

## Notas

O vocativo distingue-se do **sujeito** por poderem co-ocorrer (i) e por não ser o vocativo a controlar a concordância verbal (ii):

- (i) Amigos, comam a sopa. ("amigos" é vocativo; o sujeito é **nulo**)  
Amigos, comam vocês a sopa. ("amigos" é vocativo; o sujeito é "vocês")

(ii) Deuses, vinde a minha casa. (Se "Deuses" fosse o sujeito, desencadearia concordância na [terceira pessoa do plural](#)).

## Funções sintácticas internas ao grupo verbal:

### Complemento

Função sintáctica, distinta da função de [sujeito](#), desempenhada por um constituinte seleccionado por um [verbo](#), [nome](#), [adjectivo](#), [preposição](#) ou [advérbio](#).

**Exemplos** Na [frase](#) (i), o [grupo nominal](#) "o bolo" é complemento do verbo "comeu". Sabe-se que este constituinte é um complemento do verbo, porque a sua presença na frase depende deste verbo, conforme se atesta em (ii):

- (i) O João comeu o bolo.
- (ii) \*O João tossiu o bolo. (frase agramatical porque "o bolo" não é seleccionado por "tossiu")  
O João tossiu.

Na frase (iii), a [oração completiva](#) "de comprarmos uma casa" é complemento do nome "ideia". Sabe-se que este constituinte é um [complemento do nome](#), porque a sua presença na frase depende deste nome, conforme se atesta em (iv):

- (iii) A ideia de comprarmos uma casa agrada-me.
- (iv) \*A camisola de comprarmos uma casa agrada-me.  
A camisola agrada-me.

Na frase (v), o [grupo preposicional](#) "do filho" é complemento do adjectivo "orgulhoso". Sabe-se que este constituinte é um complemento do adjectivo, porque a sua presença na frase depende do adjectivo, conforme se atesta em (vi):

- (v) O Pedro está orgulhoso do seu filho.
- (vi) \*O Pedro está louco do seu filho.  
O Pedro está louco.

Na frase (vii), o grupo nominal "casa" é complemento da preposição "em":

- (vii) O Pedro está em casa.

O complemento distingue-se do [modificador](#), porque este não é seleccionado. Assim, a ausência de um complemento pode gerar uma frase anómala (i), o que não acontece com um modificador (ii).

- (i) a. O João porta-se mal.  
b. \*O João porta-se.
- (ii) a. O João cantou mal.  
b. O João cantou.

### Complemento directo

[Complemento](#) seleccionado pelo [verbo](#), que pode ter uma das seguintes formas:

- [grupo nominal](#) substituível por um [pronome pessoal acusativo](#) ("o", "a", "os" ou "as");
- [oração subordinada substantiva](#) substituível pelo [pronome demonstrativo](#) átono "o".

### Exemplos

Complementos directos [nominais](#):

- (i) O João comeu [o bolo].  
O João comeu-[o].
- (ii) A Margarida perdeu [a mala que a mãe lhe deu].

A Margarida perdeu-[a].

Complementos directos **oracionais**:

(iii) A Margarida disse [que o João comeu o bolo].

A Margarida disse-[o].

(iv) A Margarida também perguntou [se a tua mãe está melhor].

A Margarida também [o] perguntou.

### Complemento indirecto

**Complemento** seleccionado pelo **verbo**, que tem a forma de **grupo preposicional** e pode ser substituído pelo **pronome pessoal** na sua forma **dativa** ("lhe" / "lhes") (i-iii).

### Exemplos

(i) O Pedro deu uma prenda [aos pais].

O Pedro deu-[lhes] uma prenda.

(ii) O Pedro telefonou [ao médico de que lhe falei].

O Pedro telefonou-[lhe].

(iii) O Pedro telefonou [ao médico amigo da minha mãe].

O Pedro telefonou-[lhe].

### Complemento oblíquo

**Complemento** seleccionado pelo **verbo**, que pode ter uma das seguintes formas:

- **grupo preposicional** que não é substituível pelo **pronome pessoal** na sua forma **dativa** ("lhe" / "lhes") (i-ii).

- **grupo adverbial** (iii).

- a **coordenação** de qualquer uma destas formas (por exemplo (iv)).

### Exemplos

(i) O João foi [a Nova Iorque].

\*O João foi-lhe.

(ii) O João gosta [de bolos].

\*O João gosta-lhes.

(iii) O João mora [aqui].

(iv) O João vive [aqui ou em Lisboa]?

**Notas** Um complemento oblíquo pode ter diferentes valores semânticos, conforme exemplificado em (i) e (ii).

### Complemento agente da passiva

Função sintáctica desempenhada por um **grupo preposicional** presente numa **frase passiva**, que corresponde ao **sujeito** na **frase activa** com o mesmo **significado**.

### Exemplos

(i) A baleia foi encontrada [por um pescador]. (activa correspondente: "Um pescador encontrou a baleia")

(ii) O cão está a ser tratado [pelo veterinário]. (activa correspondente: "O veterinário está a tratar o cão.")

## Predicativo

### Predicativo do complemento directo

Função sintáctica desempenhada pelo constituinte seleccionado por um **verbo transitivo predicativo** (i) que **predica** algo acerca do **complemento directo**. Neste caso, **complemento** e predicativo do complemento directo formam o que se pode chamar uma predicação complexa, parafraseável por uma **oração completiva finita** (ii).

O predicativo do complemento directo pode ser um **grupo nominal** (ii) (a), um **grupo adjectival** (iii), ou um **grupo preposicional** (iv).

### Exemplos

- (i) Achar, chamar, considerar, julgar, tratar, eleger, nomear...
- (ii) (a) O João considera a Maria [uma óptima professora].  
(b) João considera que a Maria é uma óptima professora.
- (iii) O João acha a Maria [bonita].
- (iv) O João acha esse filme [sem interesse nenhum].

### Predicativo do sujeito

Função sintáctica desempenhada pelo constituinte que ocorre em frases com **verbos copulativos**, que **predica** algo acerca do **sujeito**. O predicativo do sujeito pode ser um **grupo nominal** (i), um **grupo adjectival** (ii), um **grupo preposicional** (iii) ou um **grupo adverbial** (iv-v).

### Exemplos

- (i) O João é [professor de Matemática].
- (ii) Os alunos estão [muito interessados].
- (iii) A Joana ficou [na escola].
- (iv) A minha casa é [aqui].
- (v) O teste é [amanhã].

**Notas:** O predicativo do sujeito contribui para a interpretação do sujeito, atribuindo-lhe uma propriedade, uma característica ou uma localização (temporal ou espacial). Neste sentido, diferencia-se dos complementos dos verbos transitivos (directos ou indirectos), cujo significado não contribui necessariamente para uma identificação de uma propriedade ou de uma localização atribuível ao sujeito. É possível constatar que expressões com valor locativo seleccionadas por verbos copulativos desempenham a função de predicativo do sujeito, porque podem ser coordenadas com outros constituintes com a mesma função, independentemente do seu valor:

- (i) O João está [em Paris e muito doente].

### Modificador

Função sintáctica desempenhada por constituintes não seleccionados por nenhum elemento do grupo sintáctico de que fazem parte. Por não serem seleccionados, a sua omissão geralmente não afecta a gramaticalidade de uma **frase** (i). Os modificadores podem relacionar-se com frases ou **orações** (ii), constituintes verbais (iii) ou nominais (iv).

Os modificadores podem ter diferentes formas (v) e diferentes valores semânticos (vi).

### Exemplos

- (i) (a) O camião explodiu [aqui].  
(b) O camião explodiu.
- (ii) [Felizmente], vou ficar em casa.

- (ii) [Matematicamente], isso está errado.
- (iii) A Ana cantou [ontem].  
A Ana cantou [mal].
- (iv) O rapaz [gordo] chegou.  
O rapaz [que tu conheces] chegou.
- (v) Modificadores com diferentes formas (**grupo adverbial**, **grupo preposicional** e oração) e com valor semântico idêntico (temporal):  
A Ana cantou [ontem].  
A Ana cantou [naquele dia].  
A Ana cantou [quando tu chegaste de França].
- (vi) Modificadores com forma idêntica e diferentes valores semânticos (locativo, temporal e de modo):
- (vii) A Ana cantou [naquela sala].  
A Ana cantou [naquele dia].  
A Ana cantou [daquela maneira].

### Funções sintáticas internas ao grupo nominal:

#### Complemento do nome

**Complemento** seleccionado por um **nome**. O complemento do nome pode ser um **grupo preposicional** (**oracional** (i) ou não oracional (ii)) ou, menos frequentemente, um **grupo adjectival** (iii).

Um nome pode seleccionar mais de um complemento (iv). Os complementos do nome são sempre de preenchimento opcional.

#### Exemplos

- (i) [A ideia [de que o João aceitaria o lugar]] é absurda. ([de que o João aceitaria o lugar] é o complemento do nome "ideia" no **grupo nominal** [a ideia de que o João aceitaria o lugar])
- (ii) [A construção [do edifício]] parece-me difícil. ([do edifício] é complemento do nome "construção" no grupo nominal [a construção do edifício])
- (iii) [A pesca [baleeira]] tem vindo a aumentar. ([baleeira] é o complemento do nome "pesca" no grupo nominal [a pesca baleeira])
- (iv) [A oferta [de livros] [às bibliotecas escolares]] é importante. ([de livros] e [às bibliotecas escolares] são complementos do nome "oferta" no grupo nominal [a oferta de livros às bibliotecas escolares]).

#### Modificador

Função sintáctica desempenhada por constituintes não seleccionados por nenhum elemento do grupo sintáctico de que fazem parte. Por não serem seleccionados, a sua omissão geralmente não afecta a gramaticalidade de uma **frase** (i). Os modificadores podem relacionar-se com frases ou **orações** (ii), constituintes verbais (iii) ou nominais (iv).

Os modificadores podem ter diferentes formas (v) e diferentes valores semânticos (vi).

#### Exemplos

- (i) (a) O camião explodiu [aqui].  
(b) O camião explodiu.
- (ii) [Felizmente], vou ficar em casa.  
[Matematicamente], isso está errado.
- (iii) A Ana cantou [ontem].  
A Ana cantou [mal].
- (iv) O rapaz [gordo] chegou.

O rapaz [que tu conheces] chegou.

(v) Modificadores com diferentes formas ([grupo adverbial](#), [grupo preposicional](#) e oração) e com valor semântico idêntico (temporal):

A Ana cantou [ontem].

A Ana cantou [naquele dia].

A Ana cantou [quando tu chegaste de França].

(vi) Modificadores com forma idêntica e diferentes valores semânticos (locativo, [temporal](#) e de modo):

A Ana cantou [naquela sala].

A Ana cantou [naquele dia].

A Ana cantou [daquela maneira].

### Modificador restritivo

[Modificador](#) do [nome](#) que limita, i.e., restringe a [referência](#) do nome que modifica (i).

Os elementos que podem funcionar como modificadores restritivos do nome podem ser [grupos adjetivais](#) (ii), [grupos preposicionais](#) (iii) ou [orações subordinadas adjetivas](#) (iv).

### Exemplos

(i) (a) Os escuteiros que são simpáticos brincaram com as crianças.

(b) Os escuteiros que são simpáticos brincaram com as crianças, os antipáticos não.

(a [relativa](#) "que são simpáticos" restringe a referência do nome "escuteiros", isto é, define o subconjunto dos escuteiros simpáticos num conjunto prévio de escuteiros. Note-se que, pelo facto de "que são simpáticos" restringir a referência de "escuteiros", é possível inferir que nem todos os escuteiros eram simpáticos - por isso mesmo, a [frase](#) (ib) é aceitável).

(ii) Adoro [flores [frescas e coloridas]].

(iii) [O rapaz [de barba]] é meu aluno.

(iv) [Os lobos [que vivem no Parque Peneda-Gerês]] estão em vias de extinção.

**Notas** Na [escrita](#), os modificadores restritivos não podem ser separados por [vírgulas](#) dos nomes a que se referem (cf. exemplos).

### Modificador apositivo

[Modificador](#) do [nome](#) que não restringe a [referência](#) do nome que modifica (i).

Os elementos que podem funcionar como modificadores apositivos são, tipicamente, [grupos nominais](#) (ii) ou [orações relativas explicativas](#) (iii).

### Exemplos

(i) (a) Os escuteiros, que são simpáticos, brincaram com as crianças.

(b) \*Os escuteiros, que são simpáticos, brincaram com as crianças, os antipáticos não.

(a [relativa](#) "que são simpáticos" não restringe a referência do nome "escuteiros", isto é, não define o subconjunto dos escuteiros simpáticos num conjunto prévio de escuteiros. Note-se que, pelo facto de "simpáticos" não restringir a referência de "escuteiros", não é possível inferir que nem todos os escuteiros eram simpáticos - por isso mesmo, a [frase](#) (ib) não é aceitável).

(ii) [D. Afonso II [, o gordo,]] tem um novo monumento.

(iii) [Os lobos [,que são mamíferos,]] são animais muito bonitos.

**Nota** Na [escrita](#), os modificadores apositivos são sempre separados por [vírgulas](#) dos nomes a que se referem (cf. exemplos).

## Funções sintácticas internas ao grupo adjectival:

### Complemento do adjectivo

**Complemento** seleccionado por um **adjectivo**. O complemento do adjectivo pode ser um **grupo preposicional** (**oracional** (i) ou não oracional (ii)).

Os complementos do adjectivo são, muitas vezes, de preenchimento opcional.

### Exemplos

- (i) O João está [contente [por te ter convidado]] ([por te ter convidado] é complemento do adjectivo "contente" no grupo adjectival [contente por te ter convidado]).
- (ii) O João está [contente [com a situação]] ([com a situação] é **complemento do adjectivo** "contente" no grupo adjectival [contente com a situação]).

## B.4.3. Tipos de frase

### (Tipo de) frase declarativa

**Frase** em que é feita uma asserção e que se pode caracterizar pela ausência dos traços específicos dos outros tipos de frase (ver **frases interrogativas**, **exclamativas** e **imperativas**).

As declarativas classificam-se também segundo a ordem dos seus constituintes, sendo (i) uma declarativa não marcada e (ii) uma declarativa marcada. A alteração de ordem é, frequentemente, utilizada em **contextos** discursivos específicos, como a ênfase num determinado constituinte.

### Exemplos

- (i) O João comeu o bolo.
- (ii) O bolo, o João comeu(-o).

### (Tipo de) frase interrogativa

**Frase** que corresponde à formulação de uma pergunta, tendo funções pragmáticas distintas como um pedido de informação (i) ou de acção (ii).

As interrogativas directas (iii) podem ser [frases simples][315 Frase simples, enquanto as interrogativas indirectas (iv) são subordinadas substantivas completivas.[Oração subordinada substantiva completiva]

As frases interrogativas podem ser classificadas segundo o tipo de resposta que se espera obter. Assim, são interrogativas totais as que são passíveis de obter uma resposta afirmativa ou negativa (v); e são interrogativas parciais as frases em que a interrogação recai sobre um dos constituintes, conforme (vi) e (vii). As interrogativas parciais caracterizam-se pela presença de um **elemento interrogativo**, o qual pode não se encontrar em posição inicial (viii).

### Exemplos

- (i) Que horas são?
- (ii) Fecha a janela?
- (iii) Comeste a sopa?
- (iv) O João perguntou [se comeste a sopa].
- (v) - O João viu a Maria ontem?  
- Sim / Não.
- (vi) Quem é que o João viu ontem?
- (vii) Quando é que o João viu a Maria?
- (viii) O João viu quem?

### **(Tipo de) frase exclamativa**

**Frase** que corresponde à expressão de uma avaliação do falante face a determinado **contexto**. As exclamativas caracterizam-se por processos sintácticos, como a inversão do sujeito (i), e/ou por **marcas prosódicas**, como o **acento** de **intensidade** a destacar um determinado constituinte (ii).

As frases exclamativas podem ser classificadas em função do escopo da exclamação. Assim, quando a exclamação recai sobre toda a frase, a exclamativa é total (iii); se a exclamação recai sobre um dos constituintes da frase, por exemplo, o **grupo nominal** sujeito (iv) ou o **grupo verbal** (v), a exclamativa é parcial.

### **Exemplos**

- (i) Que fascinante é essa história!
- (ii) Essa história é HORRÍVEL!
- (iii) O bebé comeu a sopa!
- (iv) Que delícia é esta sopa!
- (v) Como comeste!

### **(Tipo de) frase imperativa**

**Frase** que corresponde à expressão de uma ordem ou pedido do falante e tem o **verbo** no **modo imperativo** (i), **conjuntivo** (ii), **indicativo** (iii) ou em formas do gerúndio (iv) ou infinitivo (v).

Um frase imperativa só pode ser enunciada na **forma activa** (vi), sendo impossível a formulação de uma imperativa **passiva** (vii).

### **Exemplos**

- (i) Fecha a porta!
- (ii) Fechem a porta!
- (iii) Calou!
- (iv) Andando!
- (v) Sentar!
- (vi) Come a sopa!
- (vii) \*É comida a sopa!

### **Frase activa**

Construção em que participam alguns verbos **transitivos directos**, **transitivos directos e indirectos** ou **transitivos predicativos**, que se opõe às **frases passivas**, na medida em que os constituintes interpretados como sujeito e complemento de uma relação de **predicação** são realizados como **sujeito** e **complemento directo**.

### **Exemplos**

"Os bandidos assaltaram dois bancos" é a frase activa correspondente à frase passiva "Foram assaltados dois bancos pelos bandidos".

### **Frase passiva**

Construção em que participam alguns **verbos transitivos directos**, **transitivos directos e indirectos** ou **transitivos predicativos**, na qual o constituinte interpretado como complemento de uma relação de **predicação** é realizado como **sujeito**, sendo o **verbo conjugado** numa forma composta, com o **auxiliar** "ser".

**Exemplos** "Foram assaltados dois bancos" é uma frase passiva.

#### B.4.4. Articulação entre constituintes e entre frases

##### Frase simples

Frase em que existe um único verbo principal ou copulativo.

**Exemplos** Frases simples:

- (i) O João foi a casa.
- (ii) O João está doente.
- (iii) O João pode ficar em casa.
- (iv) O João vai ficar doente.

##### Frase complexa

Frase em que existe mais do que um verbo principal ou copulativo. As frases complexas são frases que contêm mais do que uma oração.

**Exemplos** Frases complexas:

- (i) O João disse que vai ao cinema.
- (ii) O João quer ir ao cinema.
- (iii) O João fica feliz, se for ao cinema.
- (iv) Chegando a casa, falo contigo.
- (v) O João caiu e a Maria tropeçou.

##### Oração

Designação tradicional para os constituintes frásicos coordenados e subordinados contidos em frases complexas.

**Exemplos** A frase "Eu disse que vai chover" inclui a oração [que vai chover].

##### Coordenação

Processo sintáctico que consiste na junção de duas ou mais unidades linguísticas com a mesma categoria e/ou com a mesma função sintáctica. Os constituintes coordenados podem ser frases ou orações, grupos nominais, grupos adjetivais, grupos verbais, grupos adverbiais ou grupos preposicionais.

**Exemplos** Elementos coordenados:

- frases:

O João foi ao cinema e a Maria encontrou-o.  
O João foi ao cinema, o Paulo foi ao teatro e a Maria ficou em casa.

- grupos nominais:

Comprei arroz e legumes.  
Queres couve-flor, beterraba ou espinafres?

- grupos adjetivais:

Ela é baixa e gordinha.  
Ela é irritante e aborrecida.

- grupos verbais:

Ele tem bebido o leite e comido a papa.  
Ele tem bebido leite, comido a papa e tomado o xarope.

- grupos adverbiais:

Ele não trabalha nem bem nem depressa.  
Queres ir ao cinema hoje, amanhã ou depois?

- grupos preposicionais:

Fiz a viagem de carro e de avião.  
Fiz o percurso de carro, de bicicleta e a pé.

### Sindética

Construção de **coordenação** cujos membros não iniciais são introduzidos por uma **conjunção**.

### Exemplos

- **frase complexa** formada por coordenação em que pelo menos uma das orações coordenadas é introduzida por conjunção:

(i) O João foi à escola e a Teresa ficou em casa.

- construção de coordenação não envolvendo **frases** em que pelo menos um dos elementos coordenados é introduzido por uma conjunção:

(ii) A Eva partiu um copo e um prato.

**Notas** A tradição gramatical luso-brasileira aplica normalmente o termo "sindética" a estruturas de coordenação, não o aplicando a estruturas de subordinação.

### Assindética

Construção de **coordenação** cujos membros não iniciais não são introduzidos por uma **conjunção**.

### Exemplos

- **frase complexa** formada por coordenação em que nenhuma das **orações coordenadas** é introduzida por conjunção:

[O João foi à escola], [a Teresa ficou em casa].

- construção de coordenação não frásica em que os elementos coordenados não são introduzidos por uma conjunção:

A Eva partiu [um copo], [um prato]...

### Coordenação entre frases:

#### Oração coordenada

**Oração** contida numa **frase complexa**, que não mantém uma relação de subordinação sintáctica com a(s) frase(s) ou oração(ões) com que se combina, distinguindo-se, tipicamente, das orações subordinadas por não poder ser anteposta.

A oração coordenada adversativa em (i) distingue-se da oração subordinada adverbial concessiva em (ii) por, apesar de terem o mesmo significado, apenas a subordinada permitir anteposição:

### Exemplos

(i) a. Os pinguins não voam, mas têm asas.

b. \*Mas têm asas, os pinguins não voam.

(ii) a. Os pinguins não voam, embora tenham asas.

b. Embora tenham asas, os pinguins não voam.

#### Oração coordenada copulativa

**Oração coordenada** através de **conjunção coordenativa** que transmite um valor básico de adição de informação à oração com que se combina.

**Exemplos** Na **frase** "O João foi à praia e a Maria ficou em casa", é acrescentada a informação de que "a Maria ficou em casa" à oração "o João foi à praia".

### Oração coordenada disjuntiva

Oração coordenada através de **conjunção coordenativa** que exprime um valor de alternativa face ao que é expresso pela oração com que se combina.

**Exemplos** A frase "Ou o João foi à praia ou a Maria ficou em casa" só é verdadeira se, no caso de o João ter ido à praia, não for verdade que a Maria ficou em casa, ou vice-versa.

### Oração coordenada adversativa

Oração coordenada que transmite uma ideia de contraste face a um pressuposto expresso ou implícito na frase ou oração com que se combina.

**Exemplos** Na frase "Estou constipado, mas vou trabalhar", a oração coordenada adversativa contribui para contrariar o pressuposto segundo o qual, quando se está constipado, não se vai trabalhar.

### Oração coordenada conclusiva

Oração coordenada que transmite uma ideia de conclusão decorrente de uma premissa expressa ou implícita na frase ou oração com que se combina.

**Exemplos** Na frase "Estou constipado, logo não vou trabalhar", a oração coordenada conclusiva expressa a conclusão decorrente do facto explicitado de estar constipado e da premissa implícita segundo a qual quem está constipado não vai trabalhar.

### Oração coordenada explicativa

Oração coordenada em que se apresenta uma justificação ou explicação para que se torne legítimo o acto de fala expresso pela frase ou oração com que se combina.

**Exemplos** Na frase "O João está com medo, que estou a vê-lo a tremer", o facto de o falante ver o João a tremer é apresentado como o factor que justifica a afirmação de que o João tem medo.

### Subordinação:

#### Subordinante

Palavra, constituinte ou frase de que depende uma oração subordinada.

#### Exemplos

Na frase (i) o verbo "prometeu" é o elemento subordinante da oração subordinada "que me ia comprar um carro".

(i) O meu pai prometeu que me ia comprar o carro.

Na frase (ii), o nome "hipótese" é o elemento subordinante da oração subordinada "de te ires embora".

(ii) A hipótese de te ires embora agrada-me.

Na frase (iii), a frase "Eu compro um carro" é o elemento subordinante de que depende a oração subordinada "quando tu me deixares".

(iii) Eu compro um carro, quando tu me deixares.

#### Notas

Note-se que a subordinação é recursiva, podendo encontrar-se uma subordinada dentro de outra subordinada, desde que haja vários elementos subordinantes. Veja-se o seguinte caso:

O João disse [ que a Maria contou [que o Miguel mentiu ao Pedro]].

Neste caso, "disse" será o verbo subordinante da subordinada [que a Maria contou que o Miguel mentiu ao Pedro]. Acontece que a subordinada, neste caso, também contém um verbo subordinante. Assim, "contou" será o verbo subordinante da subordinada [que o Miguel mentiu ao Pedro].

Conforme se explicita nos exemplos, nem sempre uma oração subordinada depende de uma frase completa. Em “o João disse que vai chover”, a oração subordinada depende da existência do verbo “disse”. O fragmento “o João disse” não constitui um domínio de predicação completo, pelo que não faz sentido falar-se de oração subordinante neste contexto. Já no caso de “Quando chegares, telefono-te”, a frase “telefono-te” é uma frase completa, pelo que, neste caso, toda a frase é subordinante em relação à oração subordinada adverbial “quando chegares”.

### Oração subordinada

**Oração**, contida numa **frase complexa**, que desempenha uma função sintáctica na **frase** em que se encontra. As orações subordinadas podem desempenhar a função sintáctica de **sujeito**, **complemento** ou **modificador** (da frase, do **grupo verbal** ou do **nome**). Segundo o tipo de função sintáctica que desempenham, as **subordinadas** podem ser classificadas como substantivas (i), **adjectivas** (ii) ou **adverbiais** (iii).

### Exemplos

- (i) Disse-te [que não queria ir].  
**subordinada substantiva** - [que não queria ir]
- (ii) A rapariga [que conheci] trabalha muito bem.  
**subordinada adjectiva** - [que conheci]
- (iii) [Quando o conheci], apaixonei-me.  
**subordinada adverbial** - [quando o conheci]

### Oração subordinada substantiva

**Oração subordinada** que é **sujeito** ou **complemento** de um **verbo** (i), **nome** (ii) ou **adjectivo** (iii).

### Exemplos

- (i) (a) O Manuel quer [comer bolo]. - a oração substantiva é **complemento directo** do verbo “querer”  
(b) Surpreende-me [que esteja a chover]. - a oração substantiva é **sujeito** de “surpreender”
- (ii) A decisão [de invadir aquele país] foi absurda. - a oração substantiva é **complemento do nome** “decisão”
- (iii) Esta porta é fácil [de abrir] - a oração substantiva é **complemento do adjectivo** “fácil”.

### Oração subordinada substantiva completiva

**Oração subordinada substantiva** que é **sujeito** ou **complemento** de um **verbo**, **nome** ou **adjectivo**, podendo ser introduzida pelas **conjunções subordinativas** completivas “que” (i), “se” (ii) e “para” (iii). As subordinadas substantivas completivas podem ser **finitas** ou **não finitas** (iv), consoante o verbo se encontre numa forma verbal finita ou não finita.

### Exemplos

- (i) O Luís disse [que desejava cantar].
- (ii) A mãe perguntou [se queremos jantar já].
- (iii) A professora pediu [para sair mais tarde].
- (iv) O Manuel afirmou [adorar música chilena].

### Oração subordinada substantiva relativa

**Oração subordinada substantiva** que é introduzida por **pronomes relativos** como os listados em (i) e que pode ocorrer no mesmo contexto em que ocorrem constituintes que desempenham as funções sintácticas de **sujeito** (ii), de **complemento directo** (iii), de **complemento indirecto** (iv), de **complemento oblíquo** (v) e de **modificador** do **grupo verbal** (vi). As **subordinadas substantivas relativas** podem ser finitas ou não finitas, consoante o **verbo** se encontre numa **forma verbal finita** ou **não finita**.

## Exemplos

- (i) quem, o que, onde, quanto.
- (ii) [Quem vai ao mar] perde o lugar.
- (iii) O Luís procura [quem o ajude na escola].
- (iv) O Pedro pede dinheiro a [quem tiver].
- (v) O avô precisa de [quem cuide dele].
- (vi) Ela compra roupa [onde calha].

### Oração subordinada adjectiva

**Oração subordinada** que desempenha uma função sintáctica própria de um **adjectivo**, conforme (i) e (ii).

As orações subordinadas adjectivas apresentadas nos exemplos exercem a função sintáctica de **modificadores restritivos** (iii) e **apositivos** (iv).

As subordinadas adjectivas podem ser **relativas** ou gerundivas (ver nota 1).

## Exemplos

- (i) Os alunos [que estudam] têm bons resultados.
- (ii) Os alunos [estudiosos] têm bons resultados.  
(nas **frases** (i) e (ii), a relativa "que estudam" e o adjectivo "estudiosos" estão a modificar o **nome** "alunos")
- (iii) Os homens [que assaltaram a minha casa] eram assustadores.
- (iv) Os homens, que são mamíferos, têm semelhanças com os chimpanzés.

## Notas

1. Algumas **orações** gerundivas são subordinadas adjectivas, uma vez que desempenham a função de **modificadores** do nome (v).
- (v) Os livros [contendo erratas] devem ser postos fora do mercado.  
(A gerundiva destacada em (v) está a modificar o nome "livros").

### Oração subordinada adjectiva relativa

**Oração subordinada adjectiva** que é introduzida por um **pronome relativo** associado a um antecedente. (ver nota 1).

Os pronomes relativos não têm **referência** autónoma e é a relação com o antecedente que permite a identificação do seu referente (cf. (i) e (ii)).

## Exemplos

- (i) Os alunos [que são inteligentes] não precisam de estudar tanto.  
("os alunos" é o antecedente do pronome relativo "que")
- (ii) Os alunos [a quem negaram explicações] têm o direito de repetir os exames  
("os alunos" é o antecedente do pronome relativo "quem")

**Notas** 1. Antecedente é a expressão lexical a que o pronome relativo está associado e que é modificada pela oração relativa.

### Oração subordinada adjectiva relativa restritiva

**Oração subordinada adjectiva relativa**, introduzida pelas **palavras relativas** em (i), que tem a função de restringir a informação dada sobre o antecedente, ou seja, de identificar a parte ou a entidade precisa do domínio **denotado** pelo antecedente (ii).

As relativas restritivas desempenham a função sintáctica de **modificador restritivo** (iii).

## Exemplos

- (i) "que", "quem", "o qual" ("os quais", "a qual", "as quais"), "cujo" ("cujos", "cuja", "cujas"), "quanto" ("quantos", "quantas") e "onde".
- (ii) Os poemas [que foram escritos por Neruda] são património da humanidade (= do conjunto de todos os poemas, o subconjunto constituído pelos da autoria de Neruda é património da humanidade)
- (iii) Os meus alunos [que estudam] têm boas notas. (= do conjunto de todos os meus alunos, têm boa nota os que estudam)

## Oração subordinada adjectiva relativa explicativa

Oração subordinada adjectiva relativa, introduzida pelas **palavras relativas** em (i), que contribui com informação adicional sobre o antecedente. Nas **frases** com relativas explicativas, a **denotação** do antecedente do pronome relativo é a mesma, independentemente da presença da relativa, como a comparação entre (ii) e (iii) mostra. As relativas explicativas desempenham a função sintáctica de **modificadores apositivos** (iv).

Algumas relativas explicativas são introduzidas por um pronome relativo que retoma semanticamente o conteúdo de uma frase, desempenhando, nesses casos, a função de **modificadores** da frase (v).

## Exemplos

- (i) "que", "quem", "o qual" ("os quais", "a qual", "as quais"), "cujo" ("cujos", "cuja", "cujas"), "quanto" e "onde".
- (ii) A literatura, [que é imortal], encanta os estudantes. (= o conjunto de todas as entidades denotadas como literatura é imortal e encanta os estudantes)
- (iii) A literatura encanta os estudantes. (= o conjunto de todas as entidades denotadas como literatura encanta os estudantes)
- (iv) O escritor, [que nasceu no Brasil], ganhou o prémio Nobel.  
(a relativa está a modificar o **nome** "o escritor")
- (v) O escritor ganhou o prémio Nobel, [o que envaideceu a sua família].  
(a relativa está a modificar toda a frase que a antecede, exprimindo uma propriedade que qualifica o evento descrito pela frase **subordinante**, ou seja, a propriedade "envaidecer toda a família" modifica o evento "o escritor ter ganho o prémio Nobel")

## Notas

1. As relativas explicativas podem ser parafraseadas por qualquer modificador apositivo, como se verifica em (vi) e (vii). Por essa razão, as explicativas são também denominadas apositivas.

Exemplos:

- (vi) A literatura, [que é imortal], encanta os estudantes.
- (vii) A literatura, [arte imortal], encanta os estudantes.

## Oração subordinada adverbial

Oração subordinada que desempenha a função sintáctica de **modificador** da **frase** ou do **grupo verbal**.

## Exemplos

- Subordinadas adverbiais que modificam o grupo verbal:

- (i) Usavas o cabelo comprido [quando te conheci].
- (ii) Queria convidar-te a ir a minha casa [para te mostrar as fotografias].

- Subordinadas adverbiais que modificam a frase:

- (iii) A Teresa perde outro ano, [se não estudar].
- (iv) A Teresa consegue passar, [embora não estude].

### Oração subordinada adverbial causal

**Subordinada adverbial** que exprime a razão, o motivo (a causa) do evento descrito na subordinante ou que apresenta uma justificação para o que é expresso na subordinante. As subordinadas causais podem ser **finitas** ou **não finitas**.

#### Exemplos

Subordinadas causais finitas:

- (i) [Como a Maria estava doente], o João não quis sair.
- (ii) Vem depressa para casa, [porque o jantar está na mesa].

Subordinadas causais não finitas:

- Infinitivas:

- (iii) Eles não vêm à festa [visto estarem com sarampo].
- (vi) [Por perder o comboio], chegou três horas atrasada.
- (vii) [À força de insistir], consegui a informação.

- Participial:

- (vi) [Descoberta a epidemia de sarampo], a população foi posta de sobreaviso. (= a população foi posta de sobreaviso, visto ter sido descoberta a epidemia de sarampo)

- Gerundiva:

- (vii) [Estando os miúdos com sarampo], é possível que os pais não venham à festa. (= é possível que os pais não venham à festa, visto que os miúdos estão com sarampo)

### Oração subordinada adverbial final

**Subordinada adverbial** que exprime o propósito, a intenção (finalidade) da realização da situação descrita na subordinante. As subordinadas finais podem ser **finitas** ou **não finitas**.

#### Exemplos

Subordinada final finita:

- (i) [Para que a minha filha ficasse contente], convidei o Pedro.

Subordinada final não finita:

- Infinitiva:

- (ii) Vieram [para ver o filme].

### Oração subordinada adverbial temporal

**Subordinada adverbial** que estabelece a **referência temporal** em relação à qual a **subordinante** é interpretada. As subordinadas temporais podem ser **finitas** ou **não finitas**.

#### Exemplos

Subordinadas temporais finitas:

- (i) [Quando acabar o trabalho], vou ao cinema.
- (ii) A Teresa, [assim que acabou o trabalho], foi ao cinema.

Subordinadas temporais não finitas:

- Infinitiva:

- (iii) [Até acabares o trabalho], a nossa vida vai ser complicada.

- Participiais:

- (iv) [Uma vez conquistada a cidade], as tropas partiram.
- (v) [Batidas as claras], deve juntar-se a baunilha.

- Gerundivas:

- (vi) [Tendo devorado uma caixa de chocolates], acabei o trabalho.
- (vii) [Chegando a casa], cruzei-me com a minha prima.
- (viii) [Em chegando a casa], telefone-te.

### Oração subordinada adverbial concessiva

**Subordinada adverbial** que transmite uma ideia de contraste face a um pressuposto expresso ou implícito na **subordinante**. Estas subordinadas podem ter valores factuais ((i), (iii)) ou condicionais (ii).

#### Exemplos Subordinadas concessivas finitas

- (i) A Maria, [embora tenha fome], não é capaz de comer.
- (ii) [Mesmo se tiver fome], não serei capaz de comer.

Subordinadas concessivas não finitas:

Infinitiva: (iii) [Apesar de ter fome], a Maria não é capaz de comer.

Gerundiva: (iv) [Mesmo gostando de feijoada], hoje não vou a tua casa.

Participial: (vi) Mesmo arrumada, a casa parece um caos.

### Oração subordinada adverbial condicional

**Subordinada adverbial** que exprime a condição em que se verifica o facto expresso pela proposição contida na **subordinante**.

Do ponto de vista semântico, as condicionais podem ser classificadas em três tipos: factuais ou reais; hipotéticas; contrafactuais ou irrealis.

#### Exemplos Subordinadas condicionais finitas:

- (i) [Se comeste chocolate], tinhas fome. (factual)
- (ii) [Se comer chocolate], fico com alergia. (hipotética)
- (iii) [Se comesse chocolate], ficaria com alergia. (contrafactual)

Subordinada condicional não finita:

- Infinitiva: (iv) [A acreditar no que ele diz], ela mentiu. (hipotética)
- Participial: (v) [Destruídos os moldes], não será possível reconstruir a peça. (hipotética)
- Gerundiva: (vi) [Participando nessa exposição], estarás lançado como artista. (hipotética)

As condicionais podem ser utilizadas para veicular outros valores semânticos, como dúvida (i) ou alternativa (ii):

- (i) Se és tão amigo dele, empresta-lhe o dinheiro.
- (ii) Se havia de ficar em casa, fui antes para o cinema.

### Oração subordinada adverbial comparativa

**Subordinada adverbial** que exprime o **grau** e que, por essa razão, é considerada uma construção de gradação (tal como acontece com as **subordinadas consecutivas**).

As subordinadas comparativas são frequentemente construções elípticas, isto é, construções em que algo está **elidido**, nomeadamente, a forma verbal ou o **grupo verbal** na **oração subordinada**.

#### Exemplos

- (i) O meu bolo é mais doce [do que o teu]. (= do que o teu é doce)
- (ii) Esta casa é mais bonita [do que a outra].(= do que a outra é bonita)
- (iii) Ela dança tão bem [como canta].
- (iv) Ela está a envelhecer mais [do que a própria mãe].

- (= do que a própria mãe está a envelhecer)
- (v) A Rute comprou mais discos [do que livros]. (= do que comprou livros)
- (vi) Ele nada mais [do que eu corro].

As subordinadas comparativas diferem claramente dos outros tipos de subordinadas adverbiais, já que:

- (a) muitas vezes, parecem relacionar-se especificamente com um elemento da **subordinante** e não com toda a subordinante;
- (b) não têm geralmente muita mobilidade na **frase**:

- (vii) Comprei mais livros [do que tu].
- (viii) \*[Do que tu], comprei mais livros.

### Oração subordinada adverbial consecutiva

**Subordinada adverbial** que exprime a consequência de um facto apresentado na **subordinante**; em alguns casos, exprime-se a consequência do **grau** em se verifica dado facto apresentado na subordinante. Na medida em que podem exprimir o grau, as consecutivas são, como as **comparativas**, consideradas construções de graduação.

### Exemplos

Subordinadas consecutivas finitas:

- (i) Ele é tão gordo [que partiu a cadeira].
- (ii) A festa foi tal [que durou até de madrugada].
- (iii) Correu tão depressa [que tropeçou].
- (iv) Comi tanto ao almoço [que acho que não vou jantar].

Subordinada consecutiva não finita:

- Infinitiva:

- (v) Ele foi estúpido [a ponto de deixar a escola].

As subordinadas consecutivas diferem claramente dos outros tipos de subordinadas adverbiais, já que:

- (i) muitas vezes, modificam especificamente um elemento da subordinante e não toda a subordinante;
- (ii) não têm geralmente muita mobilidade na **frase**:
- (viii) Ele é tão grande [que bate com a cabeça nas portas].
- (vii) \*[Que bate com a cabeça nas portas], ele é tão grande.

## B.4.5. Processos sintácticos

### Concordância

Processo gramatical em que duas ou mais **palavras** partilham traços **flexionais** de **persona**, **género** ou **número** por se encontrarem numa determinada configuração sintáctica. Existe concordância obrigatória nos seguintes contextos: entre **sujeito** e **verbo** flexionado no **predicado** (i); entre **determinante** e **nome** (ii); entre **quantificador** e nome (iii); entre nome e **adjectivo** (iv); entre sujeito e **predicativo do sujeito** (adjectival ou nominal) (v); entre **complemento directo** e **predicativo do complemento directo** (adjectival) (vi); entre sujeito e **particípio passado** em construções **passivas** (vii).

### Exemplos

- (i) a. Nós chegámos.  
b. Chegaram o Rei de Espanha e as suas filhas.
- (ii) O menino
- (iii) Alguns meninos
- (iv) meninas simpáticas

- (v) Os rapazes estão cansados.
- (vi) Acho estes rapazes loucos.
- (vii) Os bancos foram assaltados.

## Elipse

Omissão não obrigatória de uma parte de uma **frase**, que pode ser recuperada a partir do **contexto** linguístico (i) ou extralinguístico (ii).

## Exemplos

- (i) a) O Miguel foi ao cinema e a Maria também foi.  
b) O Miguel foi ao cinema e a Maria também.  
(Note-se que ambas as frases são parafraseáveis por "O Miguel foi ao cinema e a Maria também foi ao cinema").
- (ii) (apontando para um copo de sumo): Também quero.

## B.5. Lexicologia

Disciplina da linguística que estuda o conjunto de palavras possíveis e de recursos disponíveis numa língua para a formação de palavras, bem como a forma como estas se relacionam.

### B.5.1. Léxico e vocabulário

#### Léxico

Conjunto de todas as **palavras** ou **constituintes morfológicas** portadores de **significado** possíveis numa língua, independentemente da sua actualização em registos específicos. O léxico de uma língua inclui não apenas o conjunto de palavras efectivamente atestada num determinado contexto (cf. **vocabulário**), mas também as que já não são usadas, as neológicas e todas as que os processos de de construção de palavras da língua permitem criar.

#### Vocabulário

Conjunto exaustivo das **palavras** que ocorrem num determinado **contexto** de uso.

**Nota** É possível estudar-se o vocabulário de um escritor, mas não o seu léxico, uma vez que apenas aquele se traduz numa lista de palavras utilizadas de facto.

#### Expressão idiomática

Expressão constituída por mais do que uma **palavra**, cujo significado não pode ser inferido a partir do **significado** das partes que a constituem.

**Exemplos** ir desta para melhor; tal pai tal filho; andar na lua; ter macaquinhos no sótão

**Nota** O termo "fraseologia" é, por vezes, utilizado como sinónimo de expressão idiomática.

#### Neologismo

**Palavra** cujo **significante** ou cuja relação **significante-significado** era inexistente num estágio de língua anterior ao da sua atestação.

#### Arcaísmo

**Palavra** ou construção cujo uso é considerado antiquado pela **comunidade linguística**.

#### Família de palavras

Conjunto das **palavras** formadas por **derivação** ou **composição** a partir de um **radical** comum.

**Exemplos** "mar", "maré", "marítimo", "marinheiro", "marina" são palavras da mesma família.

## B.5.2. Semântica lexical: significação e relações semânticas entre palavras

### Significação lexical:

#### Significante

Imagem acústica ou gráfica de uma palavra. Tradicionalmente, estabelece-se a oposição entre significante e significado.

#### Denotação

Significado literal e estável de uma palavra ou expressão.

**Nota** Denotação define-se por oposição a conotação.

#### Conotação

Significado(s) secundário(s) associado(s) a uma palavra ou expressão que não corresponde(m) ao seu sentido literal.

**Exemplos** Na frase "A minha camisa é vermelha", a palavra "vermelha" tem valor denotativo; na frase, "Ele é um sindicalista vermelho", a palavra "vermelho" tem valor conotativo evocando uma filiação partidária ou desportiva.

**Notas** Conotação define-se por oposição a denotação

#### Monossemia

Propriedade semântica característica das palavras ou dos constituintes morfológicos que possuem um único significado.

**Exemplo** A palavra "flebite" é monossémica, porque tem apenas um significado.

**Nota** O conceito de monossemia opõe-se ao conceito de polissemia.

#### Polissemia

Propriedade semântica característica das palavras ou dos constituintes morfológicos que possuem mais do que um significado.

**Exemplos** O verbo "partir" pode significar "ir-se embora" ou "quebrar", sendo, portanto, uma palavra polissémica. O constituinte morfológico "-s" pode significar "plural" ou "2ª pessoa do singular", sendo, portanto, um constituinte morfológico polissémico.

**Nota** O conceito de polissemia opõe-se ao conceito de monossemia.

## Relações semânticas entre palavras:

### Relações de hierarquia:

#### Hiperonímia

Relação de hierarquia semântica entre **palavras**, em que o **significado** de uma (designada por hiperónimo), por ser mais geral, inclui o de outras (designadas por **hipónimos**).

#### Exemplos

A palavra "animal" é um hiperónimo de "peixe". A palavra "peixe" é um hiperónimo de "sardinha".

**Notas** As relações de hiperonímia/hiponímia distinguem-se das de **holonímia/meronímia** na medida em que naquelas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam nestas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.

#### Hiponímia

Relação de hierarquia semântica entre **palavras**, em que o **significado** de uma (designada por hipónimo), por ser mais específico, se encontra incluído no de outra (designada por **hiperónimo**).

**Exemplos** As palavras "peixe" e "ave" são hipónimos de "animal".

**Notas** As relações de hiperonímia/hiponímia distinguem-se das de **holonímia/meronímia** na medida em que naquelas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam nestas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.

### Relações de parte-todo:

#### Holonímia

Relação de hierarquia semântica entre **palavras**, em que o **significado** de uma (designada de holónimo) refere um todo do qual a outra (designada de **merónimo**) é parte constituinte.

**Exemplos** carro / volante -> carro estabelece uma relação de holonímia com volante corpo / braço; barco / vela.

**Notas** As relações de holonímia/meronímia distinguem-se das **hiperonímia/hiponímia** de na medida em que nestas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam naquelas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.

#### Meronímia

Relação de hierarquia semântica entre **palavras**, em que o **significado** de uma (designada de merónimo) remete para uma parte constituinte da outra (designada de **holónimo**).

**Exemplos** A **palavra** "dedo" é um merónimo da palavra "mão".

**Notas** As relações de holonímia/meronímia distinguem-se das de [hiperonímia/hiponímia](#) na medida em que nestas há uma transferência de propriedades semânticas que não se verificam naquelas. Por exemplo, "sardinha" é hipónimo de "peixe", porque também é "peixe". Já a palavra "escama" não pode ser encarada como um hipónimo de "peixe", uma vez que, apesar de ser uma parte do peixe (merónimo), não é um subtipo de peixe.

### **Relações de semelhança/oposição:**

#### **Sinonímia**

Relação semântica entre duas ou mais [palavras](#) que podem ser usadas no mesmo contexto, sem que se produza alteração de [significado](#) do [enunciado](#) em que ocorrem.

Nas [frases](#) "a minha mulher está doente" e "a minha esposa está doente", as palavras "mulher" e "esposa" são sinónimos. Por contraste, na frase "a mulher é o sexo forte", a palavra "esposa" não poderia ser considerada um sinónimo.

**Notas** Considera-se que a sinonímia é quase sempre parcial, e não total, uma vez que não se atestam casos em que duas palavras possam ser utilizadas exactamente nos mesmos contextos em todos os registos.

#### **Antonímia**

Relação semântica entre duas ou mais [palavras](#) que, embora partilhando algumas propriedades semânticas que as relacionam, têm [significados](#) opostos.

**Exemplos** Os seguintes pares são exemplos de antonímia: grande / pequeno; quente / frio; subir / descer; jovem / velho

### **Estrutura lexical:**

#### **Campo lexical**

Conjunto de [palavras](#) associadas, pelo seu [significado](#), a um determinado domínio conceptual.

**Exemplos** O conjunto de palavras "jogador", "árbitro", "bola", "baliza", "equipa", "estádio" faz parte do campo lexical de "futebol".

#### **Campo semântico**

Conjunto dos [significados](#) que uma [palavra](#) pode ter nos diferentes contextos em que se encontra.

**Exemplos** Campo semântico de "peça": "peça de automóvel", "peça de teatro", "peça de bronze", "és uma boa peça", "uma peça de carne", etc.

### **B.5.3. Processos irregulares de formação de palavras**

#### **Extensão semântica**

Processo através do qual uma [palavra](#) existente adquire um novo [significado](#).

**Exemplos** As palavras "salvar", "portal" e "janela" adquiriram significados novos, no uso em informática, por extensão semântica.

#### **Empréstimo**

Processo de transferência de uma [palavra](#) de uma língua para outra.

**Exemplos** lingerie (palavra importada da língua francesa).

### **Amálgama**

1. Processo irregular de formação de **palavras** que consiste na criação de uma palavra a partir da junção de partes de duas ou mais palavras.
2. Palavra resultante do processo de amálgama.

**Exemplos** informática -> informação + automática; cibernauta -> cibernética + astronauta.

### **Sigla**

**Palavra** formada através da redução de um grupo de palavras às suas iniciais, as quais são pronunciadas de acordo com a designação de cada **letra**.

### **Exemplos**

Partido Comunista Português -> PCP;  
Partido Social Democrata -> PSD;  
Sporting Clube de Portugal -> SCP.

### **Acrónimo**

**Palavra** formada através da junção de **letras** ou **sílabas** iniciais de um grupo de palavras, que se pronuncia como uma palavra só, respeitando, na generalidade, a estrutura silábica da língua.

### **Exemplos**

Fundo de Apoio às Organizações Juvenis -> FAOJ  
Liga dos Amigos da Terceira Idade -> LATI  
FEDeração Nacional de PROFessores -> FENPROF

### **Onomatopeia**

**Palavra** criada por imitação de um som natural.

**Exemplos** trriim !! -> despertador; toc-toc -> bater na porta; miauuu !! -> gato; ufa ! -> **interjeição**.

**Nota** As onomatopeias diferem de língua para língua, conforme a percepção dos sons e suas respectivas transposições para o sistema fonológico das diversas línguas.

### **Truncação**

1. Processo irregular de formação de **palavras** que consiste na criação de uma palavra a partir do apagamento de parte da palavra de que deriva.
2. Palavra resultante do processo de truncação.

**Exemplos** metropolitano -> metro sociolinguística -> socio José -> Zé hipermercado -> hiper

## **B.6. Semântica**

Disciplina da linguística que se ocupa do estudo da componente do **significado** de **enunciados** que é exclusivamente dependente do conhecimento **lexical** e gramatical.

### **Significado**

Sentido ou conteúdo semântico veiculado por uma expressão linguística. Os constituintes morfológicos são as unidades mínimas portadoras de significado; os textos são as unidades máximas portadoras de significado.

## B.6.1. Conteúdo proposicional

### Referência

Relação que une uma expressão linguística a uma entidade ou a uma localização temporal ou espacial reconhecíveis num determinado **contexto** discursivo. A referência de uma expressão pode ser constante (por exemplo "D. Afonso Henriques" e com a maior parte dos usos de **nomes próprios**) ou variável (por exemplo "eu", "hoje", "isso"), sendo, neste caso, fixada através de processos de **deixis** ou **anáfora**.

**Exemplos** Numa **frase** como "O João comeu a maçã", os **grupos nominais** "o João" e "a maçã" podem ter valor referencial, uma vez que designam entidades reconhecíveis num determinado contexto discursivo.

### Predicação

Atribuição de uma propriedade a uma entidade (i) ou estabelecimento de uma relação entre entidades (ii).

**Exemplos** (i) o João é alto. (atribui-se ao João a propriedade de "ser alto", i.e., faz-se uma predicação sobre "o João")

(ii) a Ana viu o cometa. (estabelece-se uma relação entre "a Ana" e "o cometa", i.e., estabelece-se uma relação predicativa entre estas duas expressões).

### Polaridade

Valor afirmativo ou negativo de um **enunciado**. A polaridade negativa pode ser expressa através do **advérbio de negação** (i) ou de outras **palavras** ou expressões com valor negativo (ii v).

### Exemplos

(i) O João não voltou.

(ii) Ninguém veio.

(iii) Nada se decidiu.

(iv) Eles nunca foram ao teatro.

(v) Cansado como estou, eu quero lá ir ao cinema hoje!

## Outros valores semânticos que contribuem para o conteúdo proposicional:

### Especificidade

Propriedade associada a expressões definidas ou indefinidas, através da qual é possível determinar se a expressão em causa **refere** uma entidade identificável num determinado **contexto** discursivo.

**Exemplos** Nas **frases** em (i), os **grupos nominais** [o livro] e [um livro que tem fotografias bonitas] são interpretados como referindo objectos específicos. Na frase (ii), o grupo nominal [um livro que tenha fotografias bonitas] tem valor não específico. Esta diferença pode ser confirmada pela possibilidade de continuar a frase com uma estrutura de **elipse** como a apresentada:

(i) Quero comprar o livro, (\*mas não sei qual).

Quero comprar um livro que tem fotografias bonitas, (\*mas não sei qual).

(ii) Quero comprar um livro que tenha fotografias bonitas, (mas não sei qual).

### Genericidade

Propriedade dos **enunciados** em que se estabelece uma relação de **predicação** relativa a uma classe de entidades (i-iii) ou de situações (iv-v) e não a entidades ou situações **específicas** ou situações localizadas num tempo específico. O valor genérico de uma frase pode ser construído através da interacção entre

elementos como os tipos de **nomes** ou **verbos** usados (quando denotam ou se combinam com classes ou espécies), os **determinantes** usados, **advérbios** ou o **tempo verbal**.

**Exemplos** As seguintes frases são interpretadas genericamente, o que pode ser comprovado pelas paráfrases dadas:

- (i) Os cães gostam de carne crua. (esta frase é verdadeira, porque remete para a classe dos cães.  
É verdadeira, mesmo que haja um cão específico que não gosta de carne crua)
- (ii) Os professores trabalham muito. (esta frase é verdadeira, porque remete para a classe dos professores. É verdadeira, mesmo que haja um professor específico que não trabalha muito)
- (iii) O gato é um animal simpático. (esta frase é verdadeira, mesmo que haja um gato antipático)
- (iv) Fumar faz mal.
- (v) Ir à praia é bom.

**Notas** Contribuem para valor genérico das frases o uso do artigo definido, do presente do indicativo ou a presença de advérbios como “geralmente”.

## B.6.2. Valor temporal

### Tempo

Categoria gramatical que localiza temporalmente o que é expresso numa **predicação**. A categoria tempo pode ser expressa de diferentes formas, muitas vezes associadas: através da **flexão verbal** (i), de **verbos auxiliares** (ii), de **grupos adverbiais** ou **preposicionais** (iii), de **orações temporais** (iv), da ordem relativa entre **orações coordenadas copulativas** (v), etc. A localização temporal pode ser estabelecida em função do momento em que um **enunciado** é produzido (vi) (funcionando **deicticamente**), ou em função de um valor temporal expresso que é tomado como ponto de **referência** ou perspectiva (vii) (funcionando **anaforicamente**). Através desta categoria, é possível estabelecer relações de ordem cronológica de simultaneidade (viii), anterioridade (ix) ou posterioridade (x) face ao tempo que é tomado como referência.

### Exemplos

- (i) Localização temporal (oposição presente/passado) expressa através da morfologia verbal:  
A Maria está em casa.            A Maria esteve em casa.
- (ii) Localização temporal (oposição presente/futuro) expressa através de verbo auxiliar:  
A Maria está em casa.            A Maria vai estar em casa.
- (iii) Localização temporal (oposição presente/futuro) expressa através de grupos preposicionais e adverbiais:  
A Maria está em casa [agora/neste momento].  
A Maria está em casa [amanhã à tarde/na próxima sexta].
- (iv) Localização temporal expressa através de oração temporal:  
A Maria nasceu [quando os alemães entraram em Paris].  
A Maria nasceu [antes de os alemães entrarem em Paris].
- (v) Localização temporal (ordenação entre situações) expressa através da ordenação de orações:  
O Pedro chamou-me e eu olhei.  
Eu olhei e o Pedro chamou-me.
- (vi) Localização temporal expressa deicticamente:  
Amanhã não há aula. (a referência de "amanhã" só é identificável se se conhecer o momento em que o enunciado é produzido)  
A Maria está em casa.
- (vii) Localização temporal expressa anaforicamente:  
Em 2004, deu-se uma revolução. Mas não foi apenas isso o que aconteceu nesse ano. (a referência de "nesse ano" é determinada pela ocorrência da expressão "em 2004")

(viii) Relação de simultaneidade (parcial ou total) entre duas situações ou face ao momento em que o enunciado é produzido:

Tu entraste na sala, quando eu estava a falar.

A Maria está em casa agora.

(ix) Relação de anterioridade entre uma situação e outra:

Eu discurssei antes de o Pedro chegar ao jantar.

Relação de anterioridade face ao tempo em que o enunciado é produzido:

A Maria esteve em casa.

Em 1974, dá-se uma revolução em Portugal.

(x): Relação de posterioridade entre uma situação e outra:

Vou sair depois de te ires embora.

Relação de posterioridade face ao tempo em que o enunciado é produzido:

A Ana casa-se na próxima semana.

Amanhã, não vai chover.

### B.6.3. Valor aspectual

#### Aspecto

Categoria gramatical que exprime a estrutura temporal interna de uma situação. O valor aspectual de um **enunciado** é construído a partir de informação **lexical** e gramatical. A categoria aspecto, apesar de se relacionar com a categoria **tempo**, é independente desta.

**Exemplos** Todas as situações expressas nas **frases** seguintes podem ser localizadas temporalmente como anteriores ao momento em que as frases são produzidas. No entanto, o seu valor aspectual é distinto: em (i), sabe-se que a leitura do livro está acabada (aspecto perfectivo); em (ii), não é dada informação sobre a culminação da leitura do livro (aspecto imperfectivo); a situação descrita em (iii) corresponde a um hábito (aspecto habitual):

(i) A Maria já leu o livro.

(ii) A Maria estava a ler o livro, quando a vi.

(iii) Quando era nova, a Maria lia muitos livros.

#### Aspecto lexical

**Valor aspectual** expresso pelo **significado** de uma **palavra** ou conjuntos de palavras independentemente de elementos com que co-ocorrem como **modificadores**, **quantificadores** ou **verbos auxiliares**. O aspecto lexical pode ser alterado em função do contexto gramatical em que a palavra ocorre (ver **Aspecto gramatical**). O aspecto lexical permite distinguir **situações estativas** (i) de **eventos** (ii). Através do aspecto lexical, é ainda possível estabelecer diferenças relativas à duração interna de um **evento**, distinguindo-se eventos não durativos de eventos durativos (iii).

#### Exemplos

(i) O João sabe francês.

(ii) O João abriu a porta.

(iii) O João espirrou.

O João escreveu um livro.

#### Aspecto gramatical

**Valor aspectual** construído através da combinação entre a informação dada pelo **aspecto lexical** e valor dos **tempos verbais**, de **verbos auxiliares**, de estruturas de quantificação, de tipos de nomes (**contáveis/não-contáveis**), ou de **modificadores**. Através da combinação de elementos deste tipo, é possível representar uma situação como culminada (valor perfectivo) (i), não culminada (valor

imperfectivo) (ii), habitual (iii), **genérica** (iv), iterativa (v), ou estabelecer diferenças relativas à duração de diferentes situações (vi), (vii).

### Exemplos

- (i) Já li o livro.
- (ii) Estou a ler o livro.
- (iii) Habitualmente, eu fumo no fim das refeições.
- (iv) As crianças que se deitam cedo lêem mais.
- (v) A Ana tem tossido nos últimos dias.
- (vi) a. Estive a ler durante duas horas.
  - b. \*Estive a ler naquele instante.
  - c. Acabei de ler o livro naquele instante.
  - d. \*Acabei de ler o livro durante duas horas.
- (vii) a. A Ana caiu do alto do monte (às duas horas/\*durante duas horas).
  - b. A água caiu do alto do monte (?às duas horas/durante duas horas).

### Classes aspectuais:

#### Evento

Uma das principais classes **aspectuais**, que se caracteriza por uma situação dinâmica, ou seja, que leva a uma mudança de estado (i) e não necessariamente durativa, ou seja sem extensão temporal e sem um ponto final intrínseco.

**Exemplo** As frases em (i) contêm **predicados** que correspondem a eventos:

(i) O Pedro atirou a bola para a baliza.

Eu li o livro.

A vítima morreu.

Nos três casos, o que é descrito pelas frases conduz a uma mudança de estado dos participantes (que são afectados pelo que é descrito em cada uma das predicacões). Os eventos distinguem-se de **situações estativas** por não serem intrinsecamente durativos (a estrutura temporal interna de cada evento varia nas três frases, tendo, por exemplo, o evento “morreu” uma extensão temporal menor do que “li o livro”).

#### Situação estativa

Uma das principais classes **aspectuais**, que se caracteriza por uma situação não dinâmica, ou seja, que não leva a uma mudança de estado (i), durativa, ou seja com extensão temporal e sem um ponto final intrínseco.

**Exemplos** As frases em (i) contêm **predicados** que correspondem a situações estativas:

(i) O Pedro mora no Porto.

Eu gosto de poesia.

Ele fala espanhol.

Nos três casos, o que é descrito pelas frases não conduz a uma mudança de estado e há uma duração intrínseca às situações descritas, distinguindo-se estas de eventos.

### B.6.4. Valor modal

#### Modalidade

Categoria gramatical que exprime a atitude do **locutor** face a um **enunciado** ou aos participantes do discurso. A modalidade permite expressar apreciações sobre o conteúdo de um **enunciado** (i) ou representar valores de probabilidade ou certeza (modalidade epistémica) (ii), ou de permissão ou

obrigação (valor deôntico) (iii). A modalidade pode ser expressa de muitas formas diferentes: através da **entoação**, da variação no **modo** verbal, através de advérbios, de verbos modais (**auxiliares** como “dever”, “poder”... ou **principais** com valor modal como “creer”, “pensar”, “obrigar”,...), etc.

## Exemplos

- (i) a. Felizmente, está a chover.  
b. Lamento que tenhas reprovado.  
c. Francamente, esta situação não é clara.
- (ii) a. Talvez esteja a chover.  
b. A Maria, certamente, não sabe do que está a falar.  
c. Duvido que chova.
- (iii) a. Tens de trabalhar mais!  
b. Podes sair esta noite.  
c. Não entres!

## C. Análise do discurso, Retórica, Pragmática e Linguística textual

### C.1. Análise do discurso e áreas disciplinares correlatas

#### Análise do discurso

A definição desta disciplina recente é bastante variável, segundo as orientações teóricas e os autores e, como é evidente, conforme se definem os termos **discurso** e **texto**. Para alguns autores, a análise do discurso funda-se no estudo das relações entre o discurso e o seu **contexto** extraverbal, distanciando-se por isso daqueles estudos de **pragmática** que se ocupam de **enunciados** descontextualizados. Para outros autores (Van Dijk, por ex.), consiste no estudo do “uso real da língua, com **locutores** reais, em situações reais”. Este conceito está muito próximo do conceito predominante na área anglo-norte-americana, na qual se entende por análise do discurso o estudo da actividade interaccional que é a conversação (conversation analysis) e mantendo estreitas relações com a *etnometodologia*, isto é, com uma abordagem dinâmica e construtivista da ordem social. Estas orientações privilegiam o estudo dos discursos **orais**.

Uma orientação relevante e muito influente da análise do discurso, que tem uma matriz marxista mediada por pensadores como Bakhtine, Althusser e Foucault, estuda as relações dos dispositivos da **enunciação** e das práticas discursivas com as instâncias do poder social, político e ideológico. Nesta perspectiva, que aqui se adopta, a **linguística textual** é considerada como um subdomínio do campo mais vasto da análise do discurso, que tanto se ocupa do discurso oral como do discurso **escrito**.

#### Retórica

Arte, no sentido da palavra grega *techne* – conjunto sistematizado de preceitos para, através da sua aplicação, alcançar a consecução de um determinado fim –, que estuda, organiza e ensina a aplicar os princípios e as regras da elaboração do **discurso** correcto e elegante (ars recte et bene dicendi) que tem como finalidade fundamental persuadir o auditório, mediante a **argumentação**, a utilização adequada dos sentimentos e das emoções. A retórica, como disciplina que ensina a construir o discurso e a ordenar o debate argumentativo numa particular situação comunicativa, tendo em consideração o **contexto** extraverbal, o **interlocutor** e a matéria em causa, é uma arte eminentemente pragmática que, ao longo de séculos, foi precursora das actuais **análise do discurso** e **linguística textual**.

#### Pragmática

Termo muito antigo nos discursos jurídico e filosófico, mas que foi introduzido, com nova acepção, no estudo dos fenómenos significativos e comunicacionais, em 1938, pelo filósofo norte-americano Charles Morris, que com ele designou a subdisciplina da semiótica que analisa as relações dos signos com os seus usuários ou intérpretes. Esta acepção muito alargada do termo restringiu-se, ao longo das últimas

quatro décadas, ao estudo da linguagem verbal, podendo definir-se a pragmática como a análise das relações existentes entre as formas linguísticas, por um lado, e os participantes no processo comunicativo e o **contexto** de comunicação, por outra parte, ou seja, aqueles factores que condicionam e determinam o uso da linguagem e que não são analisáveis em termos puramente gramaticais.

A pragmática não constitui uma nova componente da linguística da língua como sistema, acrescentada à **fonologia**, à **morfologia**, à **sintaxe** e à **semântica**, mas sim uma perspectiva de análise cognitiva, social e cultural dos fenómenos pertencentes a cada uma daquelas áreas da linguística. A pragmática analisa portanto o funcionamento significativo e comunicativo da linguagem no seu uso real em **discursos** e **textos** e a intencionalidade comunicativa de quem nestes fala ou escreve.

## **Linguística textual**

Nas últimas décadas do século XX, desenvolveu-se uma orientação da linguística que, do ponto de vista etimológico, metodológico e analítico, deixou de considerar a **frase** como a unidade máxima da análise linguística, porque existem fenómenos linguísticos insusceptíveis de serem analisados e explicados no âmbito da frase, e que considera o **texto**, **escrito** e **falado**, como a unidade fundamental da análise linguística. No início, teve alguma fortuna a designação de gramática textual, que foi sendo abandonada por demasiado restritiva. À medida que se foi tornando evidente que a dimensão linguística é apenas uma das dimensões do texto e que há fenómenos, como a **coerência textual** e a interpretação textual que dependem também de factores extralinguísticos, foi ganhando aceitação a designação de teoria do texto.

### **C.1.1. Comunicação e interacção discursivas**

#### **Emissor**

Designa a pessoa que, num determinado contexto espaço-temporal, realiza intencionalmente um acto de comunicação verbal e produz o **enunciado**, o **discurso** e o **texto**, **orais** ou **escritos**, daí resultantes. O emissor, para além da sua **competência linguística**, possui um determinado conhecimento do mundo, crenças, convicções e posições sociais e ideológicas que marcam a sua actividade discursiva sob o ponto de vista pragmático.

#### **Locutor**

Designa a pessoa que fala e que produz portanto um acto discursivo no âmbito de uma situação de comunicação **oral** (o espectro semântico do termo é assim menos amplo do que o do termo **emissor**, pois que não se utiliza locutor para designar o **autor** de **discursos** ou **textos escritos**).

#### **Interlocutor**

Termo que designa o participante num acto discursivo na posição de **receptor** e que pode, no intercâmbio da interacção discursiva que se configura como um **diálogo**, assumir o papel de **locutor**. Por isso, no plural, designam-se como interlocutores os intervenientes numa situação de comunicação **oral**. O **ouvinte**, diferentemente do interlocutor, não tem em geral o direito de se tornar locutor, a não ser em situações específicas de debate.

#### **Destinatário**

Pessoa ou entidade às quais se dirige um **discurso** ou um **texto**. O destinatário é portanto o **receptor**, em muitos casos o receptor modelo, escolhido pelo **emissor** ou pelo **locutor**, ao contrário do **ouvinte** ou do **interlocutor**, embora, em certos casos, possa nunca vir a receber o discurso ou o texto que lhe são dirigidos. O destinatário, pela sua condição social, pelo seu género, pela sua **enciclopédia**, pela sua idade, etc., condiciona pragmaticamente a actividade discursiva do emissor.

## Ouvinte

Aquele que recebe/compreende os actos enunciativos produzidos pelo **locutor**, sem participar directamente na interacção discursiva. O ouvinte condiciona, no entanto, a gestão de movimentos discursivos empreendidos, no sentido em que é lugar de tomada de posição avaliativa quer no que respeita à verdade das situações referenciadas, quer no que toca à validação das intenções comunicativas que presidem ao **discurso**.

## Receptor

Pessoa que recebe e interpreta um **discurso** ou um **texto**. Pode ser uma pessoa real, como um **interlocutor**, um **ouvinte** e um **leitor** empírico e concreto; pode ser um ente fictício, como o leitor textual e como o narratário num romance; pode ser um **destinatário** directo ou indirecto; pode estar presente, ou não, na situação comunicativa concreta; pode ser individual ou colectivo (o auditório de uma conferência, o conjunto de ouvintes de um texto da literatura oral, etc.).

## Contexto

Conjunto de elementos linguísticos e não-linguísticos que rodeiam uma unidade linguística, seja qual for a sua extensão.

O contexto verbal, também designado por **co-texto**, é o conjunto de elementos da linearidade textual no qual se insere uma unidade linguística (**palavra**, **frase**, etc.). O contexto verbal pode ser imediato, se se tratar de unidades linguísticas contíguas, ou largo ou acumulado, se for necessário retroceder ou avançar para além da contiguidade na cadeia textual, a fim de alcançar uma interpretação verosímil, fundamentada e convalidada.

O contexto extraverbal ou extralinguístico é o conjunto de factores comunicativo-situacionais que condicionam e orientam o acto de **enunciação**, a **invenção** e a **disposição** do texto, a **argumentação**, os **actos ilocutórios**, os fenómenos da implicação e, no plano da interpretação, as inferências e as conclusões. O contexto extraverbal possibilita atribuir a interpretação apropriada aos **enunciados** que dela careceriam se fossem analisados apenas no plano da língua, isto é, da gramática. O contexto extraverbal compreende o contexto situacional, que diz respeito ao **locutor** e ao **interlocutor** e ao **tempo** e ao espaço em que o enunciado se insere, com especial relevância para o funcionamento dos elementos **deícticos** e dos actos ilocutórios; o contexto sociocultural, que condiciona histórica, social, cultural e simbolicamente a produção e a interpretação textuais; e o **universo de discurso**.

## Enunciação

O acto individual mediante o qual um **emissor** utiliza e actualiza um sistema linguístico para produzir **enunciados** numa determinada situação comunicativa.

## Enunciado

Produto de um acto de **enunciação**, é uma sequência comunicativa de extensão variável, semanticamente auto-suficiente e sintacticamente independente, que forma parte da cadeia de um texto, **oral** ou **escrito**, na qual os enunciados se concatenam em conformidade com os critérios de **coesão** e de **coerência** textuais e com o princípio da **progressão temática**.

## Enunciador

Sendo a **enunciação** a actualização, num contexto determinado de comunicação, das possibilidades e dos recursos da língua, o indivíduo que, ao apropriar-se do aparelho formal da língua, produz **enunciados** e **textos** dirigidos a um **interlocutor**, denomina-se enunciador (por congruência terminológica, o seu interlocutor denomina-se enunciatário). O enunciador é portanto um sujeito linguístico, com uma determinada identidade psicossocial, que inscreve no **discurso** a sua subjectividade, a sua perspectiva intelectual, emocional e axiológica do mundo, e que, no quadro do **dialogismo** discursivo da interlocução, inscreve também no seu texto o outro, a segunda pessoa do singular ou do plural.

## Deixis

Fenómeno de referenciação dependente e constitutiva de **enunciação**. Os deícticos remetem verbalmente para referentes específicos do acto enunciativo. Ao contrário dos signos com um conteúdo semântico-referencial estável e permanente, os deícticos, de cada vez que são actualizados no **discurso**, referenciam de novo e variavelmente, em função da situação de enunciação, única e irrepetível.

Estes signos assinalam o sujeito **enunciador**, o sujeito a quem se dirige o acto enunciativo, o **tempo** e o espaço da enunciação; apontam para objectos, entidades e processos constitutivos do **contexto** situacional; contribuem ainda para a referenciação exofórica de outros signos actualizados no discurso.

A rede de referenciação instituída pelos deícticos tem como ponto primordial de cálculo o sujeito que fala, no momento em que fala. “Eu” é aquele que diz “eu” no momento em que o diz. É esta a coordenada enunciativa que gera todas as outras. “Tu” é aquele a quem o “eu” se dirige; “agora” é o momento em que o “eu” fala; “aqui” é o espaço em que o “eu” fala; “ontem”, “hoje”, “amanhã” são formas adverbiais que remetem para um tempo anterior, simultâneo ou posterior ao tempo em que o “eu” fala. Têm portanto referenciação deíctica: **pronomes pessoais**, **pronomes** e **determinantes possessivos**, **pronomes** e **determinantes demonstrativos**, **artigos**, **advérbios** com valor locativo e temporal, os **tempos verbais** e ainda algumas **preposições** e **locuções** prepositivas, alguns **adjectivos** (actual, contemporâneo, futuro, etc.) e alguns **nomes** (véspera). Merece particular menção a deixis textual, que demarca e organiza anafórica e cataforicamente o tempo e o espaço do próprio **texto**, tanto **escrito** como **oral**: a tese antes exposta, como ficou dito no capítulo anterior, como se demonstrou acima, veremos seguidamente, etc.

## Discurso

O discurso distingue-se, tal como o **texto**, por ser uma identidade de âmbito e funcionamento transfrásicos.

O discurso e o texto são o produto da concatenação **coesiva** e **coerente** de **frases** e de **enunciados**.

Apesar de algumas flutuações e até divergências de entendimento, há muitos pontos de acordo e de coincidência que nos permitem, com François Rastier, formular definições relativamente estabilizadas: discurso é “o conjunto de usos linguísticos codificados ligado a um tipo de prática social”; texto é uma “sequência linguística autónoma (**oral** ou **escrita**), constituindo uma unidade empírica, e produzida por um ou diversos **enunciadores** em prática social atestada. Os textos são o objecto da linguística”.

É importante sublinhar que tanto o discurso como o texto podem ser orais ou escritos.

## Universo de discurso

Eugenio Coseriu define o universo de discurso como o sistema universal de significações a que pertence um **discurso** ou um **enunciado** e que determina a sua validade e o seu **sentido**. A literatura, a mitologia, as ciências, etc., enquanto “temas” ou “mundos” de referência do falar, constituem universos de discurso.

## Interdiscurso / Interdiscursividade

1. Conjunto de **discursos** inseridos num ou em vários campos discursivos, que mantêm relações dialógicas uns com os outros. Conjunto dos campos discursivos e das formações discursivas com os quais um **texto** ou um **discurso** concretos mantêm relações implícitas ou explícitas.

2. Numa sociedade e numa cultura determinadas, existe um universo discursivo, isto é, o conjunto das formações discursivas. Neste conjunto, há campos discursivos diferenciados – o político, o literário, o científico, o filosófico, etc. –, entre os quais se podem instituir relações de solidariedade, de cooperação e de interfluência, mas também relações de dissídio, de conflito e de afrontamento mútuos. Nenhum campo discursivo se caracteriza pela insularidade, mas funciona sempre, de modo velado ou explícito, em relação dialógica com outro(s) campo(s) discursivo(s). É às relações dialógicas, de interinfluência, de cooperação ou de antagonismo, entre os vários campos discursivos e às relações que um texto pode manter com um ou vários campos discursivos que se dá a designação de interdiscursividade.

## Diálogo

1. Modalidade discursiva, própria da actividade linguística normal, que consiste no intercâmbio de informação realizado por um **locutor** e um **interlocutor**, cujo papel é alternante. Nesta acepção, é sinónimo de conversação. Etimologicamente, diálogo não significa interacção verbal com dois interlocutores, mas circulação da palavra (o **prefixo** grego dia- significa através de). Por isso, alguns autores utilizam os vocábulos dílogo para designar o diálogo com dois interlocutores, trílogo para denominar o diálogo com três participantes e polílogo para designar o diálogo com múltiplos interlocutores.

2. Género literário e filosófico-literário que representa diversos interlocutores, com orientações espirituais, filosóficas, morais, ideológicas, estético-literárias, etc., diferentes, que debatem entre si, sob a regulação de um **autor** textual ou de um narrador, problemas de natureza diversa, com finalidades filosóficas, políticas, morais, pedagógicas ou outras. O modelo por excelência do diálogo assim entendido é o chamado diálogo socrático de Platão.

3. O diálogo é uma unidade formal estruturante dos textos dramáticos – excluindo o **monólogo** dramático – e dos textos narrativos, nos quais alterna normalmente com as sequências narrativas e com as descrições a cargo do narrador. Ocorre também em textos líricos com uma dimensão narrativa relevante, como a égloga e os poemas lírico-narrativos românticos.

## Monólogo

1. **Discurso** dirigido pelo **locutor** a si próprio, desdobrando-se o sujeito da **enunciação** em **destinatário**, ou dirigido a um destinatário ausente ou fictício, com quem se estabelece um **diálogo** in absentia. Diferentemente dos casos dos monólogos, ou solilóquios, que ocorrem representados em textos dramáticos, narrativos e líricos, as convenções sociais levam a considerar o monólogo produzido na vida quotidiana como uma manifestação de comportamento patológico.

2. Discurso, em geral longo, dirigido por um **locutor** a **interlocutores** reais, que não admite o princípio da alternância discursiva.

## Dialogismo

A actividade discursiva caracteriza-se basicamente por colocar em relação/acção dois sujeitos falantes que, alternando papéis de **locutor** e de **interlocutor**, são ambos responsáveis pela gestão da actividade discursiva. Todo o acto de produção verbal é dirigido a um alocutário (real, imaginário, individual, colectivo) e encerra uma solicitação de resposta/reacção não necessariamente verbal nem imediata. Por conseguinte, toda a actividade discursiva institui, sob formas diversas de realização, uma relação de **diálogo**.

A interacção dialógica que se manifesta no **discurso** não é um efeito contingente ou superveniente a um acto de efectiva produção enunciativa, mas está inscrita no próprio sistema linguístico. A língua está marcada, na sua organização interna, pela finalidade de comunicação e, portanto, por uma estrutura dialogal. Encontramos estas marcas na organização de paradigmas pronominais, nos mecanismos de modalização, nos marcadores de forças ilocutórias, nos **conectores** argumentativos, nos instrumentos de reprodução do discurso no discurso, por exemplo.

Mesmo no caso do **monólogo**, produção verbal que se realiza na ausência de qualquer interlocutor, aparentando envolver a presença de apenas um sujeito falante, está representada, como em qualquer outro acto enunciativo, a existência de um ou outros sujeitos virtualmente **destinatários**.

## Polifonia

Termo, metaforicamente derivado do campo musical, que foi utilizado pelo pensador e teorizador literário Mikhaïl Bakhtine (1895-1975), ao lado de outros termos como heteroglossia, heterofonia e **dialogismo**, para designar e caracterizar a pluralidade e a diversidade de vozes que se fazem ouvir em certas classes de textos, como os romances de Rabelais e de Dostoievski, opondo a este dialogismo o monologismo do romance tradicional representado por uma obra como *Guerra e Paz* de Tolstoï.

## Informação

A interacção discursiva pressupõe que os **interlocutores** partilhem, para além do conhecimento da língua que utilizam, um conjunto suficientemente alargado de informação pragmática: conhecimento do mundo, de crenças, de opiniões, de topoi relacionados com o meio social e cultural em que se inserem (**enciclopédia**); conhecimento mútuo dos interlocutores e conhecimento da situação de interlocução; conhecimento do **contexto** verbal de que são actores. Esta informação pragmática é constituída, por um lado, por significados proposicionais transmitidos pelos **enunciados** e, por outro lado, por significados implícitos ou implicitados que só são apreensíveis e interpretáveis com recurso às **máximas** e às **implicaturas conversacionais**.

Como em qualquer acto comunicativo, a informação pragmática possuída pelos interlocutores nunca é exactamente coincidente, sendo a sua área de intersecção o factor que possibilita a interacção discursiva. Quanto mais alargada for essa área, tanto mais fluida e bem sucedida será a interacção; quanto mais exígua e parcelar ela for, tanto mais difícil e até conflitual será a interacção.

## Enciclopédia

Não basta ter o domínio da gramática e do dicionário para produzir e interpretar textos. Com efeito, a **competência discursiva** e textual, além de exigir o conhecimento de estratégias e regras atinentes às macroestruturas e às microestruturas textuais e dos factores pragmáticos relativos ao **contexto** situacional, pressupõe a existência da enciclopédia, na acepção semiótica do termo: conjunto dos conhecimentos e das crenças sobre o mundo, partilhado, num determinado tempo e numa determinada comunidade social, pelos **interlocutores** e pelos **autores** e **leitores** que intervêm na produção e na interpretação de actos discursivos e de textos.

## Acto de fala

Produção de um **enunciado** num determinado **contexto** de interacção comunicativa, através do qual o **emissor** realiza ou intenta realizar uma acção, isto é, fazer algo com o enunciado produzido, sendo certo que determinadas acções – por exemplo, condenar ou absolver judicialmente, baptizar, casar, etc. – só se realizam mediante a proferição de enunciados estipulados, por quem de direito, num quadro institucional adequado.

## Acto de fala directo

Os **actos de fala** directos prototípicos são aqueles em que se empregam de modo explícito verbos performativos ou realizativos (pedir, exigir, ordenar, renunciar, etc.), realizando portanto o locutor o acto ilocutório designado pelo verbo performativo, o qual orienta com clareza – muitas vezes sem qualquer margem de dúvida – a interpretação da força ilocutória do acto de fala.

Há actos de fala directos cuja força ilocutória não depende da presença de um verbo performativo, mas sim da utilização do modo indicativo ou do modo imperativo do verbo que exprime o propósito ilocutório. Nestes casos, porém, muitos enunciados podem ser interpretados como actos de fala directos ou como actos de fala indirectos, dependendo a sua interpretação de factores contextuais e paralinguísticos. “Fecha a porta”, por exemplo, pode ser interpretado como um acto de fala directo ou como um acto de fala indirecto.

## Acto de fala indirecto

Os **actos de fala** indirectos são aqueles em que um **enunciado**, na sua estrutura gramatical, na sua literalidade, veicula, segundo a terminologia de John Searle, um acto ilocutório secundário, identificado com um enunciado literal, e através deste, à luz de factores contextuais, por dedução, por inferência, pela interpretação de normas pragmáticas codificadas cultural e socialmente, pela aplicação do **princípio de cooperação** de Grice, veicula um acto ilocutório primário – um pedido, uma promessa, uma ameaça, etc. – que exprime a verdadeira intenção do locutor. O enunciado constativo “Já é muito tarde” – o acto ilocutório

secundário – pode ser dito e interpretado como um acto de fala indirecto – o acto locutório primário – para pedir ou ordenar às crianças que se retirem para dormir.

Afigura-se mais adequada a terminologia por autores como François Récanati que distinguem o significado primário, que é o significado literal de um enunciado, do qual deriva um significado secundário, que pressupõe aquele e que caracteriza um acto de fala indirecto.

### **Acto locutório**

Produção de um **enunciado** formado de acordo com as regras gramaticais de uma determinada língua – nos planos **fonético**, **morfológico**, **sintáctico** e **semântico** – e que transmite um conteúdo proposicional.

### **Acto ilocutório**

Acto que consiste em realizar, ou pretender realizar, determinado objectivo (promessa, conselho, pedido, agradecimento, etc.) mediante a produção de um **enunciado** cujo conteúdo proposicional está marcado pela força ilocutória expressa por verbos performativos, pelo **modo** do verbo, pela ordem de palavras, pela **entonação**, por **sinais de pontuação**, por **advérbios**, por **interjeições**, etc., em conformidade com a intenção do **emissor** e num quadro contextual apropriado.

O filósofo norte-americano John Searle formulou a seguinte taxinomia dos actos ilocutórios, que tem merecido grande aceitação:

- a) actos assertivos, nos quais o **locutor** compromete a sua responsabilidade sobre a existência de um estado de coisas e sobre a verdade da proposição enunciada (asserções, descrições, constatações, explicações, etc.);
- b) actos directivos, cuja finalidade consiste em levar o **interlocutor** a agir de acordo com o conteúdo proposicional do acto de fala (ordens, pedidos, convites, sugestões, etc.);
- c) actos compromissivos, nos quais o locutor se obriga a adoptar um determinado comportamento futuro (promessas, juramentos, ameaças, etc.);
- d) actos expressivos, nos quais o locutor exprime o seu estado psicológico em relação ao estado de coisas especificado no conteúdo proposicional (agradecimentos, congratulações, condolências, desculpas, etc.);
- e) e) actos declarativos, nos quais o locutor, mediante a realização com êxito de um acto de fala, modifica o estado de coisas do mundo ou cria um novo estado de coisas (baptismos, casamentos, nomeações, demissões, condenações, etc.).

### **Acto perlocutório**

**Acto de fala** que, em virtude da sua força ilocutória, produz no(s) **receptor(es)**, num determinado **contexto**, o efeito pretendido pelo **emissor** (intimidar, persuadir, seduzir, etc.).

### **Competência discursiva**

O conceito de **competência linguística**, formulado por Chomsky, não explica os fenómenos da produção e da interpretação do **discurso** e do **texto**, porque se limita ao âmbito da **frase** e porque ignora os factores comunicativos e retórico-pragmáticos, bem como as estratégias de **invenção**, de **disposição** e de **elocução** que possibilitam construir o discurso e o texto, tanto no plano macroestrutural como no plano microestrutural. A competência discursiva e a competência textual consistem no domínio dos saberes linguístico e retórico-pragmáticos que permitem configurar as estruturas discursivas e textuais.

### **Estratégia discursiva**

Conjunto de escolhas que realiza um **emissor** no quadro das regularidades e das constrações que lhe impõem a gramática da língua e os condicionalismos retórico-pragmáticos, isto é, o **contexto** situacional e o auditório ao qual se dirige, a fim de produzir um **discurso** apropriado à sua intenção comunicativa e à consecução das finalidades pretendidas.

## Oralidade

As línguas verbais podem ser realizadas através de dois modos que constituem a sua substância de expressão: a oralidade e a [escrita](#).

A oralidade é o modo primário, natural e universal da realização da língua. No modo oral, o aparelho fonador produz os enunciados que, transmitidos pelo ar, são percebidos auditivamente pelo(s) [receptor\(es\)](#). A realização fónico-acústica ou vocal auditiva dos [enunciados](#) e dos [textos](#) determina que a comunicação oral seja de tipo próximo e instantâneo, com o [emissor](#) e o(s) [receptor(es)] in praesentia, isto é, situados no mesmo contexto situacional, e possua uma duração efémera (os modernos meios tecnológicos de registo e reprodução do som e da imagem alteraram pontualmente esta problemática, mas a comunicação oral quotidiana, espontânea e prototípica, é de tipo próximo e instantâneo).

Formalmente, o discurso oral caracteriza-se pela parataxe, por um modelo acumulativo ou agregativo da organização da informação, pela utilização simultânea de importantes recursos supra segmentais, paralinguísticos, cinésicos e proxémicos, que lhe podem conferir uma grande força emocional e persuasiva, por uma dependência forte dos [contextos](#) extraverbais, representada pelo uso de numerosos elementos [deícticos](#), por um [vocabulário](#) menos rico e apurado em relação ao discurso escrito e pelo emprego de marcadores discursivos tópicos e estereotipados que funcionam como bordões.

O discurso oral prototípico tem uma [sintaxe](#) pouco estruturada – com predomínio, como ficou dito, da parataxe, com [orações](#) incompletas, com repetição de estruturas, com [elipses](#), etc. – e, em geral, apresenta uma formalidade mais débil e descuidada do que o texto escrito. Todavia, o discurso oral pode apresentar-se formalmente bem planificado e estruturado, como acontece nos discursos políticos e judiciais e nos sermões construídos em conformidade com as normas da retórica clássica, em certas conferências não lidas, mas que têm na origem um texto escrito ocultado, em certos debates cuidadosamente preparados, etc. No teatro, como é sabido, as falas das personagens são a realização oral de textos escritos, muitas vezes de elevada complexidade retórico estilística (como nas tragédias de Racine).

## Escrita

As línguas verbais podem ser realizadas através de dois modos que constituem a sua substância da expressão: a [oralidade](#) e a escrita.

A escrita, podendo embora ser apenas a transcodificação de um texto oralmente realizado, como quando se transcreve o registo gravado de uma conversa, de um depoimento judicial, etc., origina na produção dos [enunciados](#) e [textos](#) múltiplas e relevantes características distintivas. A escrita, que possibilita uma comunicação diferida no tempo e no espaço e a elaboração de um pensamento fortemente descontextualizado, abstracto e analítico, produz textos cuidadosamente planificados e elaborados – embora haja textos escritos debilmente elaborados e apressadamente produzidos e haja outros textos, por vezes de grande complexidade, produzidos de um jacto, sem interrupções nem correcções (o que não significa que não tenham subjacente um longo processo de planeamento e amadurecimento) –, susceptíveis de um processo de reescrita, de reformulação e correcções sucessivas.

No texto escrito predomina a hipotaxe, avultam os elementos [coesivos](#) e as palavras de tipo linguístico gramatical dedicadas à planificação discursiva do texto. O [léxico](#) do texto escrito é mais rico, variado e cuidado do que o léxico do texto oral, podendo alcançar um elevado grau de especialização (por exemplo, nos textos científicos, filosóficos, jurídicos, etc.).

O texto escrito pode conter elementos importantes de natureza não verbal, como o [tipo de letra](#), a disposição iconográfica das palavras no espaço da página, a interacção entre os elementos verbais e elementos pertencentes a outros códigos semióticos – o desenho, as ilustrações, as fotografias, etc. – ou a interacção com esquemas, diagramas ou tábuas estatísticas, característica de muitos textos escritos de natureza científica e tecnológica.

A escrita pode incorporar marcas peculiares da oralidade para obter determinados efeitos estilísticos e para tornar mais dúctil, plástica e moderna uma língua escrita demasiado conservadora e rígida no seu [léxico](#), na sua [sintaxe](#), na sua [semântica](#) e na sua [pragmática](#). Um magnífico exemplo na literatura

portuguesa desta vivificação da língua escrita literária pela língua oral encontra-se nas *Viagens na minha terra* de Almeida Garrett.

A escrita pressupõe uma longa e complexa aprendizagem de processos linguísticos, cognitivos, socioculturais e pragmáticos, que proporcione o conhecimento dos recursos e das **normas** da língua, dos registos adequados a cada tipo de texto e as propriedades **elocutivas** e discursivas fundamentais como a correcção, desde a **ortografia** à sintaxe, a clareza, a **coesão** e a **coerência**. Esta longa e complexa aprendizagem tem na leitura como processo compreensivo e na leitura como processo criativo – na leitura de textos de diversa e plural tipologia – a sua trave mestra.

### **Registo formal / informal**

Dimensão da variação da língua, determinada pela situação de interlocução: diferentes tipos de **contexto** situacional requerem diferentes tipos de de activação linguística relativos ao **léxico**, à **sintaxe**, à **fonologia** e à **prosódia**, passando pela gestão da **pressuposição**, de **implicaturas**, dos actos ilocutórios indirectos, das **formas de tratamento**, da modalização, dos princípios conversacionais, etc. As escolhas linguísticas efectuadas são determinadas pelo tipo de relação social e institucional existente entre **interlocutores** (matizadas por diferentes factores: grau de instrução, idade, sexo, entre outros). É o “a quem se vai dizer” que condiciona o “o quê/como se vai dizer”.

### **Marcadores discursivos**

Unidades linguísticas invariáveis, com alto grau de **gramaticalização**, que não desempenham uma função sintáctica no âmbito da **frase**, nem contribuem para o sentido proposicional do **discurso**, mas que têm uma função relevante na produção dos actos pragmático-discursivos, estabelecendo conexões entre os **enunciados**, organizando-os em blocos, indicando o seu sentido argumentativo, introduzindo novos temas, mantendo e orientando o contacto do **locutor** com o **interlocutor**. Os marcadores discursivos podem subdividir-se em estruturadores da informação, sobretudo com a função de ordenação (“em primeiro lugar”, “por outro lado”, “por último”, etc.), de **conectores** (v.), de reformuladores, sobretudo com a função de explicação e de rectificação (“ou seja”, “por outras palavras”, “dizendo melhor”, “ou antes”, etc.), operadores discursivos, sobretudo com a função de reforço argumentativo e de concretização (“de facto”, “na realidade”, “por exemplo”, “mais concretamente”, etc.) e marcadores conversacionais ou fáticos (“ouve”, “olha”, “presta atenção”, “homem”, etc.).

### **Conectores discursivos**

São uma classe de **marcadores discursivos**, que ligam um **enunciado** a outro enunciado ou uma sequência de enunciados a outra sequência, estabelecendo uma relação semântica e pragmática entre os membros da cadeia discursiva, tanto na sua realização **oral** como na sua realização **escrita**. Morfologicamente, são unidades linguísticas invariáveis, pertencem a heterogéneas categorias gramaticais – como **interjeições**, **advérbios** ou **conjunções** –, têm a mesma distribuição da **classe de palavras** a que pertencem e contribuem de modo relevante para a **coerência textual**, orientando o **receptor** na interpretação dos enunciados, na construção das inferências, no desenvolvimento dos argumentos e dos contra-argumentos.

**Exemplos** Conectores aditivos ou sumativos: além disso, ainda por cima, do mesmo modo, igualmente, etc; conectores conclusivos e explicativos: por consequência, logo, portanto, de modo que, donde se segue, etc; conectores contrastivos ou contra-argumentativos: sem embargo, não obstante, todavia, contudo, de qualquer modo, em todo o caso, etc.

#### **C.1.1.1. Princípios reguladores da interacção discursiva**

##### **Cooperação (princípio de)**

O princípio de cooperação, formulado pelo filósofo da linguagem H.P. Grice, ganhou apreciável fortuna nos estudos de **pragmática**, de **análise do discurso** e de **linguística textual** das últimas décadas. Fundado na racionalidade que deve caracterizar a interacção convencional, de acordo com os seus objectivos e de

modo a assegurar a eficácia dos seus procedimentos, o princípio da cooperação baseia-se nas seguintes **máximas** que os **interlocutores** deverão observar:

- a) máxima de quantidade (o **discurso** produzido deve conter a informação necessária);
- b) máxima de qualidade (o discurso não deve afirmar o que o **locutor** crê ser falso, nem o que carece de provas);
- c) máxima de relação (o discurso deve ser pertinente ou relevante);
- d) máxima de modo ou de modalidade (o discurso deve ser claro, breve e ordenado).

### **Pertinência (princípio de)**

Este princípio, também conhecido como princípio de relevância, foi formulado por D. Sperber e D. Wilson para explicar como se processa a interpretação dos **enunciados** num acto de comunicação: “Qualquer acto de comunicação ostensiva comunica a presunção da sua própria pertinência óptima”. A pertinência é uma propriedade que não existe intrinsecamente nos enunciados, mas que deriva da interacção entre um enunciado e um **receptor** dotado de uma determinada **enciclopédia** e inserido numa concreta situação comunicativa. O receptor, graças aos seus mecanismos cognitivos, partindo da presunção de que o enunciado que lhe foi comunicado é pertinente e tendo em conta os factores pragmático-contextuais, escolhe, com o menor custo possível, a interpretação que lhe parece mais adequada, “filtrando” os elementos não pertinentes e deixando por conseguinte de lado outras possíveis interpretações. O princípio de pertinência orienta de modo similar um **emissor** na produção de enunciados. A formulação deste princípio é claramente pós-griceana, pois resulta do aprofundamento dos pressupostos e das consequências da máxima de relação elaborada por H.P. Grice no âmbito do seu **princípio de cooperação**.

### **Cortesia (princípio de)**

Princípio pragmático fortemente regulador da interacção discursiva entre os **interlocutores**. Este princípio, correlacionado com o **contexto** situacional e o contexto sociocultural dos interlocutores, concretiza-se nas **estratégias discursivas** adoptadas pelos mesmos a fim de evitar ou reduzir os conflitos, as ofensas ou as ameaças entre qualquer dos intervenientes na interacção comunicativa verbal, devendo para tal observar-se **máximas** como não interromper o interlocutor, não manifestar falta de atenção, evitar o silêncio ostensivo, não proferir insultos, injúrias ou acusações gratuitas, etc. Outros procedimentos retórico-estilísticos contribuem para levar à prática o princípio de cortesia: os **actos de fala indirectos**, o **eufemismo**, a **lítótes**, a **preterição**, a **perífrase**, etc.

### **Máximas conversacionais**

Veja-se **Cooperação (princípio de)**

### **Formas de tratamento**

Um recurso da língua, entre outros, de natureza formal, com a função discursiva de regular eficazmente a interacção do **locutor** com o **interlocutor**, com vista a obviar obstáculos ou rupturas na comunicação-interacção. Mecanismos como este marcam o exercício verbal e situam-se no estudo que cruza as relações entre as acções discursivas, que perseguem determinados objectivos sociocomunicativos, e princípios conversacionais como o da **cortesia** e ainda um “código de boas maneiras” vigente numa sociedade. A opção por uma forma de tratamento em detrimento de outra é determinada por um sentido de familiaridade/proximidade – distância psicossocial e quer o locutor, quer o interlocutor contam com a activação de formas adequadas à situação interactiva, ritualizados que estão estes procedimentos.

#### **C.1.1.2. Reprodução do discurso no discurso**

##### **Citação**

Reprodução de um **texto** ou de um **fragmento** de texto noutra texto, assinalada com referência ao **autor** e/ou à obra aos quais pertencem e graficamente demarcada com **aspas** ou com um **tipo de letra** diferente.

A citação pode ter uma função de argumento de autoridade, uma função argumentativa ou contra-argumentativa, uma finalidade didáctica, uma natureza irónica ou paródica, pode inscrever-se numa poética de imitação ou ser uma das manifestações gerais da [intertextualidade](#).

### **Discurso directo**

Modalidade de reprodução ou de [citação](#) do [discurso](#) de um [emissor](#) no discurso do mesmo ou de outro emissor (emissor-relator, emissor-narrador). O discurso directo mantém inalteradas as formas [deícticas](#) da produção discursiva postulada como original: os indicadores de [pessoa](#) ([pronomes](#) e morfologia [flexional verbal](#) de [pessoa](#) e [número](#)), de [tempo](#) (grupos adverbiais, preposicionais e [tempos](#) e [modos](#) verbais) e de lugar (grupos adverbiais e preposicionais e determinados verbos) são idênticos no discurso citado e no discurso original. Por isso, sendo o discurso directo uma reprodução literal deste último, no discurso directo [escrito](#), a reprodução, além de assinalada frequentemente por verbos dicendi, isto é, verbos como dizer, responder, contar, afirmar, etc., que significam a realização por um sujeito de um acto de comunicação verbal, é marcada em geral por indicadores gráficos ou por operadores situacionais que delimitam e identificam os segmentos reproduzidos: [aspas](#), [itálicos](#), [travessões](#), [parágrafos](#). A ausência destes indicadores gráficos, como acontece nalguns textos narrativos contemporâneos, pode dificultar a leitura e a interpretação. Na realização [oral](#), o discurso directo pode ser marcado pelo locutor-relator por efeitos de mimese fónica, por modulações tonais ou por elementos paralinguísticos como os gestos e as expressões faciais.

A citação no discurso directo do discurso postulado como original não é, porém, em estrito rigor, uma reprodução perfeitamente literal, porque envolve sempre uma transferência de contexto – nesta perspectiva, a iteração da citação altera sempre o [significado](#) –, porque pode ser o produto de uma interpretação prévia por parte do emissor relator, com as correlativas operações de selecção, de rasura e silenciamento, o que comporta efeitos relevantes, por ex., em termos de [argumentação](#), justificação e prova, em especial no discurso judiciário.

### **Discurso directo livre**

Tipo de [discurso](#), característico do texto narrativo contemporâneo, embora também possa ocorrer em textos dramáticos e líricos, no qual as palavras ou os pensamentos de uma personagem são reproduzidos como que imersos no discurso do narrador tal como aquela os formulou, sem que o narrador assinale com marcas formais – etiquetas nominais, verbos introdutores ou indicadores tipográficos como [aspas](#) e [travessões](#) – a sua mediação.

**Exemplos** “A mulher do médico desviou os olhos, mas era tarde de mais, o vômito subiu lhe irresistível das entranhas, duas vezes, três vezes, como se o seu próprio corpo, ainda vivo, estivesse a ser sacudido por outros cães, a matilha da desesperação absoluta, aqui cheguei, quero morrer aqui”. (José Saramago)

### **Discurso indirecto**

Modalidade de reprodução do [discurso](#) de um locutor no discurso do mesmo ou de outro [locutor](#), não se mantendo no discurso reproduzido a forma do discurso original.

Com efeito, o discurso indirecto, ao contrário do [discurso directo](#), é enunciativamente homogéneo, isto é, o sistema das coordenadas enunciativas, o centro [deíctico](#), é sempre o do emissor relator, o [sujeito](#) da [frase](#) de que depende o segmento do discurso reproduzido (e daí a mudança da primeira para a terceira pessoa nas citações indirectas dos [enunciados](#) produzidos por [emissores](#) diferentes do emissor-relator).

**Exemplos** “Quando a prelada lhe disse que podia deitar se, querendo, perguntou lhe a menina se poderia escrever a seu pai. A freira respondeu que no dia seguinte o faria, posto que o senhor Albuquerque ordenasse que a sua filha não escrevesse: assim mesmo, ajuntou ela, que lho não proibiria, se tivesse tinteiro e papel na cela”. (Camilo Castelo Branco)

**Notas** O emissor relator dispõe de uma considerável margem de liberdade na reformulação interpretativa dos enunciados relatados, podendo afirmar-se que, em muitos casos, o discurso indirecto se constitui como uma **paráfrase** do discurso original, sendo por isso impossível recuperar, a partir do discurso indirecto, a forma exacta do discurso original.

### **Discurso indirecto livre**

A designação “discurso indirecto livre” coloca este fenómeno discursivo em relação de classificação com o **discurso directo** e o **discurso indirecto**: em primeiro lugar, porque é geralmente assumido como forma de relato de **discurso**; em segundo lugar, porque, ao contrário do discurso indirecto, e em aproximação ao discurso directo, é um discurso livre de subordinação. Esta ausência dos constrangimentos sintácticos da subordinação e, na maioria das vezes, de verbo de comunicação está implicada na caracterização e no funcionamento enunciativo do discurso indirecto livre.

Neste modo de relato de discurso, a **enunciação** do emissor-relator funde-se com a enunciação do primeiro **emissor**; as fronteiras entre a voz de um e a voz de outro são dificilmente delimitáveis, ao contrário do que se verifica no discurso directo e no discurso indirecto (pelo recurso a marcações gráficas, morfossintácticas e **deícticas**, por exemplo), e daí que detectemos: a) activação da terceira pessoa gramatical (da enunciação do emissor relator) na referência de estados de coisas perspectivados por uma primeira e segunda pessoa (da enunciação reportada); b) activação do imperfeito, mais-que-perfeito, futuro do pretérito (da enunciação do emissor-relator) em contiguidade com o “aqui” e “agora”, coordenadas espaço temporais daqui derivadas, e presente, pretérito perfeito e futuro (da enunciação do primeiro emissor); c) construção de frase e léxico atribuíveis ao **enunciador** primeiro: exclamações; **interjeições**; **marcadores discursivos** (*bem, ora, pois*); deslocação dos constituintes de **frase**; fraseologia e expressões feitas; adjectivação valorativa; nomes qualitativos; intensificadores; advérbios de dúvida; **locuções** imprecisas, modalizadas; traços idiolectais, sociolectais; etc.

**Notas** Estas características enunciativas e discursivas, consideradas discriminadamente, não são exclusivas do discurso indirecto livre, mas, tomadas em simultaneidade, constituem um critério formal e operacional capaz de descrever a ambiguidade, a hibridade e a dualidade constitutivas desta forma de relato de discurso.

A interpretação do segmento que realiza o discurso indirecto livre carece, como o discurso directo e indirecto, da consideração da unidade textual em que se insere. Sendo uma forma difusa de **citação**, e patenteando uma exploração criativa dos recursos da língua, essa exigência é mais notória: o sentido da frase ou do **período** que actualiza o discurso indirecto livre determina e é determinado por: a) intenções comunicativas do emissor relator; b) atitudes do emissor relator (**ironia**, **sarcasmo**, empatia, etc.); c) possibilidades de continuação textual; d) caracterização de personagem; e) quebra de ritmo narrativo; f) efeito de presentificação, etc.

Não é consensual a ideia de que o discurso indirecto livre seja um fenómeno exclusivo do texto literário. Aceitar que ele é activado também no discurso corrente ou oral convoca uma definição mais lata do que aquela que damos aqui, abrangendo todo o tipo de citação livre ou de simples importação para a enunciação relatora de marcas de registo da enunciação inicial. Integrá-lo no seio da literatura passa também por notar que o discurso indirecto livre serve a transmissão de pensamentos de uma personagem (já não um sujeito de enunciação, mas um sujeito de consciência) que não o emissor/narrador, dado que só pela ficção narrativa podemos ter acesso à consciência de uma terceira pessoa.

#### **C.1.1.3. Processos interpretativos inferenciais**

##### **Pressuposição**

Processo inferencial atinente a toda a troca verbal que consiste na dedução, a partir do **enunciado**, de informação não explicitada, sendo que a relação entre o que se explicita e o que se pressupõe é sempre de natureza semântico pragmática. Assim, subjacente ao enunciado “O marido da Ana está

desempregado”, há a indicação de que “A Ana é casada”, que o **interlocutor** reconhece a partir do significado de “marido de “ (uma outra pressuposição possível é “o marido da Ana perdeu o emprego”). O conteúdo pressuposto é facilmente testado: mantém-se inalterado quando se procede à transformação da afirmativa numa construção negativa, interrogativa ou condicional.

Também se utiliza o termo “pressuposição” para designar as condições que devem ser preenchidas para que o **acto ilocutório** seja eficazmente realizado.

### Implicação

1. Relação lógica que, mediante um processo inferencial dedutivo, permite formular uma conclusão a partir das proposições contidas nas premissas (i).

2. Relação lógica nos termos da qual a afirmação (ou a negação) de um **enunciado** supõe necessariamente a afirmação (ou a negação) do que se afirma noutro enunciado antecedente ou subsequente. O **emissor** não pode afirmar num enunciado o que nega no outro, sob pena de contradição (ii).

### Exemplos

(i) Os beirões são obstinados; o Francisco é um genuíno beirão; o Francisco é obstinado.

(ii) O enunciado *O Meneses comprou um BMW* implica o enunciado *O Meneses comprou um automóvel*.

### Implicaturas conversacionais

Termo introduzido pelo filósofo H.P. Grice para designar a informação obtida por inferência a partir do conteúdo do **enunciado** e do saber compartilhado pelos **interlocutores**, graças à assunção de que o **princípio de cooperação** está a ser observado ao nível daquilo que o falante quer dizer. Esta informação implicada pelo **locutor** e calculada interpretativamente pelo **interlocutor** é condicionada pela especificidade dos **contextos** em que emerge.

### C.1.2. Texto

#### Texto / textualidade

O texto é prototipicamente uma sequência autónoma de **enunciados**, **orais** ou **escritos**, de extensão variável – um texto pode ser constituído por um único e curto enunciado ou por um número elevadíssimo de enunciados –, com um princípio e um fim bem delimitados, produzido por um ou por vários **autores**, no âmbito de uma de uma determinada memória textual e de um determinado sistema semiótico, isto é, em conformidade, em tensão criadora ou em ruptura com as regras e as convenções desse sistema, e cuja concretização ou actualização de **sentido** é realizada por um **leitor** / intérprete ou por um **ouvinte** / intérprete. A **coesão**, a **coerência**, a **progressão temática**, a **metatextualidade**, a relação tipológica, a **intertextualidade** e a **polifonia** são as principais propriedades configuradoras da textualidade.

A produção e a interpretação de textos – de textos genológica ou tipologicamente diversos – constituem a realização plena das virtualidades das línguas e são o thesaurus por excelência do conhecimento humano em todos os domínios, desde a poesia e a religião até ao direito, à filosofia e à ciência.

A primeira disciplina a ocupar-se da análise da produção dos textos – e, correlativamente, proporcionando elementos relevantes para a sua interpretação –, estudando a sua génese, a sua organização ou construção, os seus condicionalismos de ordem pragmática e a sua intencionalidade comunicativa, foi a **retórica**, legítima predecessora das actuais **análise do discurso** e **linguística textual**.

Numa perspectiva semiótica, existem textos pictóricos, textos musicais, textos fílmicos, etc. O termo “texto” apresenta nestas expressões uma translação de sentido perfeitamente justificada por analogia com a textualidade verbalmente realizada

## Co-texto

Na linearidade textual, conjunto de sequências linguísticas que precedem (co-texto anterior) ou que se seguem (co-texto posterior) a um **enunciado**.

## Macroestruturas textuais

Representações globais que configuram, a nível semântico e cognitivo, o **sentido** de um **texto**, isto é, que proporcionam a um **ouvinte** ou a um **leitor** a informação temática essencial de um texto. São as proposições constitutivas das macroestruturas textuais que possibilitam o resumo do texto e que alicerçam a **coerência** global deste último. As macroestruturas textuais são construídas nas operações que a retórica denomina **invenção** (*inventio*) e **disposição** (*dispositio*), indissociáveis processualmente, e por isso as macroestruturas, primordialmente de ordem semântico-cognitiva, têm uma relação importante com a organização formal do texto, com as suas grandes partes ou secções, variáveis conforme as convenções dos diversos tipos ou géneros textuais.

## Microestruturas textuais

Conjunto dos elementos verbais que constituem a linearidade dos enunciados de um **texto**, portadores de funções e de valores sintácticos, semânticos, retóricos, estilísticos e pragmáticos que asseguram e orientam a **coerência** textual de âmbito tópico ou de curto raio de acção. A **elocução** (*elocutio*), indissociável da **disposição** (*dispositio*), é a operação retórica de que depende a produção das microestruturas textuais.

## Coesão textual

Termo que designa os mecanismos linguísticos que na linearidade do texto instituem a continuidade do **sentido** entre os diversos elementos da estrutura de superfície textual. Esses mecanismos compreendem processos léxico-gramaticais, de entre os quais se destacam as cadeias de **referência**, as reiteraões e substituições lexicais (coesão lexical), os **conectores** interfrásicos (coesão interfrásica) e a ordenação correlativa dos tempos verbais. A unidade semântica do texto é assim assegurada por uma organização formal que permite articular e interligar sequencialmente diversos componentes.

## Anáfora

Expressão linguística (termo anafórico) cuja interpretação depende da relação de co-referência ou da relação **sinedóquica** ou **meronímica** que mantém com outra expressão (o antecedente) que figura anteriormente na linearidade do texto. A anáfora pode ser nominal, pronominal, verbal e adverbial. A relação entre o termo anafórico e o antecedente é uma relação textual cuja interpretação necessita da memória discursiva, da informação sobre o **contexto** situacional e da **enciclopédia** partilhada pelo **emissor** e pelo **receptor**.

## Catáfora

Na linearidade textual, expressão colocada ulteriormente em relação a uma expressão anterior de que é co-referencial ou da qual desenvolve ou especifica o **significado** (por isso alguns linguistas afirmam que a catáfora é dextrogira, porque se situa à direita na linearidade textual, ao passo que a **anáfora** é levogira, porque se situa à esquerda na mesma linearidade).

## Co-referência não anafórica

Relação existente entre unidades linguísticas de um **enunciado** (grupos nominais, preposicionais ou adverbiais) que remetem para um referente idêntico, não sendo indispensável que entre as unidades linguísticas co referenciais exista uma relação **anafórica** stricto sensu. A existência de uma relação co referencial entre duas unidades discursivas funda-se em bases pragmáticas, ou seja, na **enciclopédia** dos **interlocutores** e no **contexto** extralinguístico do(s) enunciado(s).

## Coerência textual

A coerência textual é um fenómeno que resulta da interacção entre factores macroestruturais e microestruturais existentes no **texto**, graças à criatividade, ao trabalho oficial e à intencionalidade do **autor** – factores que envolvem modelos genológicos, **tipos de texto**, relações de **intertextualidade**, núcleos temáticos, campos lexicais e semânticos, isotopias e mecanismos sintácticos – e a capacidade interpretativa do **receptor/leitor**, que tem de cooperar na construção da coerência do texto com a sua **competência linguística**, a sua **enciclopédia**, a sua memória literária e cultural e a sua visão hermenêutica. É estreita a interligação entre a coerência textual e a **coesão textual**, mas com uma diferença relevante: esta última é exclusivamente de âmbito intratextual e não depende da capacidade e das estratégias interpretativas do leitor/receptor.

**Exemplos** A continuidade de **sentido** que caracteriza a coerência textual – a nível das macroestruturas e das microestruturas textuais, no âmbito das relações entre a totalidade e as partes do texto – constrói-se de modo diverso conforme os géneros e os tipos de textos: nos textos científicos, técnicos, directivos, didácticos e similares, a liberdade interpretativa do receptor/leitor é limitada e mesmo exígua; nos textos argumentativos, nos textos jurídicos, nos textos políticos, nos textos religiosos e sobretudo nos textos literários, a liberdade interpretativa do receptor/leitor, sempre indissociável das estruturas textuais, é mais alargada e mais produtiva.

## Isotopia

Iteração ou recorrência, na cadeia sintagmática do **enunciado** ou do **texto**, de palavras que formam uma rede de **sentido** que contribui para a **coerência textual** e para a legibilidade e a interpretação do texto. A isotopia é um fenómeno semântico que se inscreve no plano do conteúdo, mas alguns autores alargam o conceito ao plano da expressão. A interrupção de uma rede isotópica, introduzindo no **discurso** ou no texto a heterogeneidade semântica, designa-se alotopia.

Fala-se de pluri-isotopia quando, num enunciado ou num texto, ocorrem sequências isotópicas que originam múltiplos sentidos e que possibilitam portanto interpretações plurais.

**Exemplos** Exemplo de isotopia: “Na velha casa passou um rio / passou a cheia, o tempo um arrepio. / Quem eu chamo já não vem. / Tanto quarto vazio/ tanta sala sem ninguém. / E frio” (Manuel Alegre).

## Tema / rema

Em termos simples, o tema é aquilo de que se fala, a informação fornecida como ponto de partida por um **enunciado** ou uma curta sequência de enunciados, com base na qual o **leitor** leva a cabo, auxiliado por outros organizadores textuais, a operação chamada tematização do texto. Esta operação consiste em seleccionar, desde o início, o **campo semântico** pertinente à interpretação do texto.

O rema é o enunciado ou o segmento do enunciado em que se predica o tema e que normalmente introduzem no texto informação nova.

## Progressão temática

Denomina-se progressão temática a introdução de informação nova que ocorre constantemente no **discurso** e no **texto**, mediante as relações instituídas entre o **tema** e o **rema** (tema constante e novas informações remáticas, conversão do rema em tema do **enunciado** seguinte e assim sucessivamente; subdivisão do rema; salto temático).

## Configuração

O acto de configuração do **texto** é um acto realizado tanto pela instância produtora e estruturadora do texto como pela instância da leitura e da interpretação – que realiza, nas palavras de Ricœur, um acto de refiguração –, de modo que o texto não seja uma série de **enunciados** justapostos ou sucessivos que

possam ser interpretados separada e avulsamente, mas uma totalidade **coesiva** e **coerente** em que cada parte contribui para a unidade do **sentido** global.

### **Paráfrase**

**Enunciado** ou **texto** que reformulam e reescrevem outro enunciado ou outro texto, conservando, na medida do possível, uma equivalência semântica e formal. Os objectivos da paráfrase são a explicação, a compreensão e a interpretação do enunciado e do texto parafraseados ou a sua recriação e imitação criativa.

### **Sentido**

Alguns linguistas utilizam os termos **significado** e sentido como sinónimos. Outros linguistas, porém, estabelecem uma distinção, que se afigura pertinente e que aqui se adopta, entre os dois termos: o significado pertence à língua (*langue*), ao sistema linguístico, e conhece-se mediante o dicionário e a gramática da língua; o sentido pertence ao plano do **discurso**, do **enunciado** e do **texto** e portanto pressupõe necessariamente o significado, mas congloba os factores pragmáticos que condicionam e orientam o uso da língua.

### **Digressão**

Parte do **discurso** ou do **texto** que constitui um afastamento e uma interrupção temporários do fio temático, das sequências argumentativas, descritivas, narrativas, etc., que vinham a desenvolver-se. A digressão pode ter uma função retórica relevante, quando capta a atenção e a benevolência dos **ouvintes** e **leitores**; pode contribuir para esclarecer um argumento; pode documentar e tornar mais verosímil um evento narrado; pode dar ensejo ao **autor** ou ao narrador para expor e comentar a sua visão do mundo e a sua ideologia; pode ser uma manifestação de liberdade imaginativa, de engenhosidade dialéctica, de espírito crítico e de **ironia** (como nas *Viagens na minha terra* de Garrett).

Quando a digressão é muito extensa ou não se articula adequadamente com a matéria do discurso ou do texto, prejudica a **coerência textual** e desvia a atenção dos **interlocutores** e leitores.

### **Plurissignificação**

Termo que designa a pluralidade de **sentidos** que um texto, em especial o texto literário, pode proporcionar, não só produzida pelos elementos semânticos, formais e pragmáticos imanentes à própria **textualidade** – os mecanismos **retóricos**, em especial os **tropológicos**, desempenham neste domínio uma função nuclear – mas também gerada pelas estratégias heurísticas e hermenêuticas dos **leitores** (ler um texto à luz da fenomenologia de Bachelard conduz a significados diferentes de uma leitura orientada pela psicanálise freudiana ou pela poética da desconstrução).

### **Intertexto / intertextualidade**

1. **Texto** ou conjunto de textos com os quais, quer na sua produção, quer na sua interpretação, um texto concreto mantém relações de ordem retórico-estilística e de ordem semântica.
2. Conjunto das relações que um texto concreto contrai, desde a esfera da sua produção até à esfera da sua leitura e da sua interpretação, com outro(s) texto(s). Nenhum texto é uma entidade fechada sobre si própria e dependente apenas da actualização de um sistema linguístico. A transtextualidade, isto é, a abertura a outros textos, a interacção e o **diálogo** com outros textos, é uma dimensão constitutiva de todo o texto, seja ele literário ou não, embora a intertextualidade desempenhe na produção e na interpretação do texto literário uma função particularmente relevante, visto que a memória dos textos é fundamental na cultura literária (lembramos que as Musas, mitos tutelares da poesia e de outras artes, são filhas de Mnemósina, a deusa da memória).

A intertextualidade, que relaciona um **hipertexto** com um ou diversos hipotextos, pode assumir várias modalidades, desde a **alusão** e a **citação** até à imitação criativa, à **paráfrase**, à paródia e ao plágio.

O hipotexto de um texto literário pode ser um texto, na acepção semiótica do termo, não literário, nem sequer verbal (por ex., um texto pictórico, um texto musical). Nestes casos, ocorre a manifestação de uma intertextualidade interartística.

### Hipertexto

1. Termo que designa, nas teorias da **intertextualidade**, um **texto** que é produzido a partir de outros textos e sobre outros textos, designados hipotextos ou subtextos.
2. No âmbito das contemporâneas tecnologias da informação e da comunicação, o termo designa um corpus textual com suporte electrónico, não linear, mas sim multilinear, cuja sequencialidade é variável ao longo da leitura conforme os enlaces (links) que o **leitor** pode activar e que dão acesso a múltiplos blocos textuais constitutivos desse corpus.

### Metatexto

1. **Texto** que tem como objecto de reflexão, de análise e por vezes de reescrita, outro texto, denominado prototexto, com a finalidade de elaborar um ensaio hermenêutico, um comentário, uma apreciação crítica, uma tradução, uma paródia, etc.
2. O metatexto é um texto, algumas vezes literário, que, com objectivos teóricos, normativos e didácticos, expõe uma doutrina estético-literária e retórica – por ex., a Arte Poética de Horácio – ou que, de modo indirecto e **metafórico**, reflecte sobre os princípios, os ideais e os valores da literatura e da poesia e sobre os processos da respectiva escrita.

### Tipologia textual

Os **textos**, para além das propriedades fundamentais da **textualidade**, apresentam estruturas verbais peculiares, semânticas e formais, e marcas pragmáticas que possibilitam a sua classificação em tipos ou géneros. As características dos tipos ou géneros constituem indicadores importantes para a produção e para a interpretação dos textos.

A **retórica** clássica distinguiu três géneros de **discursos**: a) o *género deliberativo* ou *político*, que compreende os discursos proferidos perante a assembleia que representa uma comunidade política e que têm como objectivo conduzir a uma deliberação quanto aos problemas políticos em debate; b) o *género judicial* ou *forense*, que compreende os discursos proferidos no tribunal, onde se julga alguém por actos cometidos, havendo um orador que acusa e outro que defende o réu, procurando um e outro, com a sua argumentação, persuadirem o juiz a tomar uma decisão que seja justa; c) o *género epidíctico* ou *demonstrativo*, que compreende os discursos de encómio ou de acusação relativamente a alguém ou a algo.

No plano literário, a poética clássica, desde Platão a Aristóteles, estabeleceu os fundamentos semânticos (mundo representado), enunciativos, estilístico-formais e pragmáticos para construir a famosa tripartição de géneros que ainda hoje perdura na sua essencialidade, com as alterações e as inovações resultantes da evolução histórica da própria literatura: o *género lírico*, o *género épico* ou *narrativo* e o *género dramático*. Cada um destes géneros compreende diversos subgéneros, resultantes nalguns casos da sua mescla ou do seu hibridismo. Na época contemporânea, foi acrescentado aos três géneros tradicionais um quarto género – o *género didáctico-ensaístico* –, no qual cabem subgéneros como o diálogo de ideias, o ensaio propriamente dito, o livro de viagens, o sermão, a biografia, as memórias, etc.

Nas últimas décadas, **análise do discurso** e a **linguística textual** têm proposto diversas classificações dos tipos de textos, com base em critérios de vária ordem. Um princípio fundamental subjacente a estas classificações tipológicas é o de que “um género é o que liga um texto a um discurso”, ou seja, a afirmação de que um texto, sempre singular, está ligado pelo género a uma família de textos.

Uma classificação tipológica suficientemente compreensiva é a seguinte: a) *textos conversacionais*, que abarcam a conversa usual, a entrevista, a tertúlia, etc., com funções lúdicas, de intercâmbio de ideias, de comentário de acontecimentos, de agradecimento, etc.; b) *textos narrativos*, nos quais se relata um evento ou uma cadeia de eventos, com predominância de verbos que indicam acções e de **tempos verbais** como

o pretérito perfeito e o pretérito imperfeito e com abundância de **advérbios** com valor temporal ou locativo; c) *textos descritivos*, nos quais se informa como é alguém ou algum estado de coisas, com sequências predominantemente construídas com o verbo ser e outros verbos caracterizadores de propriedades, de qualidades e de aspectos de seres e de coisas, com os tempos verbais dominantes do presente e do pretérito imperfeito, com abundância de adjectivos qualificativos e de advérbios com valor locativo; d) *textos expositivos*, nos quais o referente é a análise ou síntese de ideias, conceitos e teorias, com uma estrutura verbal em que figuram predominantemente o verbo ser com um **predicativo do sujeito** nominal ou o verbo ter com **complemento directo**, e apresentando como tempo peculiar o presente; e) *textos argumentativos*, que têm como funções persuadir, refutar, comprovar, debater uma causa, etc., estabelecendo relações entre factos, hipóteses, provas e refutações, com abundância de marcadores e conectores discursivos que articulam com rigor as partes do texto, e apresentando como tempo dominante o presente; f) *textos instrucionais* ou *directivos*, que têm como função ensinar ou indicar como fazer algo, enumerando e caracterizando as sucessivas operações, tendo como estrutura verbal dominante o imperativo; g) *textos predictivos*, que têm como função informar sobre o futuro, antecipando ou prevendo eventos que irão ou poderão acontecer, tendo como estrutura verbal dominante o futuro; h) *textos literários*, com uma semântica fundada na representação de mundos imaginários, com a utilização estética, retórica e não raro lúdica dos recursos da linguagem verbal, e com uma pragmática específica. Cada tipo de texto pode configurar-se prototipicamente, no sentido do termo *protótipo* na linguística cognitiva – isto é, o exemplar mais característico, o modelo idealizado, de uma categoria –, ou pode apresentar uma prototipicidade atenuada ou difusa, sobretudo através da sua combinação ou mescla com outros tipos.

Jean-Michel Adam, um linguista que se tem ocupado detidamente dos problemas da tipologia textual, defende que um texto é uma entidade demasiado complexa e heterogénea para se poder afirmar que pertence prototipicamente, na sua totalidade, a um tipo, devendo antes a análise tipológica processar-se a um nível menos elevado, através da identificação, delimitação e caracterização das sequências textuais prototipicamente narrativas, descritivas, argumentativas, etc., que permitem classificar, quando dominantes, um texto como narrativo, descritivo, argumentativo, etc. Este enquadramento flexibiliza a classificação tipológica dos textos e permite uma análise mais compreensiva e matizada das suas componentes tipológicas constitutivas.

### **Sequência textual**

No quadro teórico da **linguística textual** elaborado por Jean-Michel Adam, unidade textual relativamente autónoma e dotada de uma organização interna própria, tanto de ordem semântica como formal, hierarquicamente situada entre o nível inferior dos **períodos** e o nível superior e englobante do **texto**. Estas unidades de textualização podem ser narrativas, descritivas, argumentativas, explicativas e dialogais.

### **Autor**

Termo que designa o produtor de um **texto**, **oral** ou **escrito**, literário ou não literário. O autor é geralmente um indivíduo singular, mas há casos em que a instância autoral é dual e até mesmo plural. Há textos de autor anónimo – a anonímia é frequente na literatura oral e na literatura popular, bem como na literatura sujeita a regimes de censura severa –, há textos de autores que se ocultam sob pseudónimos – nomes falsos, inventados por razões de vária ordem –, há textos de autores que se abrigam sob criptónimos – nomes disfarçados, construídos com elementos gráficos do nome verdadeiro – e há textos de autores heterónimos, isto é, como no caso de Fernando Pessoa, autores que se denominam com nomes diferentes do nome verdadeiro, aos quais correspondem máscaras (personæ) poéticas múltiplas, com biografias próprias e com concepções estético-literárias e com **estilos** distintos.

**Exemplos** O autor, singular, dual ou plural, tem uma existência real, num tempo, numa sociedade, numa altura e num lugar determinados. É o chamado autor real ou empírico, que existe fora do texto. Mas o autor tem também uma existência no âmbito do texto, é também uma instância intratextual, que só é

possível conhecer através do texto. É o chamado autor textual ou autor implícito ou implicado. Entre o autor real e o autor textual podem existir relações de similitude ou de dissemelhança – a voz da persona poética das cantigas de amigo é uma voz feminina, mas o autor real é um homem –, se bem que entre os dois existam sempre, manifestas ou rasuradas, relações de **implicação**.

### **Leitor**

Pessoa existente na realidade, historicamente determinada, que lê um **texto** e que constitui uma das suas instâncias interpretativas. Este é o **leitor** real ou leitor empírico, que é uma entidade extratextual. O leitor pode existir, porém, no próprio texto, ter uma existência intratextual, como o leitor – ou a leitora – ao qual se dirigem e com o qual dialogam o autor e o narrador. O leitor implícito, na estética da recepção, é uma função existente no próprio texto, que orienta no processo de leitura e de interpretação o leitor real. O leitor modelo é o leitor que o próprio texto, nas suas **estratégias discursivas** e na sua intencionalidade, prevê e convoca como o **interlocutor** adequado para cooperar na construção do **sentido** textual, actualizando as potencialidades inscritas no próprio texto. O leitor ideal é o leitor com uma **enciclopédia** e dotado de um conjunto de competências de leitura e de interpretação que o autor elege como o **destinatário** apropriado e exemplar do seu texto.

### **Plano do texto**

Sendo o **texto** uma sequência ordenada e hierarquizada de **enunciados**, é necessário construir e organizar as suas macroestruturas semânticas e formais e, correlativamente, as suas microestruturas semânticas e estilístico-formais, em conformidade com uma determinada intenção informativa, comunicativa e poético-representativa e em conformidade com um certo número de códigos, de regras, de convenções e de **estratégias discursivas** que, na sua globalidade, contribuem para configurar o plano do texto.

Em primeiro lugar, é indispensável ter ideias bem definidas sobre o conteúdo, sobre as macroestruturas semânticas do texto, de acordo com a operação retórica da inventio, que legitimamente abarca, na sua articulação contemporânea com a poética, a imaginação criadora.

Depois, é necessário saber como organizar e distribuir as macroestruturas textuais. A **disposição** (dispositio) é a operação retórica que se ocupa desta matéria em relação aos três **géneros** analisados e regulados por aquela arte – o género deliberativo, o género judicial e o género epidíctico –, mas, para além da legítima aplicação de preceitos da dispositio a outros géneros textuais, a poética, a estilística, a **linguística do texto** e a **análise do discurso** estenderam a outros géneros e tipos de produção discursiva o exame dos planos textuais formulados pela **retórica**. Todo o texto se integra num tipo ou num género textuais – relatório, crónica, notícia, artigo científico, discurso político, conto, poema épico, tragédia, etc. – e cada género possui as suas regras e convenções próprias sobre a composição e a distribuição das macroestruturas textuais, prestando-se especial atenção ao início e ao final dos textos – duas áreas fundamentais da topografia textual. Um aspecto importante da organização das macroestruturas textuais tem a ver com a distribuição criteriosa e hábil da informação já conhecida e da informação nova (aspecto crucial, por ex., no discurso judiciário e no romance policial).

Finalmente, é imprescindível saber como proceder à textualização stricto sensu, como construir as microestruturas semânticas e estilístico formais do texto, de acordo com os ensinamentos da elocutio. É preciso saber escolher o registo adequado e o léxico apropriado à matéria (res) tratada e aos **destinatários** do texto e é necessário observar os seguintes princípios: correcção, que se funda na regularidade gramatical dos enunciados, desde o plano da **ortografia** ao plano da **sintaxe**; clareza, que deriva da propriedade semântica e da colocação lógica das palavras utilizadas; elegância, que resulta do uso criterioso dos recursos retórico-estilísticos.

### **Pacto de leitura**

O pacto (ou contrato) de leitura é um acordo prévio ao acto de leitura que se estabelece entre o **autor**, o **texto** e o **leitor** e que orienta este no percurso da sua viagem textual, criando-lhe determinadas

expectativas e levando-o a aceitar determinadas convenções. O pacto de leitura pode fundar-se em propostas explícitas ou em sinais indirectos, em sugestões e solicitações implícitas que o leitor deve saber interpretar. O **paratexto** é fundamental para a construção do pacto de leitura. Igualmente relevante é a pertinência de um texto a um determinado género ou **tipo**, com as suas convenções e as suas **estratégias discursivas** peculiares.

### **Fragmento**

1. Parte de um texto inacabado ou inconcluso, por vicissitudes da sua transmissão manuscrita ou impressa, pela morte do **autor** ou por abandono do seu projecto de escrita.
2. Desde o Romantismo alemão, o fragmento é um tipo específico de texto que, por motivos de ordem filosófica e estética, recusa a totalidade e a coerência global de um texto perfeito, no sentido etimológico do termo, isto é, acabado, conclusivo, e que no fragmentarismo espelha a finitude, a incompletude e o sentimento de dissipação ontológica do próprio homem e da vida humana, como se a escrita fragmentarística espelhasse a pulverização do sujeito da **enunciação** e o caos do mundo.

### **Estilo**

Conjunto dos traços formais, dos recursos expressivos, que caracteriza um **texto** ou a escrita de um **autor**, na totalidade ou em diversas fases da sua obra. Conjunto dos traços formais, dos recursos expressivos, que caracteriza um corpus textual configurado genologicamente ou representativo de um movimento ou de um período literários.

### **Ritmo**

O ritmo, no **texto oral** ou **escrito**, é um movimento recorrente que resulta da duração recíproca e da disposição das unidades textuais, da sucessão ordenada dos elementos prosódicos, como a **entoação**, os **acentos**, as **pausas**, a melodia dos **significantes** e das sequências fónicas, etc. O ritmo está estreitamente ligado à materialidade dos elementos textuais, mas a sua matriz profunda é de ordem semântico-pragmática e é por isso que o ritmo de um texto elegíaco, por exemplo, é muito diferente do ritmo de um texto épico ou de um texto satírico.

### **Exórdio**

O exórdio (ou proémio) é a parte inicial de um **discurso** ou de um **texto** e tem como funções dar a conhecer ao **receptor** a matéria que vai ser tratada, estabelecendo assim um nexa com a narração (narratio), isto é, com a exposição dos acontecimentos, e sobretudo atrair a atenção e obter a benevolência do auditório (termo que abarca tanto os **ouvintes** como os **leitores**).

### **Epílogo**

Na **retórica**, parte final de um **discurso**, também chamada peroração, em que o **autor** recapitula os factos e os argumentos e, sobretudo, se esforça por influir nos afectos e nas emoções, de modo a obter a simpatia do auditório e de quem deve tomar a deliberação, política ou judicial.

Por **extensão**, o termo designa a parte final de um texto literário, sobretudo do género narrativo e do género dramático.

### **Paratexto**

Conjunto dos elementos verbais e gráficos que enquadram o **texto** propriamente dito e que o apresentam ao **leitor** e ao público em geral como livro, fornecendo informações de natureza pragmática, semântica e estético literária que orientam e regulam de modo relevante a leitura: nome do **autor**, do editor e eventualmente da colecção, **título** e subtítulo, desenho da capa, dedicatória(s), **prefácio**, escritos preambulares e **posfácio**, da autoria do autor do texto ou de outros autores, **epígrafes**, notas marginais,

infrapaginais e finais, bibliografia, índices, informações expostas nas badanas e na contracapa do livro, ilustrações, etc. O paratexto é sobretudo da responsabilidade do autor, mas pode conter elementos importantes da responsabilidade do editor.

### **Título**

**Palavra** ou grupo de palavras que identificam um texto manuscrito ou impresso, em geral pospostos ao nome do **autor**, mas que em certas épocas figuram antepostos (por ex., Os Lusíadas de Luís de Camões, como se lê na primeira edição do poema).

O título tem importância no plano da comunicação, porque estabelece liminarmente o contacto com o **leitor**, e no plano da interpretação, porque é o primeiro organizador textual a contribuir para a tematização do texto.

### **Prefácio**

Elemento do **paratexto** que figura numa obra antes do início do texto, podendo ser escrito pelo **autor** do texto ou por alguém convidado pelo autor ou pelo editor, pelo director de uma colecção, etc.

O prefácio escrito pelo próprio autor pode desempenhar múltiplas funções paratextuais: narrar e comentar a génese do texto, a sua intenção e os seus objectivos; expor e debater problemas estético-literários relacionados com o texto, algumas vezes de modo polémico; despertar o interesse e a simpatia dos **leitores**. O prefácio escrito por alguém que não o autor – alguém que é solicitado para escrever tal paratexto pelo seu conhecimento da obra e do autor, pela sua competência crítica e pela sua autoridade no campo literário e/ou no campo académico – tem sobretudo como função a análise, o comentário, a explicação, a interpretação do texto, podendo configurar-se como um ensaio ou um estudo altamente especializados.

### **Posfácio**

Elemento do **paratexto** que figura numa obra após o fim do texto, podendo ou não ser escrito pelo **autor**, com funções semelhantes às do **prefácio**.

### **Epígrafe**

**Citação** de um excerto textual, em particular de um texto literário, colocada no exergo do texto ou a encimar os seus capítulos ou unidades constituintes equivalentes. A epígrafe é em geral retirada de um **autor** e de uma obra célebres e modelares e faz parte do **paratexto**. As epígrafes são importantes para a interpretação do texto, porque são indicadores das relações de **intertextualidade** com a obra citada

## **C.1.3. Instrumentos e operações da retórica**

### **C.1.3.1. Figuras de retórica e tropos**

#### **Figura**

Dispositivo retórico que opera, na linearidade do texto, in verbis coniunctis, isto é, em palavras reunidas em frases, que gera, para além do sentido literal e muitas vezes contra o sentido literal, **enunciados** com **significados** novos que funcionam como ornatos e como meios de expressividade estilística e densificação semântica. Há figuras de dicção, que dizem respeito sobretudo à **elocução**, de natureza fonológica e morfológica – a **aliteração** por ex. – e de natureza sintáctica – a **anáfora**, a **enumeração**, o **hipérbato**, etc. Por outro lado, existem figuras de pensamento, que se correlacionam sobretudo com a **invenção** (*inventio*) e que dizem respeito à semântica de um enunciado, nas suas dimensões imaginativa e criativa – por ex., a **apóstrofe**, a **antítese**, a **hipérbole**, o **oxímoro**, etc.

## Tropo

Figura de significação que se distingue das **figuras** retóricas de dicção e das figuras retóricas de pensamento, porque resulta da organização dos seus elementos linguísticos através de uma relação in absentia, *in verbis singulis*, isto é, através de uma selecção operada no eixo paradigmático da língua, enquanto as outras figuras retóricas resultam de uma combinação *in verbis coniunctis*, no eixo sintagmático da língua. Os tropos mais importantes são a **metáfora**, a **metonímia** e a **sinédoque**. Para além da sua função exornativa, os tropos são mecanismos textuais que iluminam de modo novo o real, ao transladarem os **significados** das palavras e ao instituírem assim relações inéditas entre as coisas e os seres.

## Alegoria

No seu significado etimológico, alegoria significa dizer uma coisa por outra, representando figurativamente um conceito ou uma abstracção (e, sob este ponto de vista, aproxima-se da **personificação**). Assim, a justiça é representada alegoricamente por uma mulher de olhos vendados que segura uma balança nas mãos, a paz é figurada por uma pomba, a crueldade por um tigre, etc.

A alegoria apresenta um significado literal e um significado figurado, que são indissociáveis na interpretação, prolongando-se muitas vezes a alegoria como uma **metáfora** continuada que pode ocupar ou percorrer a totalidade de um texto mais ou menos extenso. O funcionamento da alegoria é fundamental na interpretação dos textos que representam e comunicam significados ocultos ou translatos de ordem religiosa, moral, política, etc.

## Aliteração

Repetição da mesma **consoante**, muitas vezes na **sílaba** inicial de **palavras** contíguas, tanto no verso como na prosa. A aliteração contribui poderosamente para a musicalidade e para o **ritmo** do verso e da prosa, em particular da prosa poética, gerando efeitos de harmonia imitativa.

**Exemplos** “Soidões lacustres... / Lemes e mastros.../ E os alabastros / dos balaústres” (Camilo Pessanha).

## Alusão

**Figura** retórica de pensamento que evoca, de modo velado, indirecto ou oblíquo, quem ou o que não se quer, ou não se pode, nomear explicitamente, devendo o ouvinte ou o **leitor**, através da análise do **contexto** e fazendo apelo à sua **enciclopédia** e à sua memória literária e cultural, descobrir ou desvelar o não dito.

## Anacoluto

Ruptura da continuidade lógico-sintáctica do **discurso**, como efeito da manifestação do pensamento e da corrente de consciência do **autor**, do narrador ou de uma personagem, daí advindo uma construção sintáctica desligada da precedente. À luz de uma gramática prescritiva, o anacoluto é considerado uma incorrecção. É frequente na linguagem coloquial e emotiva e é um procedimento retórico-estilístico explorado intencionalmente em textos literários que procuram captar e representar a expressividade da linguagem **oral** e a afectividade, a emocionalidade e a vida interior das personagens.

**Exemplo:** “E o desgração tremiam-lhe as pernas, e sufocava-o a tosse” (Almeida Garrett).

## Anáfora

**Figura** retórica que consiste na repetição da mesma ou das mesmas **palavras** ou de expressões análogas no início de **frases** sucessivas ou de membros de uma frase, como processo de sublinhar e intensificar a expressão de um sentimento ou de uma ideia.

**Exemplos** "Sabeis o que é esse despertar de poeta? // É o ter entrado na existência com um coração que trasborda de amor sincero e puro (...). // É o ter dado às palavras – virtude, amor pátrio e glória – uma significação profunda (...). // É o perceber à custa de amarguras que o existir é padecer, o pensar descrever, o experimentar desenganar-se (...)" (Alexandre Herculano)

### **Antítese**

**Figura** retórica de pensamento pela qual se exprime uma oposição de natureza lógico semântica com base lexical e/ou sintáctica.

**Exemplo:** "O tempo o claro dia torna escuro, / e o mais ledo prazer em choro triste; / o tempo a tempestade em grã bonança" (Camões).

### **Antonómásia**

**Figura** retórica de pensamento que consiste em empregar um **nome próprio** como um **nome comum**, em virtude da generalização de um predicado que pertence por excelência ao nome próprio, ou, inversamente, em utilizar um nome comum para designar um nome próprio. Assim, "Tartufo" designa um "hipócrita" e "Messalina" uma "mulher devassa"; inversamente, "o cartaginês" designa "Aníbal". A antonomásia é uma manifestação especial da **sinédoque** e apresenta-se com frequência sob a forma de **perífrase** ("a águia do Marão" designa o célebre orador António Cândido).

### **Apóstrofe**

**Figura** retórica de pensamento que consiste em o **autor** se dirigir exclamativamente a um **destinatário** antropomórfico ou inanimado, vivo ou morto, presente ou ausente, real ou fictício.

**Exemplo** "Alma minha gentil que te partiste" (Camões).

### **Comparação**

**Figura** retórica de pensamento que estabelece explicitamente uma relação de analogia entre dois termos, o comparante e o comparado, que figuram nomeados no texto, correlacionados gramaticalmente por uma **conjunção**, um **advérbio** ou uma **locução** nominal apropriados. A comparação, que se manifesta muitas vezes com uma função semântico-pragmática estereotipada, pode em outros casos contribuir para a progressividade da informação discursiva e para a revelação de relações novas e surpreendentes entre os seres, os objectos, os sentimentos, etc.

**Exemplo** "Vai como um cão de caça o meu olfacto" (David Mourão-Ferreira).

### **Enumeração**

**Figura** retórica de adição que consiste na nomeação acumulativa das partes de um todo e de elementos que mantêm entre si uma correlação lógica ou semântica.

### **Exemplos**

"Mas agora fica exarado/num palimpsesto de inverno, por entre temporais,/inundações, ventos ciclónicos, neve e granizo,/temperaturas negativas, gente que ficou rasurada, ou/sem haveres e sem casa" (Vasco Graça Moura).

### **Eufemismo**

**Figura** retórica de pensamento que consiste em evitar palavras próprias (verba propria) sobre as quais recai um interdito linguístico de origem religiosa, moral ou social e em atenuar ou suavizar o **significado** de palavras cruéis, molestas, grosseiras ou desagradáveis. O eufemismo é uma **estratégia discursiva** que recorre ao uso de outras figuras como a **alusão**, a **metáfora**, a **perífrase** e a **lítótes**.

**Exemplos** Dizer “passou a melhor vida” em vez de “morreu”.

### **Gradação**

**Figura** retórica de adição que consiste numa sucessão de palavras ou de grupos de palavras que, pela sua expressividade e intensidade semântico pragmática, amplificam ou diminuem o **significado** e, se for caso disso, a força ilocutória do elemento textual anterior, podendo esta relação ter uma direcção ascendente, até culminar num clímax, ou uma direcção descendente, encaminhando-se para um anticlímax.

**Exemplos** “Aqui me achei gastando uns tristes dias,/ tristes, forçados, maus e solitários, / trabalhosos, de dor e d’ira cheios” (Camões).

### **Hipálage**

**Figura** retórica de natureza sintáctica, mas também de natureza léxico semântica, que consiste em deslocar uma **palavra**, em geral um epíteto, para a associar a outra palavra, em geral um **nome**, à qual não convém semanticamente. Em regra, a hipálage associa a um nome de objecto ou de coisa um epíteto que convém a pessoas.

**Exemplos** “Como unhas de mercúrio fulgente/ crescem-me dos olhos e dos dedos / nunca sonhados medos, nunca tanto / fulgor de lágrimas doentes” (Carlos de Oliveira).

### **Hipérbato**

**Figura** retórica sintáctica que consiste na alteração da ordem normal das palavras na **frase**, pela separação do **nome** e do **adjectivo**, pela colocação do **sujeito** ou do **verbo** no fim da frase, pelo deslocamento dos **pronomes**, etc. O deslocamento, ao modificar a ordem natural das palavras num grupo sintáctico, contribui para conferir àquelas expressividade estilística, mas, se for violento e de longa amplitude na frase, pode obscurecer e tornar difícil a interpretação.

**Exemplo** “Também movem da guerra as negras fúrias” (Camões).

### **Hipérbole**

**Figura** retórica de pensamento que consiste no aumento ou na dimensão excessivos da força semântico pragmática de um **enunciado**, com finalidades encomiásticas ou satíricas em relação aos referentes em causa.

**Exemplos** “ E julgareis qual é mais excelente, / se ser do mundo rei, se de tal gente” (Camões).

### **Imagem**

Termo que, na **retórica**, é equivalente a **tropo**, abarcando aquelas figuras de significação como a **comparação**, a **metáfora** e a **metonímia** que conferem uma forma sensível à representação das ideias, dos sentimentos e das acções, desempenhando no texto um relevante efeito estilístico.

### **Ironia**

**Figura** retórica de pensamento que consiste na produção de um **enunciado** – ou de um **texto** – com um significado literal que diverge ou é mesmo contraposto ao significado que corresponde à intenção do **emissor** e que o **receptor** pode e deve interpretar mediante a análise do **co-texto** e sobretudo do **contexto**, isto é, sobretudo mediante razões de ordem pragmática em que a **enciclopédia** desempenha uma função central. Sem a **cooperação**, a cumplicidade e a sagacidade do **interlocutor** ou do **leitor**, o sentido irónico de um enunciado ou de um texto esvai-se ou perde-se, sobretudo quando a ironia é subtil ou velada.

No **discurso oral**, ou oralizado, a **entoação** e vários elementos de natureza cinésica podem assinalar e tornar óbvia a ironia.

**Exemplos** “Se acha que a vida não é boa / utilize gás da Companhia / o combustível de Lisboa” (Alexandre O’Neill).

### Lítotes

**Figura** retórica de pensamento que consiste numa atenuação ou mitigação do **significado** que se afirma, com o fim de o reforçar ou fazer sobressair, ou seja, formalmente existe uma atenuação, mas funcionalmente produz-se um reforço do significado. Frequentemente, a lítotes nega o contrário do que se quer afirmar.

**Exemplo** “Não é feia” para afirmar que uma mulher é bonita.

### Metáfora

O mais importante **tropo**, consiste na substituição de uma palavra própria (verbum proprium ) por uma palavra com a qual aquela possui elementos sémióticos em comum, com supressão daquela, ao contrário do que acontece na **comparação**, **figura** em que comparece o termo comparado (além da partícula comparativa). A translação ou a transposição do **significado** baseia-se numa analogia manifesta ou oculta, que a metáfora desvela e dá a conhecer (daí a dimensão cognitiva da metáfora, para além da sua dimensão de ornato estilístico). Quando a distância semântica entre o termo próprio e o termo metafórico é muito grande, a metáfora torna-se surpreendente, audaciosa e por vezes de inteligibilidade difícil (por ex., “na tua voz lampejos de navalha / a pôr em sangue a minha solidão”, V. Graça Moura). A metáfora contribui de modo relevante para a **plurissignificação** dos textos literários.

A metáfora pode exprimir-se sob várias formas gramaticais:

- a) metáforas nominais (“A vida / é o bago de uva / macerado / nos lagares do mundo”, Carlos de Oliveira);
- b) metáforas verbais (“Que fruta rude aveludou a minha noite?”, Vitorino Nemésio);
- c) metáforas adjectivais (“hã-de nos dar enfim uma sangrenta rosa”, David Mourão-Ferreira).

### Metonímia

**Tropo** pelo qual uma **palavra** ou expressão remete para um referente diverso daquele que designa normalmente, em virtude de uma relação de contiguidade entre ambos (continente/conteúdo, espaço/instituição, **autor**/obra, parte/todo, causa/efeito). A metonímia permite fazer referência a um objecto, perspectivando-o de forma relevante (pelo destaque de uma característica pragmática ou cognitivamente mais saliente) através de uma formulação linguística simultaneamente rica em informação, precisa e concisa. No enunciado “Os capacetes azuis já chegaram ao local do conflito”, a expressão sublinhada refere por metonímia os soldados da ONU. No enunciado “Pessoa e Garrett estão na primeira prateleira”, os nomes dos escritores designam por metonímia as respectivas obras. No **enunciado** “Belém vetou a lei”, a palavra sublinhada designa metonimicamente o Presidente da República. Na tradição retórica, a metonímia foi em geral relacionada com a **sinédoque**.

### Oxímoro

**Figura** retórica de pensamento que associa duas palavras com **significados** logicamente opostos ou incompatíveis. Tem afinidades com o paradoxo e com a antítese, mas, enquanto esta figura encerra uma oposição lógico-semântica, o oxímoro é uma associação de palavras contrária à lógica.

**Exemplo** “Aquele triste e lida madrugada” (Camões).

### Paradoxo

**Figura** retórica de pensamento que consiste em associar construções semânticas que aparentemente são contraditórias, irreconciliáveis e absurdas, mas que podem iluminar, de modo inédito e surpreendente, o **significado** do real e da vida.

**Exemplo** “Muito estranho é ver as pontes / por sob os rios correr / mais ainda ouvir as fontes / sua própria água sorver” (Manuel Alegre).

### **Perífrase**

**Figura** retórica, também conhecida por circunlóquio ou circunlocução, que consiste em dizer com várias **palavras** o que se poderia dizer com uma única palavra. A perífrase pode ser de natureza irónica, eufemística e alusiva, funcionando como um dispositivo discursivo de cortesia, de censura e de atenuação semântica – “doença prolongada” ou “mal incurável” em vez de “cancro”, por ex. – ou pode ser um ornato de **estilo**, que distancia o discurso poético do discurso comum ou vulgar, como nas perífrases mitológicas, tão frequentes desde o Renascimento até ao Neoclassicismo. A perífrase transforma-se facilmente num estereótipo.

**Exemplo** “Era no tempo alegre, quando entrava / no roubador de Europa a luz febeia, / quando um e o outro corno lhe aqueitava, / e Flora derramava o de Amalteia” (Camões) (perífrase mitológica para designar a Primavera).

### **Personificação**

**Tropo** que consiste, por meio da **metáfora**, da **metonímia** e da **sinédoque**, em atribuir propriedades humanas a uma coisa, a um ser inanimado ou a um ente abstracto.

**Exemplo** “Enquanto nesta manhã tão calma tão horizontal tão lisa / que me apetece passar-lhe a mão pelo dorso certamente dócil / manhã sem nenhuma ruga na testa” (Ruy Belo).

### **Pleonasmo**

**Figura** retórica de dicção, segundo uns, de pensamento, segundo outros, que consiste em empregar num **enunciado** **palavras** e expressões repetitivas, redundantes e supérfluas, o que é considerado inútil e tautológico (“subir para cima”, “hemorragia de sangue”, etc.). Todavia, o pleonasmo pode ser intencionalmente expressivo e informativo, como no célebre verso d’ Os Lusíadas : “Vi claramente visto o lume vivo”.

### **Preterição**

**Figura** retórica de pensamento que consiste em fingir não dizer o que efectivamente se está a dizer. Em geral, utiliza-se uma negação que incide sobre os chamados verbos dicendi – “eu não vou dizer”, “não mencionarei”, etc. -, ao passo que o **complemento** do verbo diz o que se finge querer omitir.

**Exemplo** “Nem tão - pouco direi que tome tanto / em grosso a consciência limpa e certa, / que se enleve num pobre e humilde manto / onde a ambição acaso ande encoberta” (Camões).

### **Prosopopeia**

**Figura** retórica de pensamento que tem muitas semelhanças com a **personificação**, mas que desta se diferencia por introduzir num **enunciado** a falar personagens mortas ou ausentes, seres sobrenaturais e seres inanimados.

**Exemplo** “Eu sou aquele oculto e grande Cabo / a quem chamais vós outro Tormentório” (Camões).

### **Quiasmo**

**Figura** retórica de organização sintáctica que consiste na colocação cruzada de dois grupos de **palavras**.

**Exemplo** “Entreabertas deusas, deuses penetrantes” (Jorge de Sena).

## Sarcasmo

**Figura** retórica de pensamento próxima da **ironia**, mas com uma agressividade e uma intencionalidade disfórica, em relação ao **destinatário**, que a ironia não possui.

**Exemplo** “No sumapau seboso da terceira, / contigo viajei, ó país [ Portugal ] por lavar,/aturei-te o arrote, o pivete, a coceira,/a conversa pancrácia e o jeito alvar” (Alexandre O’Neill).

## Símbolo

Termo que designa a relação indirecta que associa uma coisa, um objecto, um ser animado, etc., a uma ideia, a um conceito, a um sentimento ou a um estado de alma. Os símbolos são convenções elaboradas, em geral através de **metonímias** e de **metáforas**, no âmbito de uma sociedade e de uma cultura, embora existam muitos símbolos de âmbito intercultural e até universal (por ex., o sono como símbolo da morte ou o círculo como símbolo da perfeição).

**Exemplo** “A minha casa é concha. Como os bichos, / segreguei-a de mim com paciência”(Vitorino Nemésio).

## Sinestesia

Tipo de **metáfora** que consiste na associação, no mesmo **enunciado**, de elementos semânticos provenientes de domínios sensoriais ou de esferas de percepção diferentes.

**Exemplo** “E o escuro ruído da chuva / é constante em meu pensamento” (Fernando Pessoa).

## Sinédoque

**Tropo** que consiste na translação do **significado** de uma **palavra** para outra, fundando-se na relação entre a parte e o todo ou entre o todo e a parte.

**Exemplo** “Vistes aquela insana fantasia / de tentarem o mar com vela e remo” (Camões).

### C.1.3.2 Operações retóricas

#### Invenção

Termo que designa a primeira operação da **retórica** e que consiste, *stricto sensu*, na busca e no encontro dos assuntos (res) verdadeiros ou verosímeis, das provas e dos argumentos apropriados que serão expostos no **discurso** com o objectivo de defender uma causa e de persuadir o auditório. Em sentido mais amplo, a invenção consiste no encontro do tema, das ideias, dos conteúdos, da res semântico-extensional, das macroestruturas semânticas que, mediante as operações da **disposição** (dispositio) e da **elocução** (elocutio), hão-de ser objecto dos processos de textualização.

#### Disposição

A disposição (dispositio) constitui a segunda das cinco operações em que se subdivide a **retórica** e consiste na realização em macroestruturas textuais – o **exórdio**, a narração, a **argumentação** e o **epílogo** – da matéria, da res, proporcionada pela **invenção** (inventio). Se, por um lado, a disposição se articula assim com a invenção, por outro lado articula-se com a **elocução**, com as microestruturas textuais. A dispositio regula a planificação e a arquitectura do texto, conduzindo à escolha das **estratégias discursivas** mais adequadas para a consecução das funções e dos objectivos pragmáticos ou estéticos visados.

## Elocução

A elocução (elocutio) é a terceira operação da **retórica** e trata da expressão linguística e estilística dos pensamentos e dos argumentos proporcionados pela **invenção** (inventio) e ordenados na sintagmática textual em macroestruturas pela **disposição** (dispositio). A elocução regula a escolha e o emprego das microestruturas textuais, desde as palavras isoladas (verba singula), ou seja, as unidades lexicais disponíveis e apropriadas, até às palavras relacionadas no **enunciado** (verba coiuncta), às **figuras** e aos **tropos**.

As qualidades fundamentais da elocução, em que confluem os princípios retórico-textuais da ars recte dicendi e da ars bene dicendi, são os seguintes: a) a correção (puritas) da expressão, fundada na regularidade gramatical da língua; b) a clareza (perspicuitas), alicerçada na propriedade e na diafanidade lógica das expressões, que evita a obscuridade e a complicação; c) a elegância (urbanitas, venustas), que confere graça e beleza ao texto.

## Memorização

A memória é a penúltima operação da **retórica** e foi definida por Cícero como “a captação firme do pensamento das coisas e das palavras”, isto é, como a capacidade de conservar na faculdade da memória as estruturas discursivas construídas graças às anteriores operações da retórica, a fim de poder comunicar esta espécie de escrita mental, com destreza e eficácia, ao auditório, segundo os preceitos da **actio ou pronuntiatio**. A faculdade da memória é natural, mas, como sublinham os tratadistas clássicos da retórica, existe uma memória artificial, que se cultiva e desenvolve pela prática e de acordo com as regras e as fórmulas mnemotécnicas expostas nas chamadas artes da memória. Os **discursos** produzidos **oralmente** são prejudicados na sua **coesão** e na sua **coerência** por uma memorização deficiente.

## Acção

A acção (*actio ou pronuntiatio*) é a última das operações da **retórica** e consiste em pronunciar o **discurso** com a **prosódia**, a **entoação** e a gestualidade adequadas.

### C.1.3.3 Retórica argumentativa

#### Argumentação

Parte(s) do **discurso** em que o **locutor**, utilizando **estratégias discursivas** adequadas, tanto a nível macro-estrutural como a nível microestrutural, apresenta, encadeia e desenvolve coerentemente as premissas, as provas, os raciocínios e os elementos probativos e refutativos que têm como finalidade persuadir o auditório e alcançar a conclusão pretendida. Todas as partes do discurso, desde o **exórdio** à **peroração**, contribuem para a argumentação. Na argumentação, há uma vertente dialéctica, uma vertente lógica, uma vertente ética e uma vertente pragmática. Na chamada “literatura de tese”, em especial nos géneros narrativos e dramáticos, a argumentação a favor ou contra uma causa religiosa, social, política, ideológica, etc., impregna todo o texto, desde a acção às personagens e ao **estilo**, multiplicando-se os **actos ilocutórios** que têm como finalidade produzir **actos perlocutórios**, ou seja, convencer os **leitores**.

## D. Lexicografia

Disciplina que se ocupa da realização de dicionários, léxicos e terminologias, bem como da análise da sua estrutura e dos métodos para a sua elaboração.

### D.1. Obras lexicográficas

#### Dicionário

Lista estruturada de **palavras**, **constituintes morfológicos** ou expressões, geralmente organizada por ordem alfabética, contendo informação linguística sobre cada **entrada**, como por exemplo a sua definição, a sua **ortografia**, informação **etimológica**, a classe de palavras a que pertence ou informação sobre **sinónimos**.

### **Dicionário monolíngue**

**Dicionário** que apresenta informação sobre **palavras** de uma só língua.

### **Dicionário de aprendizagem**

**Dicionário** destinado ao ensino do **vocabulário** da língua geral ou das línguas especializadas, que apresenta uma forte componente didáctica baseada sobretudo em descrições, exemplos, exercícios de língua e imagens de apoio à compreensão.

### **Dicionário de sinónimos**

**Dicionário monolíngue** que fornece, para cada **entrada**, uma lista de **sinónimos**.

### **Dicionário etimológico**

**Dicionário** que fornece, para cada **entrada**, informação sobre a sua **etimologia**.

### **Dicionário bilingue**

**Dicionário** elaborado com base numa língua de partida e que apresenta, para cada **entrada**, o seu equivalente noutra língua.

### **Glossário**

**Dicionário** que repertoria **palavras** ou expressões raras, pouco conhecidas ou específicas de um determinado domínio, acompanhadas de uma pequena definição ou de uma tradução.

### **Enciclopédia**

Lista estruturada de **palavras** ou expressões, nem sempre organizada por ordem alfabética, contendo informação geral sobre cada **entrada**, como por exemplo o estado da arte do conhecimento de um tema ou conceito.

### **Terminologia**

Lista organizada de **palavras** próprias de um domínio especializado (científico, artístico, técnico ou tecnológico), acompanhadas ou não das respectivas definições.

### **Thesaurus**

1. **Dicionário** alfabético pretendendo apresentar com exaustividade as **palavras** de uma língua.
2. Conjunto de termos **normalizados**, organizados em função de uma classificação documental da informação.

## **D.2. Informação lexicográfica**

### **Entrada**

Cada uma das **palavras** ou expressões listadas numa obra lexicográfica, para a qual é fornecida informação.

### **Artigo**

Conjunto da informação disponibilizada para cada **entrada** de uma obra lexicográfica.

### **Acepção**

Cada um dos **significados** listados para uma **entrada** num **dicionário**.

## Definição

**Enunciado** que descreve ou explica as **acepções** de uma **entrada** de uma obra lexicográfica.

## Remissão

Informação presente num **artigo** que remete o **leitor** para outra **entrada**.

## Abonação

Texto de **autor** reconhecido utilizado para ilustrar ou justificar o uso de uma **palavra**, expressão ou construção.

## Termo

Palavra para a qual se convencionou um significado único e específico num domínio especializado (científico, artístico, técnico ou tecnológico).

## E. Representação gráfica

Formas convencionadas de representação escrita da linguagem verbal.

### E.1. Grafia

Forma assumida pela codificação de um som ou **palavra** num sistema de **escrita**.

## Letra

Cada um dos sinais gráficos que constituem um **alfabeto**. A cada letra ou conjunto de letras pode corresponder um ou mais sons da língua (i). A **escrita** tem um carácter convencional, pelo que há letras a que não corresponde nenhum som (ii).

## Exemplos

- (i) a. À letra <x>, podem corresponder diferentes sons, em palavras como "exame", "experiência" ou "táxi".
- b. À letra <e>, podem corresponder diferentes sons, em palavras como "menino", "Tejo", "medo" ou "cereja".
- c. O som [z] pode ser representado pela letra <s> (em "casa"), pela letra <z> (em "azar") ou pela letra <x> (em "exacto").
- d. O som [λ] é representado pelo conjunto de letras (ou dígrafo) <lh>.
- e. O som [o] pode ser representado pela letra <o> (em "ovo") ou pelo conjunto de letras (ou **dígrafo**) <ou> (em "ouvi").
- (ii) a. As letras <h> e <c> não correspondem a nenhum som nas palavras "houve" e "acto", respectivamente.

## Alfabeto

Conjunto ordenado das **letras** que são utilizadas na **escrita** de uma língua.

**Exemplo** O alfabeto português integra vinte três letras – <a>, <b>, <c>, <d>, <e>, <f>, <g>, <h>, <i>, <j>, <l>, <m>, <n>, <o>, <p>, <q>, <r>, <s>, <t>, <u>, <v>, <x>, <z> – sendo ainda admitidas, em casos específicos, as letras <k>, <w> e <y>.

## Dígrafo

Grupo de duas **letras** que representa um único som.

## Exemplos

- (i) a. O som [λ] é representado pelo dígrafo <lh>.

- b. O dígrafo <ou> representa o som [o] (em "ouvi"), nos dialectos do Sul.
- c. O som [k] pode ser representado pelo dígrafo <qu> (em "quero").

## **Diacríticos:**

### **Acento gráfico**

Sinal diacrítico que, em casos específicos, assinala a **tonicidade** ou a qualidade de uma **vogal**.

### **Acento agudo**

**Acento gráfico** utilizado para assinalar, em casos específicos, a **vogal** da **sílaba tónica** de uma **palavra** e/ou para marcar a sua qualidade como vogal baixa.

**Notas** O acento agudo pode assinalar a vogal tónica em **palavras esdrúxulas** como "sábado", em **palavras agudas** como "avó", ou pode ser utilizado para assinalar que a vogal de uma sílaba tónica é baixa, isto é, pronunciada com abaixamento do dorso da língua, como em "herói".

### **Acento grave**

**Acento gráfico** utilizado para assinalar a qualidade de uma **vogal** em contexto de **crase**.

### **Exemplos**

- a) à(s);
- b) à(s), àquele(s), àquela(s), àquilo.

### **Circunflexo**

**Acento gráfico** utilizado para assinalar, em casos específicos, a **vogal** da **sílaba tónica** de uma **palavra**, quando esta é uma vogal média.

**Notas** Na palavra "avô", o acento circunflexo assinala a vogal da sílaba tónica e indica que a vogal é média, isto é, pronunciada sem abaixamento ou elevação do dorso da língua. A qualidade média de uma vogal nem sempre é assinalada com acento circunflexo – por exemplo, na palavra "vez", a terminação em <z> é suficiente para marcar a vogal precedente como média, no que contrasta com uma palavra como "vês".

### **Til**

Sinal diacrítico que, no **sistema ortográfico** português, é utilizado para marcar a nasalidade de **vogais** ou **ditongos** em contextos específicos.

**Exemplos** afã(s), lâ(s), mão(s), mãe(s), cãibra, põe(s), ímã(s), órfã(s), galãzinho, irmãzinha, vãmente.

### **Trema**

Sinal diacrítico que foi suprimido por uma das disposições do Acordo Ortográfico de 1945. O seu uso restringe-se à **grafia** de **palavras** derivadas de nomes **estrangeiros**.

### **Cedilha**

Sinal diacrítico que, em português, se coloca debaixo de <c>, antes de <a>, <o> ou <u>, para representar o som [s].

**Exemplos** caça, Açores, açúcar

## Sinais gráficos:

### Hífen

Sinal gráfico utilizado em contextos como a união dos diferentes elementos que constituem algumas palavras **compostas** (i), a união de **pronomes pessoais** átonos pós-verbais ou mesoclíticos a formas verbais (ii) ou a **translineação** de uma **palavra** (iii).

### Exemplos

- (i) Trás-os-Montes, surdo-mudo;
- (ii) dão-lhe, levá-la-ei, far-te-á, apresentou-se-me;
- (iii) ca-sa.

### Apóstrofo

Sinal gráfico utilizado, em português, para assinalar a **supressão** de um ou mais sons.

**Notas** O apóstrofo pode ser utilizado:

- a) para assinalar, no verso, a supressão de uma vogal, por exigência métrica, no princípio, no interior ou no fim de uma palavra, como em "Minh' alma toda cega";
- b) para indicar a elisão da vogal da preposição "de", em contextos específicos, como "d'Almeida";
- c) para indicar a elisão da vogal final das formas santo, santa na ligação dessas formas a nomes do hagiológico, como em "Sant'Ana";
- d) para indicar a supressão de um som ou conjunto de sons, na reprodução de certas pronúncias populares, como em " 'tá".

## E.2. Pontuação e sinais auxiliares de escrita

### Sinais de pontuação

Conjunto de sinais gráficos utilizados, na **escrita**, para representar alguns aspectos da **entoação**, para delimitar constituintes da **frase**, para veicular valores discursivos ou para representar **tipos de frase**. Os sinais gráficos utilizados na pontuação são **ponto** [.], **ponto de interrogação** [?], **ponto de exclamação** [!], **dois pontos** [:], **ponto e vírgula** [;], **vírgula** [,], **reticências** [...] e **travessão** [-].

### Ponto (final)

**Sinal de pontuação** utilizado em contextos como o fim de um **período** (i) ou o fim de uma **abreviatura** (ii).

### Exemplos

- (i) a. Vivo em Lisboa.  
b. Quero dormir.
- (ii) Sr. Dr.

### Ponto de interrogação

**Sinal de pontuação** utilizado em contextos como o final de **frase interrogativa** (i), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (ii).

### Exemplos

- (i) Em que pensas?
- (ii) Quem bateu?...

## Ponto de exclamação

**Sinal de pontuação** utilizado em contextos como o final de **frase exclamativa** (i), depois de **interjeição** (ii), o final de **frase imperativa** (iii), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (iv).

### Exemplos

- (i) Como estás bela!
- (ii) – Oh! – disse admirada.
- (iii) Cale-se!
- (iv) Ah, és tu?!

## Dois pontos

**Sinal de pontuação** utilizado em contextos como a introdução de uma enumeração (i) ou a introdução de um **discurso directo** (ii).

### Exemplos

- (i) Comprou os seguintes livros: gramática, dicionário e selecta.
- (ii) O António encontrou os pais e disse: - Passei no exame.

## Ponto e vírgula

**Sinal de pontuação** utilizado em contextos como a separação de itens de uma **enumeração** (i) ou entre **frases** ligadas por **advérbios conectivos** dentro do mesmo **período** (ii).

## Vírgula

**Sinal de pontuação** utilizado em vários contextos, como por exemplo a intercalação de **orações subordinadas adverbiais** numa frase (i), a intercalação de um **modificador** entre um **verbo** e o seu **complemento** (ii) ou após um **advérbio conectivo** em início de **período** (iii).

### Exemplos

- (i) Os rapazes, quando chegaram a casa, fartaram-se de comer.
- (ii) Os rapazes falaram, com muito maus modos, à avó.
- (iii) Os rapazes estão cansados. Porém, continuam a correr.

## Reticências

**Sinal de pontuação** utilizado em contextos como a interrupção de uma **frase** (i) ou uma suspensão devida a hesitação, surpresa, reflexão ou dúvida (ii), podendo combinar-se com outros sinais de pontuação (iii).

### Exemplos

- (i) - Tu disseste que... - dizia o Pedro, quando a Maria entrou na sala.
- (ii) Eu queria dizer mais coisas...
- (iii) Vais?...

## Travessão

**Sinal de pontuação** utilizado em contextos como o início de um **enunciado** em **discurso directo** (i) ou a intercalação de uma **palavra** ou **frase** (ii).

### Exemplos

- (i) O Pedro respondeu:  
Nunca mais te quero ver.
- (ii) Julgo – e retomou a palavra – que estamos no bom caminho.

## Sinais auxiliares de escrita

Sinais gráficos utilizados para separar, assinalar ou destacar elementos de uma **frase** ou de um **texto** ou com funções convencionadas em contextos específicos de utilização. Entre os sinais auxiliares mais utilizados incluem-se: parênteses rectos ou colchetes [ [ ] ], parênteses curvos [( )], aspas [« »], aspas altas [“ ”], asterisco [ \* ], cardinal [ # ], barra oblíqua ( / ) e chaveta [ { } ].

## E.3. Configuração gráfica

### Tipos de Letra

Diferentes formatos convencionados que uma **letra** pode assumir.

### Letra de imprensa

**Letra** impressa, pelo processo de composição tipográfica ou de fotocomposição, ou a reprodução **manuscrita** deste **tipo de letra**.

**Exemplo** Letra usada neste documento.

### Letra manuscrita

Letra escrita à mão ou a reprodução impressa deste **tipo de letra**.

### Letra maiúscula

Configuração gráfica que cada **letra** do **alfabeto** pode assumir, por oposição à **letra minúscula**, utilizada em contextos específicos, como por exemplo na **grafia** da letra inicial dos **nomes próprios** ou no início de um período.

**Exemplos** Exemplos de par maiúscula/minúscula: Q-q, O-o, R-r

### Letra minúscula

Configuração gráfica que cada **letra** do **alfabeto** pode assumir, por oposição à **letra maiúscula**, utilizada em todos os contextos em que não é requerido o uso de maiúscula.

**Exemplos** Exemplos de par maiúscula/minúscula: Q-q, O-o, R-r

### Abreviatura

Forma convencionada de representação gráfica de uma **palavra** através da escrita de apenas um subconjunto das suas **letras** seguido de um **ponto**.

### Exemplos

"Sr." é abreviatura de "senhor"

"Dr." é abreviatura de "doutor"

"V. Exa." é abreviatura de "Vossa Excelência"

"lit." é abreviatura de "literal"

### Alínea

Forma de subdivisão de unidades textuais que constituem, no seu todo, uma listagem, representada pelas **letras minúsculas** do **alfabeto** e destacada por intermédio de um parêntese.

**Exemplos** Cada um dos itens seguintes corresponde a uma alínea:

a) ...

b) ...

c) ...

### **Parágrafo**

Forma de organização do **texto**, caracterizada pela unidade das ideias nele incluídas, possuindo **sentido** completo e independência sintáctica. O parágrafo distingue-se do **período** por se iniciar em nova linha e é delimitado por **ponto final**, **de interrogação**, **de exclamação** ou **reticências**.

### **Período**

Cada uma das partes constituintes de um **parágrafo**, caracterizada por conter uma ou mais **frases simples** ou **complexas** e por ser delimitada por **ponto final**, **de interrogação**, **de exclamação** ou **reticências**.

### **Espaço**

Configuração gráfica codificada por unidades de medida que serve para separar **parágrafos**, linhas, **palavras** e **letras**.

### **Margem**

Espaço em branco em volta da mancha escrita de uma página, variável segundo as finalidades do **autor** ou as normas instituídas, podendo ser superior, inferior e lateral, direita ou esquerda.

### **Formas de destaque**

Conjunto de recursos de configuração textual utilizados para pôr em relevo uma palavra, frase, parte de texto que se pretende realçar, e ainda palavra, expressão ou frase de uma língua estrangeira. As formas de destaque incluem: **itálico** (cursivo ou grifo) [formas de destaque], **negrito** [formas de destaque], **sublinhado** [formas de destaque], **subscrito** [formas de destaque], **sobrescrito** [formas de destaque].

## **E.4. Convenções e regras para a representação gráfica**

### **Ortografia**

Sistema convencionado de regras que estabelecem, para uma determinada língua, a grafia correcta das **palavras** e o uso dos **sinais de pontuação**.

### **Regras Ortográficas**

Regras conformativas da **norma escrita** de uma língua específica, determinando a **grafia** correcta das palavras e o uso dos **sinais de pontuação**.

**Exemplo** Exemplo de regra ortográfica: o <ç> não ocorre antes de <i> ou <e> ou em início de palavra.

### **Regras de Acentuação Gráfica**

Regras conformativas da **norma escrita** de uma língua específica, determinando o uso correcto dos **acentos gráficos**.

**Exemplo** Exemplo de regra de acentuação: as palavras esdrúxulas são acentuadas graficamente.

### **Regras de Translineação**

Regras conformativas da **norma escrita** de uma língua específica, determinando a forma como se segmentam, na escrita, as **palavras** que não cabem numa mesma linha.

**Exemplo** Exemplo de regra de translineação: as letras dos dígrafos <rr> e <ss> são separadas na translineação.

## E.5. Relações entre palavras escritas e entre grafia e fonia

### Homonímia

Relação entre **palavras** que partilham a mesma **grafia** e são pronunciadas da mesma forma, mas que têm **significados** distintos.

**Exemplos** Existe homonímia entre:

canto -> **verbo** cantar, presente do indicativo, 1ª p.s.

canto -> **nome masculino**

### Homofonia

Relação entre **palavras** que são pronunciadas de forma idêntica, apesar de terem, normalmente, **grafias** distintas.

**Exemplos** passo / paço; sem / cem.

### Homografia

Relação entre **palavras** que têm a mesma **grafia**, apesar de serem, normalmente, pronunciadas de forma distinta.

**Exemplos** Existe homografia entre: sede -> vontade de beber sede -> local

### Paronímia

Relação entre **palavras** com **grafias** próximas.

**Exemplos** perfeito / prefeito; emigração / imigração; previdência / providência;  
cumprimento / comprimento; discricção / descrição; dispensa / dispensa.